



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Economia Política

A Inclusão Social através de uma Economia Alternativa: Subjetividades

Mariana Silva Santos

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Economia Social e Solidária

Orientador(a):

Professora Doutora Maria de Fátima Palmeiro Baptista Ferreiro, Professora Auxiliar,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2014



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Economia Política

A Inclusão Social através de uma Economia Alternativa: Subjetividades

Mariana Silva Santos

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Economia Social e Solidária

Orientador(a):

Professora Doutora Maria de Fátima Palmeiro Baptista Ferreiro, Professora Auxiliar,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2014

“Tudo o que um sonho precisa para ser realizado é alguém que acredite que ele possa ser realizado.”

Roberto Shinyashiki

Os sonhos, metas e objetivos são definidos pelo próprio indivíduo. No entanto a realização e o alcance dos mesmos além do empenho e dedicação que exigem, só são possíveis pela ligação do indivíduo às pessoas que estão ao seu redor e que acreditam nesses mesmos.

Agradeço a todos aqueles que passaram por esta etapa muito importante da minha vida e por mais um objetivo alcançado.

À minha família o amor incondicional, o apoio e as palavras de força em todos os momentos.

Aos meus amigos o carinho e a confiança demonstrada em todo o percurso.

À minha orientadora, Professora Maria de Fátima Ferreiro, o acompanhamento e carinho ao longo de todo o caminho. A disponibilidade, a partilha de conhecimento e a aposta nesta investigação.

Ao ISCTE, o seu bom funcionamento e o ensino que me foi proporcionado.

Ao diretor de curso, Professor José Manuel Henriques, o acompanhamento e preocupação com os alunos.

A todos os professores com quem tive o prazer de me cruzar, que influenciaram de alguma forma esta passagem pelo ensino, através do conhecimento partilhado e de todas as reflexões.

Aos meus colegas de turma, o apoio, a confiança, o acompanhamento, as experiências partilhadas e a cooperação.

Às instituições presentes nesta investigação pela forma amável com que se disponibilizaram a cooperar, o que assim tornou possível a sua realização.

Resumo

Portugal está a atravessar um contexto socioeconómico vulnerável deparando-se com problemas sociais cada vez mais acentuados como a pobreza, a exclusão social e o desemprego. É neste contexto de vulnerabilidade que a Economia Solidária ganha ênfase. Enquanto alternativa, os seus princípios assentes na solidariedade e na democracia são cada vez mais apontados como uma das soluções para enfrentar os muitos e diversos problemas sociais que se fazem sentir.

A presente dissertação procura perceber as subjetividades de quem trabalha em instituições de economia não convencional através de dimensões como a inclusão social, a identidade social, as relações laborais e o trabalho em organizações desta área. Foi feito um estudo de caso no concelho de Alcobaca considerando diferentes instituições.

Através da subjetividade dos trabalhadores das mesmas percebe-se que os laços criados nas relações laborais que mantêm modificam a forma como estes se posicionam na sociedade. É importante também salientar que este estudo de caso revela que os valores com que lidam no quotidiano profissional modificam em muito a vida de cada um e dos que os rodeiam.

Palavras-Chave: Economia Solidária, Inclusão Social, Identidade Social, Trabalho.

Abstract

Portugal faces a economic crisis involving pronounced social problems such as poverty, social exclusion and unemployment. It is in this context of vulnerability Solidarity Economy acquires a new relevance. This alternative, its principles based on solidarity and democracy, are increasingly perceived as a solution to the social problems that are felt.

The present dissertation analyses the subjectivities of those who work in institutions of economy not conventional through dimensions, such as social inclusion, social identity, labor relations and organizations in this area. A case study was made in the municipality of Alcobaça considering several institutions.

Regarding the subjectivity of the employers of the institutions under study, is possible to note that the bonds created through the labor relations maintained by the actors, modify their positions in society. Is also important to highlight that this case study reveals that the values with which they labor in the professional quotidian changes their lives and the life of the people with whom they are connected.

Keywords: Solidarity Economics, Social Inclusion, Social Identity, Work

Índice

I.	Contexto	1
II.	A crise económica em Portugal	3
	A crise económica em Portugal: uma Interpretação	3
	O papel da Economia Solidária em contextos de crise	5
III.	Economia Solidária, Identidade Social e Inclusão Social	7
	A Economia Solidária	7
	Identidade Social	8
	Inclusão Social.....	10
	A Inclusão Social ´alternativa`	11
IV.	Trabalho como Identidade Social	15
	A Inclusão Social e as relações de trabalho.....	15
	Trabalhar em organizações de Economia Solidária.....	16
V.	Aspetos Metodológicos	19
	Estudo(s) de caso(s).....	19
	Técnicas.....	19
VI.	O trabalho, a Inclusão Social e as empresas de Economia Solidária: o caso do concelho de Alcobaça	21
	Alcobaça: a cidade e os seus habitantes	21
	As organizações	22
VII.	Resultados da Análise	29
	Caracterização sociodemográfica dos entrevistados	29
	Percurso académico e profissional dos entrevistados	30
	Caracterização das organizações	31
	Subjetividades	39
	Valores	39
	Desenvolvimento Pessoal	42
	Mudança	44

Na vida em geral.....	44
Os problemas sociais e a consciencialização	46
Na ajuda aos outros.....	48
Perspetivas Futuras.....	49
Em Síntese	51
VIII. Conclusão.....	53
IX. Bibliografia	55
X. Anexos	59

Índice de Figuras

Gráfico 1.1 – Género dos Indivíduos.....	pág. 29
Gráfico 1.2 – Residência dos Indivíduos	pág. 29

Glossário de Siglas

CEERIA – Centro de Educação Especial, Reabilitação e Integração de Alcobaça

FMI – Fundo Monetário Internacional

INE – Instituto Nacional de Estatística

IRC – Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Coletivas

IRS – Imposto sobre o Rendimento de Pessoas Singulares

IVA – Imposto sobre o Valor Acrescentado

RSI – Rendimento Social de Inserção

I. Contexto

Vive-se hoje uma crise económica e financeira que teve início em 2008. De uma Europa estável, passamos a uma Europa que padece de uma série de graves problemas económicos, financeiros, sociais e culturais, que reclamam por soluções urgentes.

As soluções que são necessárias sob um panorama de uma grave crise económica acabam, muitas vezes, por partir de reflexões acerca dos modos de vida que se têm adotado até então, assim como o que estes têm provocado, e tudo o que era visto como inquestionável passa a ser questionável. Como afirma Cattani et al, “Encontrar respostas diante dessas mutações da economia e da política é uma tarefa crucial” (Cattani et al, 2009:162).

Num mar de dúvidas sobre as opções que se têm tomado, o que até então era desvalorizado e tido como antigo ressurgente e adapta-se às novas exigências da sociedade. O antigo passa a ser a solução para muitos dos problemas ditos modernos. Começam a surgir movimentos que defendem “novos” modos de vida e começa a dar-se valor a aspetos colocados de lado até aqui. A identidade, através do tradicional e do local, volta a ganhar valor uma vez esquecida com a globalização e os padrões que esta incutiu.

É sobre um panorama de fragilidade e de uma necessidade de desenvolvimento da sociedade que a Economia Solidária ganha destaque porque questiona o sistema económico capitalista.

A Economia Solidária é uma economia dita “alternativa” pois difere essencialmente da economia convencional. A Economia Solidária, não tem como objeto central o interesse individual, o ganho material ou a obtenção de lucro. É uma economia que dá primazia ao bem-estar dos indivíduos assim como aos fenómenos que os rodeiam tendo por base uma melhoria da condição de vida dos indivíduos, uma redistribuição equitativa e iniciativas que assumem como primazia a solidariedade, expressando-se assim por uma socialização dos recursos produtivos e a adoção de critérios igualitários (Cattani et al, 2009).

Antes de se formular qualquer conjuntura ou interrogação relativamente ao contributo que a Economia Solidária pode trazer para a crise é importante perceber quais as suas implicações, contornos e tendências, para os indivíduos que desenvolvem a sua atividade profissional neste campo. Para nós faz sentido tentar perceber através da subjetividade dos próprios indivíduos *O que concede a Economia Solidária de diferente aos indivíduos que trabalham nesta área?*

De modo a perceber o que a Economia Solidária tem de diferente para os indivíduos que trabalham nesta área, pretende-se verificar o que muda na vida destes indivíduos com o trabalho nesta área; quais são os valores e os princípios que lhe são transmitidos; qual o seu envolvimento na

organização; o que fica para além da função desempenhada e até mesmo o sentimento de inclusão na sociedade.

Com o objetivo de responder à interrogação acerca do papel da Economia Solidária na sociedade e como esta se pode tornar uma solução para a crise económica através de um modo de vida complementar, esta dissertação inicia-se com uma reflexão em torno do contexto de Crise Económica e Financeira refere-se o papel que esta 'outra' economia ganha em contextos de crise; apresentam-se de seguida conceitos como Economia Solidária, Identidade Social e Inclusão Social; tenta perceber-se como é trabalhar em organizações de Economia Solidária através da noção de identidade e inclusão social pelo trabalho; a apresentação de um estudo de caso permite explorar a vivência e o que há para além da vivência dentro de uma empresa que tem por base os princípios da Economia Solidária.

II. A crise económica em Portugal

✓ A crise económica em Portugal: uma interpretação

Este capítulo aborda a crise económica em Portugal, as medidas de austeridade implementadas e as suas consequências. Evoca este problema que é fundamental para uma contextualização das atividades e das respostas vindas da economia solidária. Assim, e segundo vários autores, uma das mais gravosas consequências da crise que afeta a economia portuguesa prende-se com o crescimento acelerado do desemprego e da pobreza (Abreu et al, 2013).

A crise que teve início em 2008 fez-se sentir em todos os países da União Europeia (UE). Contudo, o seu impacto divergiu nos diferentes países. Esta diferença de impacto entende-se quando se olha para a economia de cada país em questão e se percebe que não partem todas do mesmo ponto, apresentam diferenças, e, deste modo, o impacto da crise será também diferente. A correlação que existe entre a especialização económica e a evolução do endividamento de cada país é fácil de perceber (Abreu et al, 2013). A crise decorre de sucessivos desequilíbrios macroeconómicos entre os vários Estados-Membros da UE, onde vários países acumulam excedentes ao longo dos anos e outros défices externos. Estes desequilíbrios começam a acentuar-se desde o início da década de 1990, resultando da liberalização e desregulamentação do sistema financeiro. A desregulamentação do sistema financeiro é também defendida por outros autores como fruto de gestões mais ambiciosas por parte dos maiores bancos americanos infetando assim todo o setor financeiro (Silva, 2010). A inadequação das regras e decisões tomadas pela UE atendendo à diversidade de características estruturais das economias (Abreu et al, 2013), assim como a concorrência de países como a China são outros fatores apontados para o despoletar desta grave crise.

O facto de Portugal, com uma população que ronda os 10 milhões de pessoas, apresentar uma taxa de desemprego de cerca de 20% (Abreu, 2013) significa que milhares de pessoas estão perante uma situação de pobreza. A compressão da procura interna é entendida como consequência do desemprego e do emprego precário. Daí resulta uma contração económica que faz diminuir as receitas fiscais e aumentar as despesas na área social, agravando assim as contas públicas (Abreu, 2013).

Segundo Rosa e Abreu e outros (2013), depositar na austeridade a solução para a correção dos problemas financeiros do Estado com cortes nos rendimentos dos trabalhadores, pensionistas e com aumentos exacerbados de impostos, só afunda ainda mais a situação económica do país, provocando uma maior destruição do emprego, deixando a situação pior do que se encontrava antes de serem tomadas estas medidas.

Em 2011 é assinado um plano de cooperação económica com o FMI (Fundo Monetário Internacional) com a intenção de salvar o país do “descalabro económico”. Várias políticas de austeridade fizeram-se sentir nos últimos três anos em Portugal. Estes três anos foram marcados por medidas difíceis de suportar para os portugueses, onde além de uma carga económica elevada viram muitos dos seus direitos e regalias serem cortadas. Após um olhar sobre o Memorando de entendimento sobre as condicionalidades de política económica clarificam-se as medidas tomadas ao longo destes três últimos anos:

A área da educação sofreu alterações de acordo com o programa de austeridade: registou-se uma redução dos custos na área da educação, foram criados agrupamentos escolares de modo a que se estabelecesse uma racionalização da educação permitindo assim diminuir a necessidade de contratação de recursos humanos.

A área da saúde foi outra área afetada pelas políticas de austeridade: observou-se uma redução dos custos na área da saúde, aumentando as taxas moderadoras e os restantes serviços de saúde e suspendendo a maioria das isenções para pensionistas e desempregados; assistiu-se à redução de custos com medicamentos e outros sistemas públicos de saúde.

A área das contribuições dos portugueses foi a que mais impacto teve; notou-se um elevado aumento dos impostos, a congelação e restrição de todos os benefícios fiscais e IRS; a eliminação de todas as taxas reduzidas de IRC; a redução dos créditos de imposto; a alteração da tributação sobre o património; o aumento das receitas do IVA, através da redução das isenções; aumento dos impostos sobre o consumo, os veículos, o tabaco, a eletricidade e o gás, vários produtos foram sujeitos à passagem de taxa mínima para taxa normal, assim como o aumento dos transportes públicos.

Procedeu-se a uma redução nas despesas sociais, as pensões foram congeladas; subsídios sociais como o RSI (Rendimento Social de Inserção), o subsídio de desemprego, tal como outros subsídios viram os seus valores reduzidos.

O mercado de trabalho também sofreu várias alterações; registou-se um aumento nas contribuições de todos os trabalhadores para a segurança social, um congelamento de admissões e progressões de carreira na função pública e um grande corte dos subsídios de férias e natal; a segurança dos trabalhadores diminuiu com a facilitação do despedimento.

O desemprego, além de aumentar em larga escala, viu serem reduzidas as suas prestações e o seu tempo de duração (Memorando de entendimento sobre as condicionalidades de política económica, 2011, Conselho Europeu).

Todas estas medidas foram justificadas pelo alcance de uma estabilidade económica, onde o sacrifício era aceite como normal, tal como a perda de direitos adquiridos até então. Teme-se que

depois de todas estas medidas de austeridade, mesmo assim, o valor de toda a riqueza gerada em Portugal seja menor que antes de haver uma intervenção do FMI (Rosa, 2013). Ainda segundo o mesmo autor, haverá cada vez menos empregos e, a dívida pública continua a aumentar fazendo aumentar também os juros.

Perante um cenário de instabilidade económica e de descrença política, os problemas sociais tendem a aumentar, como a pobreza, o desemprego e a exclusão social. Com o aumento destes graves problemas sociais nascem necessidades urgentes de soluções que ponham termo a determinados valores e começam a ser valorizados outros modos de vida. Num próximo capítulo analisa-se justamente o espaço de modos alternativos de vida em contextos de crise.

✓ O papel da economia solidária em contextos de crise

Neste subcapítulo abordaremos o papel que esta “outra” economia, a Economia Solidária, ganha em contextos de crise, tentando assim perceber como surge e porque surge uma elevada reflexão em torno do conceito de Economia Solidária numa altura em que se atravessa uma profunda crise económica.

As situações de crise económica e financeira podem desencadear novos modos de vida e de alternativas ou complementares que compensem as falhas do modelo económico capitalista. Muitas das práticas de Economia Solidária levadas a cabo por cidadãos que se organizaram de livre vontade de acordo com as suas necessidades e interesses (Leite, 2009), vingaram e deram a conhecer os seus frutos no que diz respeito ao bem-estar dos indivíduos, (Gaiger, 2013). Como afirma Rui Namorado “(...) a economia solidária tem que passar a ser encarada como um tipo de prática que por si própria induz consequências positivas para a sociedade: produz bens, presta serviços, induz coesão social e criatividade pessoal” (Namorado, 2009:72). A Economia Solidária caracteriza-se por um modelo económico (Namorado, 2009), que vê a sua ação desencadear-se em contextos civis e por práticas de organização comunitária e associativa (Leite, 2009), promovendo identidades que se haviam perdido, laços de confiança, interajuda e capacitação para a ação coletiva (Gaiger, 2013) de forma a responder a necessidades criadas por problemas como o desemprego, a exclusão social e a pobreza, o reforço dos laços sociais e até mesmo profissionais só é possível uma vez que os modelos de organização assentam na democracia e na solidariedade.

A Economia Solidária assume outra particularidade quando se mostra compatível com o modelo capitalista, assumindo então a particularidade de complementaridade (Namorado, 2009), opondo-se apenas aos princípios e aos efeitos gerados pelo modelo capitalista (Gaiger, 2013).

O contexto de crise em Portugal justifica a abertura significativa a outros ideais de vida, onde a justiça, a redistribuição e a humanização imperam (Cattani et al, 2009). Economia Solidária baseia-se nos princípios democráticos e solidários, possibilitando a resolução de muitos dos problemas sociais com que nos deparamos.

III. Economia Solidária, Identidade Social e Inclusão Social

✓ A Economia Solidária

Com o equacionar da pertinência da Economia Solidária na resolução de vários problemas sociais, urge definir o conceito de Economia Solidária com o propósito de perceber o que é esta “outra” economia.

A origem da Economia Solidária remonta ao séc. XIX e encontra as suas raízes na Economia Social no seio de problemas sociais originados pela revolução industrial, sobretudo na defesa dos trabalhadores industriais. Ao longo do tempo, esta economia sofreu alterações de acordo com as respostas que vinham a ser necessárias. A modernidade trouxe consigo novos problemas e a Economia Social passou a ser insuficiente nas respostas que eram necessárias.

Entende-se que a Economia Solidária se espalhou fortemente por todo o mundo na década de 1980 (Jané, 2010), começando na década seguinte (1990) a emergir muitas iniciativas cujos princípios se baseavam nesta economia (Gaiger, 2013; Henriques, 2010).

A Economia Solidária é uma economia complementar e com um caráter plural, pois pretende dar respostas a vários níveis, contemplando várias componentes da vida em sociedade. Opõe-se ao individualismo utilitarista proporcionado pelo capitalismo (Henriques, 2010) e pode ser definida da seguinte forma: “um conjunto de práticas económicas, ou seja, atos de produção, comercialização, consumo e crédito prosseguindo a satisfação de necessidades em vez do lucro e que se regem por valores de cooperação, solidariedade, democracia, igualdade e sustentabilidade (Jané, 2010: 26).”

Estas práticas económicas que surgiram em grande número durante a década de 1990 manifestam-se em atividades de natureza associativa, com práticas de cooperação e de autogestão (Gaiger, 2013), produção igualitária, como o comércio justo, finanças éticas, consumo responsável, assim como a geração e preservação de bens comuns (Jané, 2010). Estas vivências do bem comum dão um novo valor às noções de justiça e de interesse público (Gaiger, 2013). Têm ainda em consideração o conceito de solidariedade na sua formação e na sua organização o envolvimento quotidiano dos seus membros, a socialização dos recursos produtivos e a adoção de princípios de igualdade participativa e redistributiva (Gaiger, 2013).

Muitas práticas baseadas na Economia Solidária expressam-se das mais variadas formas como por exemplo empresas de inserção, cooperativas de produção, consumo e de crédito, fundações e associações de intervenção social, sociedades laborais, hortas comunitárias, sistemas locais de troca, comunidades produtivas autóctones cantinas, redes e clubes de trocas, sistemas de comércio justo e de finanças, grupos de produção ecológica, associações de mulheres, serviços de proximidade (Jané, 2010; Gaiger, 2013; Cattani et al, 2009).

Observam-se estratégias associativas e práticas cooperativas que tentam garantir e melhorar condições de vida em situações precárias (Gaiger, 2013) dos seus participantes e do contexto onde se inserem (Jané, 2013) e a criação de rendimento e de coesão social (Gaiger, 2013; Jané, 2010). A criação de postos de trabalho e de melhor qualidade, a redução do impacto ambiental de muitas atividades humanas, o combate à pobreza e à exclusão social e a promoção do desenvolvimento local são potencialidades da Economia Solidária avançadas por Jané (2010).

Entende-se que a ação coletiva promovida pela Economia Solidária proporciona como afirma Gaiger: “ (...) novos sujeitos no mundo laboral, nas estratégias de classe e nas lutas de cidadania, de desejo de bem-estar, reconhecimento e vida significativa” (Gaiger, 2013:213).

As mudanças no modelo de acumulação capitalista e os seus efeitos na reconfiguração mundial dos mercados, das estruturas e das cadeias produtivas, trouxeram, uma grande notoriedade à Economia Solidária, demonstrando que, e como afirma Jané:” (...) uma outra economia mais justa, democrática e sustentável é possível (2010:27). A promoção destes aspetos foi incentivada, de algum modo, pela crise económica de 2008 que atingiu gravemente o trabalho assalariado, e cujas consequências se espelham em elevados níveis de desemprego, insegurança económica, exclusão social e pobreza. Com uma origem ligada à resolução de problemas sociais que nos remete para a Revolução Industrial, a Economia Solidária ganha ênfase e promete vingar enquanto expressão económica devido às condições que oferece à sociedade que anseia por respostas aos graves problemas económicos e sociais que atravessa.

✓ Identidade Social

Na reflexão sobre a resposta da Economia Solidária em contexto de crise é importante considerar o conceito de identidade social.

O conceito de identidade social tem sido apresentado como um conceito dinâmico e tem sido adotado para compreender a inserção do sujeito no mundo e a sua relação com o outro. A identidade é a localização num certo mundo, só pode ser subjetivamente proporcionada juntamente com este mundo (Coutinho, 2007) e é formada pelas crenças que se produzem e reproduzem no contexto das interações sociais (Prette et al, 2003). Pensar esta inserção implica reconhecer uma ligação do indivíduo com a sociedade (Coutinho, 2007), ou seja uma perspectiva de relação entre indivíduo e grupo (Prette et al, 2003), na qual um se identifica e se transforma a partir do outro: o sujeito compreende a realidade e reproduz a sua prática social. Enquanto membro integrante da sociedade o indivíduo conforme exterioriza o seu modo de ser no mundo também o interioriza pelo processo de socialização primária e secundária (Coutinho, 2007).

O estudo da identidade social relaciona-se com a análise dos processos de socialização através dos quais o indivíduo se desenvolve como pessoa e como membro de uma sociedade, constituindo, assim, as suas identidades (social e pessoal) como processos inseparáveis. Destaca-se,

então, que se entende a socialização como um processo de apropriação da vida quotidiana (Coutinho, 2007). A identidade social de um indivíduo parte da criação de grupos e da sua percepção de pertença a estes. Existem dois tipos de grupos, duradouros e efémeros. Os grupos duradouros fazem parte das organizações sociais e instituições como por exemplo a família e a igreja (Prette et al, 2003). São definidos por grupos efémeros todos aqueles que se formam em duas linhas, situações sociais e processos de identificação entre os membros (Prette et al, 2003). No que diz respeito à formação do grupo, a situação social pode ser uma condição necessária, já o processo de identificação entre os constituintes é por si só uma condição suficiente. As situações sociais formam-se a partir da cultura em que o sujeito e o grupo agem (Prette et al, 2003). O conceito de identidade social tem sido utilizado no campo da Psicologia Social quando é referida a pertença a grupos sociais e ao lugar ocupado por estes na constituição identitária de cada indivíduo (Coutinho, 2007).

No mercado de trabalho o atual contexto socioeconómico uma fragmentação dos sujeitos, colocando a identidade destes numa situação frágil. Contudo, esta fragilidade no que diz respeito à identidade é colmatada por novos processos de identificação pelos quais os indivíduos vão passando. Partindo deste pressuposto nasce a ideia de que a análise do processo de identificação possibilita compreender o modo como se desenrola a integração do sujeito no meio destes processos de identificação.

Na via laboral, com todas as mudanças que o indivíduo se depara, pode encontrar uma realidade completamente diferente da que estava habituado, o que faz com que tenha de se adaptar a outros processos de identificação com novas estratégias consoante as necessidades que lhe vão sendo impostas (Vasconcelos et al, 2002). A aprendizagem de novas estratégias de identificação pode levar o sujeito a tomar consciência de novas lógicas de ação e de realidade que não correspondem à sua lógica ou ao seu processo de socialização. Tudo o que havia sido desenvolvido pelo sujeito no passado, os recursos intelectuais, afetivos e cognitivos, como os valores e a visão que tem sobre o mundo podem não servir mais para compreender, decidir e agir no mundo à sua volta. O confronto entre o sujeito e os seus valores e características que tinha garantidas, como sendo a sua base, será maior à medida que o sujeito se sentir cada vez mais oprimido com as novas práticas que se instalam à sua volta, o que o fará equacionar e reorganizar os seus valores e características de modo a compreender esta “outra” realidade.

Esta reorganização que tem como objetivo compreender o mundo à sua volta irá integrar uma nova visão que contemple as suas experiências passadas e as novas percepções que tem vindo a absorver, de modo a permitir-lhe encontrar novos meios de ação. Assim estas novas estratégias de relações interpessoais que o indivíduo adquire são fruto de uma aprendizagem de relações de trabalho. No que concerne à aprendizagem pela descoberta e experimentação, a estrutura de trabalho tem uma diferente influência no desenvolvimento da capacidade cognitiva e analítica dos indivíduos, uma vez que alguns têm uma enorme oportunidade de experimentação, outros vêem esta mesma ser reduzida limitando as oportunidades pessoais de desenvolvimento sociopolítico.

A identidade, como já foi referido anteriormente, é constituída pela relação do 'eu' com o mundo, e isso implica as vivências do sujeito, assim como a interpretação que faz destas mesmas; contudo há ainda outro aspeto que define grande parte da identidade de um sujeito as relações laborais. O sujeito passa uma grande parte do tempo a desempenhar a sua atividade laboral o que constitui muito da sua identidade social uma vez que se insere num ambiente onde as condições de trabalho são comuns, os espaços de interação, o acesso e o controlo do mesmo tipo de recursos, todos estes aspetos em comum propiciam aos indivíduos processos de identidade e entendimento idênticos (Vasconcelos et al, 2002).

Percebe-se que a identidade é um processo sistemático e contínuo, resulta da noção de 'eu' do indivíduo e da noção que este tem, do lugar que ocupa na sociedade, influenciado pela cultura e pelas relações sociais. Todo este sentimento de identidade tem vindo a ser fragilizado devido aos tempos conturbados a nível de mudanças sociais, o que leva a que novos processos colmatem as fragilidades provocadas pela quebra do sentimento de identidade. Este sentimento reflete a forma como o sujeito se vê no mundo em que está inserido, o que nos leva para a análise de outro conceito, o conceito de inclusão social, analisado no subcapítulo seguinte.

✓ Inclusão Social

A Economia Solidária e os princípios que esta tem como base da sua atuação assentam na inclusão social. É, assim, pertinente definir o conceito de inclusão social, depois de entender o conceito de identidade social, de modo a clarificar a potencialidade da economia solidária neste campo.

O conceito de Inclusão Social é definido como um processo que garante que todos os indivíduos beneficiem de um nível de vida e bem-estar considerado normal na sociedade em que vivem e acedam de igual forma às oportunidades e aos recursos necessários na esfera económica, social e cultural (Alvino-Borba, 2011). Este conceito baseia-se também na aceitação de todos os indivíduos na sociedade com todas as suas diferenças com direito a participarem de igual forma na sociedade em que estão inseridos (Freire, 2008). Assegurar recursos como a escola, o emprego, a saúde e a proteção social são ainda outras premissas deste conceito, tal como alcançar a estabilidade social pela cidadania social, sustentando que todos os cidadãos têm os mesmos direitos na sociedade (Alvino-Borba, 2011). Este conceito respeita fatores como programas institucionais de encontro à exclusão social; a justiça social e solidariedade social; segurança; proteção; segurança social; democracia; oportunidades de participação políticas; melhoria do capital humano pela via da educação, da formação e de empregos de melhor qualidade; (re) inserção no mercado de trabalho; valorização dos indivíduos não olhando a religião, etnia, género ou diferença de idade. Todas as ações da inclusão social requerem uma ação política responsabilizando-se assim, o Estado pela implementação de programas de inclusão social (Alvino-Borba, 2011).

✓ - A inclusão social 'alternativa'

Com o desenrolar dos problemas após a crise económica de 2008, tanto a Economia Solidária como a inclusão social ganharam um sentido nunca antes adquirido.

No que diz respeito à economia solidária, a inclusão é um princípio base que esta pretende assegurar; deste modo, nos dias de hoje, e em contexto académico quando se discute inclusão social rapidamente se refere o conceito de economia solidária, uma vez que tem vindo a dar provas das suas capacidades neste campo. É assim cada vez mais frequente a participação do terceiro sector no combate à exclusão social. Este combate é possível através do encontro da uma identidade, de uma função na sociedade, de compromissos com regras partilhadas por outros e de aprendizagens pré-laborais. Em muitos destes casos, estas organizações são verdadeiras escolas de cidadania e democracia (Estivil, 2003).

Segundo José Manuel Henriques “os recursos são funcionais para a realização de propósitos humanos, é a capacidade de realizar propósitos que transforma em recurso qualquer entidade social” (Henriques, 2010). A integração económica associou o alargamento de possibilidades de diminuição da dependência do mercado na satisfação de necessidades e de acesso ao rendimento com ação pró-ativa na promoção de “percursos de inserção” ou animando a criação de novas formas organizativas (microempresas, empresas sociais...). Estas novas formas foram identificadas como formas possíveis de concretização (Henriques, 2010). Ainda segundo o mesmo autor, em contexto de desemprego torna-se mais claro como a dimensão económica da ação contra a pobreza e contra a exclusão não pode ocorrer simplesmente através de uma focalização centrada apenas na promoção de acesso ao emprego (Henriques, 2010).

Em tempos de crise nas sociedades contemporâneas, as noções de Economia Social e Solidária, tal como outras noções emergentes assentam num movimento de reconstrução do pensamento económico e de construção de “outra” Economia, como resposta às insuficiências demonstradas até então pela economia ortodoxa.

O aparecimento de “outras” economias, deve-se à crise do Estado-Providência, que passando por uma crise financeira, económica e ética, deixou de conseguir garantir proteção social e formas de resposta à pobreza e à exclusão social, registando assim a promoção e o surgimento de formas solidárias de organização coletiva. O acesso ao emprego e ao rendimento não são é só por si uma forma de integradora exequível. Segundo Henriques (2010: 93) a realização dos direitos sociais tem de ser assegurada de forma mais ampla;

“ (...) em contexto de desemprego persistente a níveis muito elevados, torna-se mais claro como a dimensão «económica» da ação contra a pobreza, a «integração económica» não pode ocorrer simplesmente através de uma focalização exclusiva da ação na promoção de acesso ao emprego. Não só por ser cada vez mais difícil pelas vias convencionais (colocação, formação profissional, etc.) como por ser cada vez mais insuficiente”.

O autor avança ainda com a ideia de que a criação de iniciativas em pequena escala e o autoemprego, suportados pelo microcrédito são oportunidades que devem ser ainda muito exploradas (Henriques, 2010).

A Economia Solidária permite garantir o papel do Estado que se vê reduzido numa situação de grande fragilidade, concedendo às políticas públicas a garantia da coesão e proteção social com base em respostas inovadoras que têm como princípio base de ação a solidariedade, levando assim a uma abertura das políticas públicas aos desafios que as sociedades contemporâneas atravessam (Henriques 2010). O contributo fulcral assente na Economia solidária passa pelas relações sociais, os valores e as ideias que movem os cidadãos pela semelhança, pelas mudanças de comportamentos e atitudes em prol de um objetivo comum.

Após uma análise do Relatório conjunto sobre Proteção¹ Social e Inclusão Social de 2009 percebe-se que a atenção dada a novas estratégias de inclusão é necessária para a sociedade contemporânea: “São necessárias estratégias globais de inclusão ativa, que conjuguem medidas equilibradas que visem assegurar mercados de trabalho inclusivos, o acesso a serviços de qualidade e um rendimento mínimo adequado (Conselho Europeu, 2009: 2)”.

Os impactos sociais são um aspeto a ser acompanhado de perto de modo a que as suas consequências sejam reguladas da melhor forma. Neste sentido, vários Estados-Membros da UE adotaram o modelo participativo com o objetivo de garantir a proteção social. Os cidadãos começam a refletir e a dar o parecer quanto às medidas que devem ser tomadas em relação à proteção social de que são alvos. Contudo, esta participação ainda não é suficiente, há um grande esforço a fazer neste sentido (Conselho Europeu, 2009).

Contrariamente a Henriques (2010), o relatório do Conselho da União Europeia de 2009, aposta numa inclusão através de um emprego de qualidade e a inserção no mundo do trabalho. Percebe-se aqui uma separação de aspetos que segundo Henriques (2010) são inerentes a uma inclusão social completa. A inclusão não poderá ser vista como algo linear e separado das demais componentes que envolvem o indivíduo em sociedade.

A Economia Solidária está também presente como uma das soluções apontadas pelo Conselho da União Europeia, defendendo o apoio a pessoas que se encontrem numa situação vulnerável. Estas devem ser apoiadas por iniciativas de Economia Solidária uma vez que lhes concede acesso a serviços de qualidade eliminando barreiras sociais, adquirindo assim uma inclusão sustentável (Conselho Europeu, 2009).

Percebe-se também, que ainda há um longo caminho a percorrer no que diz respeito à inclusão social, mas cada vez mais vêm sendo feitos esforços neste campo, e campanhas de promoção a um nível local fazendo esforços de aumento de eficácia, gerindo e racionalizando custos sobre sistemas de trocas e partilha.

¹ Relatório conjunto sobre proteção social e inclusão social 2009 do Conselho da União Europeia, 2009

A Economia Solidária é cada vez mais apontada como um bom mecanismo para se obter uma inclusão social sustentável, os seus princípios assentes na solidariedade e a sua organização em prol de um interesse coletivo, criam condições de socialização e identificação que permitem que o indivíduo se sinta integrado no seu ambiente, aumente o sentimento de pertença e veja a sua opinião e os seus ideais espelhados nas suas trocas sociais.

Num ponto posterior, pretende associar-se o trabalho à identidade social, e perceber de que forma as relações laborais dão forma à identidade social dos indivíduos.

IV. Trabalho como Identidade Social

✓ A inclusão social e as relações de trabalho

A relação entre a Inclusão Social e as relações laborais será explorada de seguida pela visão de vários autores, cruzando assim os aspetos que ligam o sentimento de inclusão social e as relações laborais dos indivíduos.

O trabalho assume-se como um elemento fulcral na identidade do indivíduo, tal como tudo o que o envolve, as relações laborais, o sentido de semelhança pelas ordens que acarreta e as práticas que o identificam com ou outros, assume-se que o espaço de trabalho propicia laços entre os indivíduos e estes laços criam identidades (Souza et al, 2005) fazendo assim com que o trabalho além de ser uma atividade, é uma forma de relação social (Costa et al, 2011). Estas identidades são comprovadas por pessoas que perderam os seus trabalhos e garantem que o trabalho é muito mais do que uma fonte de rendimento e afirmam perder a sua dignidade, a sua afirmação pessoal e um grande leque de relações sociais. Percebe-se, assim, a estreita relação entre cidadania, identidade e trabalho (Souza et al, 2005).

As relações sociais mantêm alguns cidadãos à margem, formando assim uma camada da população excluída, sem formação, sem emprego, sem reconhecimento e sem poder, contudo, a sociedade tem o poder de ser unir e trabalhar em conjunto a partir de objetivos comuns (Souza et al, 2005). Apesar de todas as dificuldades inerentes ao contexto, a construção dos processos identitários ainda se continua a formar pelas relações de trabalho. Estamos perante posições de sujeitos transitórias e efémeras mas que continuam a ter uma grande coerência e continuidade na história de vida de cada um (Coutinho, 2007).

Esta construção dá-se de forma diferente na contemporaneidade; no entanto, ainda hoje o sujeito procura estabelecer as suas experiências quotidianas num conjunto relativamente estável, que pode ser entendido como o seu 'eu'. Na atualidade estão presentes as dimensões das mudanças e da continuidade que requerem que o sujeito se identifique, a cada momento, com algo novo e observem, nas suas trajetórias, a noção de passado, presente e futuro no mundo laboral.

No mundo do trabalho a exclusão pode traduzir-se no desemprego ou na discriminação sofrida na inserção. É preciso, a partir da emergência de identidades, que os grupos tenham a oportunidade de manter os seus traços identitários se assim for sua escolha (Souza, 2005). A busca da igualdade de oportunidades não depende somente das ações governamentais, mas também de ações das instituições da sociedade civil. Após ser estabelecida a ligação entre categorias como a

inclusão, a cidadania, a identidade e as relações de trabalho, considera-se que, e segundo Souza et al:

“[...] apenas através da categoria do ‘trabalho’ é possível se assegurar a identidade, autoestima e reconhecimento social. Nesse sentido, o desempenho diferencial no trabalho tem que se referir a um indivíduo e só pode ser conquistado por ele próprio. Apenas quando essas precondições estão dadas pode o indivíduo obter sua identidade pessoal e social de forma completa” (Souza et al, 2005, p. 210).

O trabalho constitui, pois, um importante articulador de relações sociais e um forte fator de identidade social. A inclusão social pelo trabalho nomeia a questão da cidadania, essa inclusão pode ser a forma de movimentação da sociedade civil, através de organizações que desenvolvam objetivos de inclusão. Estas organizações podem alcançar esta inclusão social através da capacitação profissional, das relações laborais que apresentam e a partir dos seus próprios ideais (Souza et al, 2005).

O trabalho constitui um fator significativo na inclusão social dos indivíduos, pois permite criar identidades e relações subjetivas entre os indivíduos através dos interesses e partilha de experiências comuns. No caso das iniciativas da Economia Solidária a dimensão inclusiva do trabalho assume contornos particulares como se observará no ponto seguinte.

✓ [Trabalhar em organizações de Economia Solidária](#)

Após a reflexão da inclusão social pelo trabalho, é de momento pertinente, perceber como é trabalhar em organizações de Economia Solidária, uma vez que percebemos, anteriormente, que estas organizações têm princípios basilares de solidariedade e inclusão.

Sob o panorama de fragilidade que Portugal e um pouco toda a Europa atravessam têm despoletado novas formas de organização de trabalho, novas formas estas que se inserem dentro da Economia Solidária. Estas formas de organização laboral têm características mais descentralizadas, participativas e autónomas, uma vez que quase sempre a atividade laboral é feita em equipas multidisciplinares (Marques et al, 2013).

Estas organizações de acordo com os princípios que sustêm devem estabelecer uma profunda proximidade e um profundo cumprimento da lógica estruturante do direito do trabalho. A Economia Solidária não pode permitir exemplos e práticas onde não estejam presentes valores como o da solidariedade. De outra forma estar-se-ia a colocar em causa a sua coerência funcional e a ética a que se predispõem quando assumem esta natureza levando assim a uma descaracterização identitária. No código genético das organizações de economia social e solidária deverá estar contemplada a valorização do trabalho assim como o respeito pelos direitos dos trabalhadores.

Verifica-se que as organizações do terceiro setor têm vindo a ser construídas num espaço de transferência e aplicação de áreas de estudo, de mobilização de conhecimentos técnicos e de gestão, com o fim de resolver problemas práticos ou soluções inovadoras (Marques et al, 2013). Analisando o trabalho em organizações com esta especificidade não pode ficar em vão a exigência da autonomia e reflexividade no contexto de trabalho que remetem para o desenvolvimento de conhecimento e constante adaptação (Marques et al, 2013). A proximidade com os problemas sociais é outro aspeto a juntar ao anterior, devido ao contacto com as populações mais vulneráveis ou até mesmo ao gosto pela comunicação e pelo contacto interpessoal. Observa-se que a maioria dos profissionais desta área tem uma sensibilidade acrescida com problemas da área social (Marques et al, 2013).

O debate em torno da cidadania e das relações de trabalho tem vindo a merecer uma atenção especial por parte de vários autores por diversas razões. O aumento do desemprego, como resultado da crise económica a que já aludimos, a desregulamentação económica e o aumento das desigualdades têm sido questionados por muitos autores a fim de obter respostas esclarecedoras e de criar soluções para tais problemas.

É possível identificar diferentes teorias sobre a cidadania. A teoria, de Kymlicka (1989), por exemplo, define cidadania não só como um 'status', que apresenta direitos e responsabilidades, mas também, a identidade e a expressão de uma comunidade política. Existem outras formas de exclusão, para além das educacionais e económicas; existem grupos de mulheres, negros, portadores de deficiência, indivíduos que sofrem de discriminação etária, que são excluídos do mercado de trabalho. Segundo o mesmo autor, esses grupos foram excluídos não pelo seu 'status' socioeconómico mas sim por causa da sua identidade sociocultural, da diferença. Já Walzer (1997), na análise crítica que apresenta à teoria de Kymlicka, defende que os bens sociais podem ser distribuídos por razões diferentes, em processos diferentes e para diferentes agentes. Um projeto da sociedade civil pode ser descrito em três etapas: (i) descentralização do Estado e mais oportunidades e responsabilidade para os cidadãos nas atividades; (ii) a socialização da economia e uma grande diversidade de agentes de mercado; (iii) o pluralismo para realização e sustentação de identidades históricas.

Percebe-se aqui a importância da construção de identidades no momento de ação dos indivíduos, neste caso das relações de trabalho junto a espaços públicos de decisão. É aqui que a manifestação da identidade é fundamental. A Economia Solidária tem um papel importante na inclusão social de indivíduos pela via do trabalho uma vez que as relações de trabalhado deverão suste-se de acordo com os valores e princípios que esta mesma defende.

V. Aspetos Metodológicos

Neste estudo adota-se uma análise qualitativa uma vez que se pretende ter uma análise limitada e profunda e não uma análise em extensão de uma determinada realidade social. Com a análise qualitativa pretende-se perceber as mudanças provocadas nos indivíduos que trabalham em organizações de Economia Solidária. Essas mudanças serão captadas a partir da percepção dos próprios indivíduos. Estamos, e remetendo-nos à realidade portuguesa, a referir o caso de cooperativas, mutualidades, instituições particulares de solidariedade social, fundações, diversos tipos de associações, misericórdias, comunidades gestoras dos baldios, empresas sociais, empresas de inserção social (Namorado,2009). Considerando, os diferentes tipos de organizações de Economia Solidária, parte-se para um estudo de caso.

✓ Estudo de caso

Este estudo de caso debruça-se sobre técnicos que trabalham em organizações de Economia Solidária. Analiso aqui a Santa Casa da Misericórdia de Alcobça, a Associação CEERIA, o Externato Cooperativo da Benedita, a Fundação Vida Nova e o Montepio Geral.

Como afirma Rui Namorado (2009: 68) “(...) em Portugal, se quisermos mostrar quais as organizações que em concreto consideramos como fazendo parte da economia solidária, podemos falar de cooperativas, mutualidades, instituições particulares de solidariedade social, fundações, diversos tipos de associações, misericórdias (...)”

✓ Técnicas

A técnica de recolha de dados usada foram, entrevistas semiestruturadas. A amostra corresponde a um grupo de 19 indivíduos distribuídos da seguinte forma pelas instituições: 4 entrevistados da Santa Casa da Misericórdia de Alcobça, 4 entrevistados da Associação CEERIA, 4 entrevistados do Externato Cooperativo da Benedita, 4 entrevistados da Fundação Vida Nova, 3 entrevistados da Mutualidade Montepio Geral ².

² Não foi possível entrevistar 4 pessoas da Mutualidade por indisponibilidade.

VI. O trabalho, a inclusão social e as empresas de Economia Solidária: o caso do concelho de Alcobaça

✓ Alcobaça: a cidade e os seus habitantes

De modo a perceber e entender o meio onde a investigação foi realizada, onde se inserem as organizações abordadas e as respostas que estas têm de proporcionar, torna-se pertinente caracterizar o concelho de Alcobaça a um nível social, demográfico, económico e cultural.

Alcobaça é uma pequena cidade no centro do país, conhecida pela primeira obra totalmente gótica em Portugal, o Mosteiro de Alcobaça, associado às ordens de Cister e local onde é celebrado o amor de D. Pedro I com D. Inês de Castro. É conhecida como uma cidade romântica, acolhedora e com gente simpática. Esta pequena cidade ocupa um lugar central no país, mais precisamente a Oeste, o seu concelho tem uma área total de 415, 37 km² (SaeR, 2004), com uma densidade populacional de 137,8 hab/km² (PORDATA), e com uma população residente que assume o valor de 56 693 indivíduos (INE).

Trata-se assim de um concelho com uma dimensão populacional reduzida e dispersa, exceto nos pólos onde existe uma maior atratividade profissional, dando assim aso à criação de fugas do centro para a periferia originando fraturas internas com particularidades desagregadoras do concelho. Apresenta desmedidas dificuldades de atração da população, o que assim enfraquece o seu papel como centro de poder e organização (SaeR, 2004).

Regista-se um certo desequilíbrio entre a população jovem e a população idosa que se tem vindo a agravar nas últimas décadas, este desequilíbrio tende a agravar-se ao longo do tempo devido ao aumento da população idosa previsto para as décadas futuras, tornando assim Alcobaça, um concelho envelhecido.

A relação de género demonstra um equilíbrio havendo um número de mulheres (29 236) ligeiramente maior que o número de homens (27 457) (INE, 2012).

A população alcobacense é definida como uma população participativa, ativa e interessada em atividades culturais, uma vez que o número de associações recreativas e culturais, ranchos folclóricos, bandas e orquestras é elevado, a maioria destas atividades são sustentadas e muito frequentadas e estimuladas. O interesse da população pela área da literatura é ainda outra atividade a nomear uma vez que um número significativo de publicações têm sido feitas por vários autores de Alcobaça.

O concelho caracteriza-se pela concentração de atividades em dois sectores: comércio e indústria. Encontramos também um número razoável de empresas na área dos serviços da construção, agricultura e pesca. (SaeR, 2004).

Alcobaça regista uma taxa de atividade com o valor de 46,18% (INE, 2012). A população feminina é acentuada em atividades tais como o calçado, a marroquinaria, faianças e porcelanas, comércio e serviços (SaeR, 2004).

Após um enquadramento da cidade a nível territorial, social, demográfico e económico onde estão inseridas as organizações inquiridas, iremos apresentar cada organização estudada nesta investigação.

✓ As organizações

Todas as organizações que entram na investigação estão situadas no concelho de Alcobaça e foram criadas de modo a dar resposta às necessidades da população do concelho.

- CEERIA

O CEERIA – Centro de Educação Especial, Reabilitação e Integração de Alcobaça é uma associação sem fins lucrativos criada a 3 de Dezembro de 1976, em 1990, adquire o estatuto de IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social. O CEERIA foi fundado de modo a assegurar a educação de crianças e jovens que não era assegurada pelo ensino regular.

Esta associação tem como missão a integração, a prestação de serviços especializados de elevada qualidade na área da Reabilitação, do Apoio Social e da (re) Integração Sócio-Profissional a pessoas com deficiência ou incapacidades.

Tem como objetivo/visão ser uma referência no apoio a pessoas com deficiência na sua construção como cidadãos.

Com a finalidade de atingir os seus objetivos o CEERIA rege-se por valores como: responsabilidade, integridade, profissionalismo, respeito, privacidade, colaboração, solidariedade; orientando as suas linhas de ação com foco no cliente, participação, parcerias, sustentabilidade, melhoria contínua e envolvimento com a comunidade.

Ao longo do tempo de existência prestando apoio a crianças, jovens e adultos com dificuldades no seio familiar, escolar, social e profissional foi-se registando uma necessidade de crescer em dimensão e no tipo de respostas a dar. Com o crescimento em dimensão e com o alcançar de novas respostas a dar, atualmente, o CEERIA contém as seguintes valências:

Intervenção Precoce na Infância, Centro de Recursos para a Inclusão, Centro de Reabilitação Profissional – Empresa de Inserção, Centro de Atividades Ocupacionais, Centro de Apoio Residencial.

O CEERIA dispõe de serviços como a Oficina do Azulejo, Artesanato, Lavandaria e Jardinagem.

- Fundação Vida Nova

A Fundação Vida Nova, é uma organização sem fins lucrativos com o estatuto de IPSS, Instituição Particular de Solidariedade Social, rege-se sob princípios cristãos, sem qualquer limitação ou discriminação religiosa, social, económica ou cultural, possibilitando assim, a educação segundo os princípios bíblicos cristãos. Esta fundação tem como missão servir a comunidade no concelho de Alcobaça em áreas sociais que apresentem carências a nível económico ou social. Quanto aos valores de trabalho, estes debruçam-se sobre os valores da Ética Cristã, a procura da Qualidade e Excelência, a Confiança das famílias, colaboradores, parceiros e da comunidade em que insere a sua atividade.

Quanto às valências que a Fundação Vida Nova tem em ativo são direcionadas na sua totalidade para a educação. Atualmente estão em funcionamento três valências distintas. A Creche, que constitui um espaço dedicado às crianças com idades entre os três meses e os três anos de idade. Esta valência tem como objetivo proporcionar a estabilidade emocional, carinho e segurança nas horas em que os seus pais estão ausentes devido à profissão que desempenham. O Jardim de Infância, outra valência, destina-se a crianças com idades compreendidas entre os três anos até à idade em que a criança entra no 1º ciclo do Ensino Básico. Com o objetivo de proporcionar às crianças condições para o seu desenvolvimento individual, social, moral e académico saudável. O ATL, que se caracteriza por um espaço dedicado às atividades de ocupação de tempos livres para crianças que frequentam o 1º ciclo do Ensino Básico.

As valências da Fundação respondem aos objetivos de ação educativa estabelecidos a pensar no bem-estar das crianças. Estes objetivos incidem sobre, a incrementação e colaboração com a família das crianças de forma a estabelecer um desenvolvimento integral e harmonioso de cada uma; o desenvolvimento das capacidades cognitivas, afetivas e psicomotoras de cada criança; a facilitação do bem-estar e desenvolvimento integral das crianças num clima de segurança física e afetiva; a promoção do desenvolvimento pessoal, social e espiritual da criança, com base na democracia e numa perspetiva de educação para a cidadania e sobre o estímulo do desenvolvimento global de cada criança, respeitando as suas características individuais.

- Santa Casa da Misericórdia de Alcobaça

A Santa Casa da Misericórdia de Alcobaça foi fundada em 1563. Em 1890 constrói o Hospital de Alcobaça. Em 2001 entra em funcionamento o Lar da Santa Casa e logo é inaugurado o Serviço de Apoio Domiciliário.

Esta misericórdia, já com vários séculos de existência tem como missão dignificar o ser humanos, respeitando, cuidando e mimando os seus clientes através da satisfação das necessidades básicas e de realização pessoal e social atribuídas pelos serviços prestados na organização e no resto da comunidade. O seu funcionamento e as suas atividades são assentes na visão de uma melhoria e reconhecimento em todos os serviços que prestam.

O alcance da visão e da missão desta organização é conduzido por valores como o envolvimento e dedicação, a confidencialidade, a igualdade, o respeito e a dignidade.

Ao longo dos últimos anos, de acordo com a evolução de toda a conjuntura socioeconómica e com o crescimento de necessidades por parte da população Alcobacense, a Santa Casa da Misericórdia foi levada a expandir as suas áreas de atuação e atualmente oferece diversas respostas sociais:

- Lar de idosos, que tem como missão oferecer aos clientes um leque de serviços que garantam a satisfação das necessidades básicas e de realização pessoal e social num contexto de residência coletiva. Além do alojamento, a fim de facilitar o bem-estar e qualidade de vida do cliente, são realizados cuidados de higiene e conforto, alimentação, cuidados médicos e de enfermagem, lavagem e tratamento de roupas, atividades de animação e ocupação de tempos livres, apoio em deslocações ao exterior e acompanhamento psicossocial.

- Apoio domiciliário, prestação de cuidados de higiene e conforto pessoal, higiene habitacional, alimentação, tratamento de roupa realizados no domicílio dos clientes, acompanhamento a consultas médicas e saídas de clientes.

- Apoio domiciliário alargado, em alternativa ao lar, a prestação de cuidados é semelhante ao apoio domiciliário, no entanto é alargado aos 7 dias da semana durante 24 h por dia. Esta resposta social destina-se a indivíduos com um grau de dependência elevado.

- Atendimento e acompanhamento da medida de Rendimento Social de Inserção em parceria com a segurança social, esta resposta social tem por objetivo a promoção da autonomia socioeconómica e inserção social dos indivíduos e famílias beneficiárias de RSI. Este serviço é prestado através de uma prestação monetária de modo a satisfazer as necessidades básicas dos indivíduos e por um Programa de Inserção para o acompanhamento da integração social e profissional dos indivíduos.

- Banco Alimentar, em parceria com o Banco Alimentar do Oeste, foi criado com a missão de apoiar mensalmente com alimentos as famílias carenciadas de Alcobaça, identificadas e caracterizadas, que se encontrem numa situação de precariedade ocasional.

- Cantina Social, foi criada através da Convenção da Rede Solidária de Cantinas Sociais, para o fornecimento de refeições, a pessoas e famílias economicamente desfavorecidas, referenciadas pelos serviços de atendimento social.

- Banco de Roupas e Equipamentos, surge como resposta às necessidades básicas de famílias carenciadas, com entrega de roupas, artigos de puericultura, pequenos eletrodomésticos e móveis cedidos por outros indivíduos.

- Montepio

As associações mutualistas que compõem o Montepio são instituições particulares de solidariedade social (IPSS) que prestam fins de auxílio recíproco, com base no interesse dos seus associados e famílias, e desenvolvem respostas eficazes e solidárias destinadas a colmatar falhas existentes nos sistemas públicos de segurança social e saúde. Estas organizações têm como principal atividade gerir os fundos constituídos pelas cotas e contribuições dos seus associados e apoiam o futuro dos seus membros através da garantia de assistência ou retribuição em dinheiro.

Esta associação mutualista representa na sua atividade valores como o associativismo, a solidariedade e o humanismo, tornando-se assim a maior associação e maior mutualidade portuguesas. O logotipo representa dois pelicanos, dando a ideia da mãe protegendo o seu a emotividade e a ideia de auxílio mútuo e proteção, e uma dimensão de proteção e relacionamento pessoal.

O Montepio possui uma missão clara, que se expressa na garantia, através da solidariedade, dos benefícios de segurança social e saúde aos seus associados e familiares e aos beneficiários por estes aqueles designados, sob a forma de atividades individuais ou coletivas; na contribuição e resolução dos problemas associados à habitação dos seus associados; no encaminhamento de outras formas de proteção social e gestão de equipamentos, serviços, obras sociais e outras atividades que visem o desenvolvimento cultural e a qualidade de vida dos associados; gerindo regimes complementares das prestações garantidas pela Segurança Social e outras formas de proteção social.

A associação mutualista possui uma visão de si e do que quer atingir, como a maior associação nacional, promotora e gestora de regimes que completam as lacunas da Segurança Social, tanto a um nível individual como coletivo, de serviços e equipamentos sociais e de serviços da economia do bem-estar e da qualidade de vida, através de uma gestão dinâmica, prudente e ética, respeitando os valores mutualistas de solidariedade e participação associativa, elevados padrões de

responsabilidade e sustentabilidade social e contribuindo para o desenvolvimento e consolidação da Economia Social e do Terceiro Setor em Portugal.

Após a análise da missão e da visão que a associação mutualista possui, identificamos agora os valores pela qual se rege. Os valores da associação mutualista são os seguintes: Liberdade - a associação ao Montepio e livre e de espontânea vontade; Igualdade - todos os associados participam na vida da associação através do voto e são iguais em direitos e deveres; Responsabilidade - a associação defende uma responsabilidade ativa e um futuro sustentado; Solidariedade - acredita que as necessidades existentes no que diz respeito à saúde e à proteção social encontram resposta na ação integrada e solidária do coletivo dos indivíduos e a Autonomia - a associação possibilita a capacidade de iniciativa e auto-organização dos indivíduos associados.

A Caixa Económica do Montepio Geral apresenta a sua missão na criação de valor para os associados e os restantes parceiros, adquirindo níveis de rentabilidade sustentados numa oferta universal de produtos e serviços satisfaçam integralmente as necessidades bancárias e financeiras dos associados e clientes. Prestando assim um serviço de qualidade, sob padrões éticos, princípios e critérios de sustentabilidade pelos quais são conhecidas as associações mutualistas.

Possui uma visão, como sendo um banco de retalho que difere pelas suas finalidades mutualistas e pelos valores da participação associativa e da solidariedade. Destacando-se como única no panorama bancário português, assume-se como uma organização vocacionada para a captação de poupança e para o crédito aos segmentos de particulares, empresários em nome individual, microempresas, pequenas e médias empresas e instituições do Terceiro Setor. Concede uma oferta universal de produtos e serviços bancários, mutualistas e financeiros e é reconhecida pela gestão prudente, qualidade de serviço, comportamento ético e pelo papel de agente dinamizador da Economia Social.

- Instituto Nossa Senhora da Encarnação – Externato Cooperativo da Benedita

O Externato Cooperativo da Benedita, designado por Instituto Nossa Senhora da Encarnação (Cooperativa de Ensino e Cultura CRL), é uma cooperativa de ensino criada em 1964. Esta cooperativa foi criada através da vontade da população envolvente, como forma de dar resposta a uma impossibilidade de prosseguimento de estudos devido à dificuldade das famílias suportarem os custos de educação dos seus filhos noutros centros. É um estabelecimento de ensino particular e cooperativo com órgãos de gestão próprios, autonomia pedagógica e possibilidade de contrato de associação com o Ministério da Educação.

Esta cooperativa move-se pela premissa da ligação da qualidade do ensino e as respostas necessárias a um nível local, assim sendo, aproximam o ensino curricular o mais possível à situação real de modo a que os indivíduos consigam responder no futuro às situações com que se deparam fora da instituição. Com esta visão sobre o ensino esta cooperativa tem como missão “Formar

cidadãos com espírito crítico, capazes de fazerem escolhas informadas, quer pelos conhecimentos (saberes) quer pelos valores, que cooperem em prol do bem comum, é a Missão da Escola” (Projeto Educativo, 2011³).

A Escola tem de modo a praticar um ensino de qualidade numa sociedade que se encontra em constante mudança, tem de garantir o sucesso dos jovens através de um ensino exemplar, de uma aprendizagem e uma apropriação de comportamentos sociais e cívicos através de uma ótica humanística e da promoção da cultura e do desenvolvimento psicomotor e desportivo.

Esta organização concede à população serviços como:

O ensino básico, este ensino designado também de 3º ciclo, destina-se a todos os alunos com menos de 15 anos de idade; Científico-Humanísticos, constituem uma área de ensino destinada para jovens que concluíram o 9º ano de escolaridade e que pretendam no futuro enveredar para o ensino superior; Cursos Profissionais destinam-se a jovens que tenham concluído o 9º ano e pretendam aprender uma profissão de modo a ingressarem no mercado de trabalho.

Após uma análise do concelho e das instituições onde se prende este estudo de caso, passa-se a uma análise dos resultados obtidos através das entrevistas realizadas aos colaboradores das mesmas.

³ Projeto Educativo 2011/2014, Documento Externato Cooperativo da Benedita

VII. Resultados da Análise

✓ Caracterização sociodemográfica dos entrevistados

A amostra compreendida nesta investigação é composta por 19 indivíduos, 14 indivíduos do sexo feminino e 5 indivíduos do sexo masculino. A média de idades é de 41 anos com idades compreendidas entre os 26 e os 60.

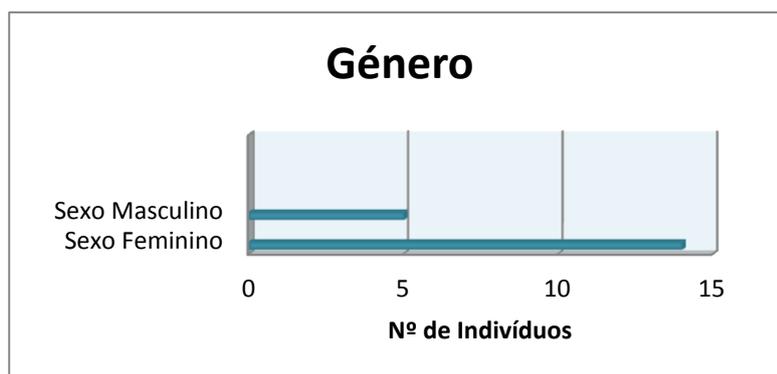


Gráfico 1.1 – Género dos Indivíduos

14 dos indivíduos inquiridos residem no concelho de Alcobaça e 5 reside fora deste concelho em cidades como Caldas da Rainha, Santarém, Ourém, Leiria e Rio Maior.

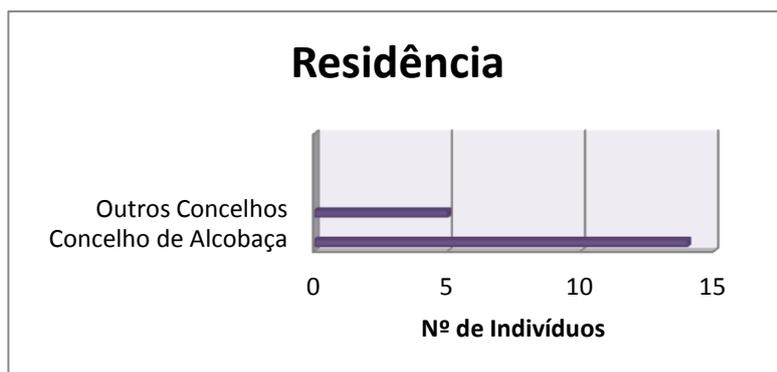


Gráfico 1.2 – Residência dos Indivíduos

A amostra apresenta um total de 17 indivíduos com nacionalidade Portuguesa, uma pessoa Sul Africana e uma de nacionalidade Brasileira. No que diz respeito às habilitações literárias que possuem, 6 indivíduos têm uma pós graduação, 10 indivíduos possuem uma licenciatura, 2 indivíduos o 12º ano de escolaridade e um indivíduo o 9º ano de escolaridade. Quanto à área de formação as

divergências assentam sobre a área das ciências sociais, em cursos como Serviço Social, Psicologia, Sociologia, Economia e Direito; a área da saúde, com Enfermagem e a área das ciências exatas como Contabilidade.

✓ **Percurso académico e profissional dos entrevistados**

Torna-se pertinente conhecer a trajetória de vida que dos nomeadamente o seu percurso académico e profissional, assim como a função que desempenham atualmente.

CEERIA

- A Maria, colaboradora da organização como assistente social, licenciada em Sociologia ramo de políticas sociais, vê no CEERIA o seu primeiro emprego;
- A Manuela, colaboradora como assistente social é licenciada em Serviço Social e trabalhou num supermercado antes de integrar a equipa desta organização;
- A Marina, colaboradora como psicóloga, licenciada em Psicologia, trabalhou numa empresa de contabilidade e esteve ligada a um projeto contra a pobreza num centro social e paroquial antes de integrar a equipa do CEERIA;
- A Mónica, faz parte da equipa como auxiliar pedagógica, é licenciada em Psicologia, Ciências Sociais e do Comportamento, vê no CEERIA o seu primeiro local de trabalho.

Fundação Vida Nova

- A Júlia, colaboradora da fundação como auxiliar educativa, tem como habilitações literárias o 12º ano na área de apoio à educação;
- A Josefina, colaboradora como educadora de infância, é licenciada em Educação de Infância e uma pós-graduada com especialização em Ensino Especial, trabalhou como administrativa numa sapataria e depois passou a integrar a equipa da fundação;
- A Joana, integra a equipa da fundação como auxiliar de educação, tem como formação o 12º ano na área da infância, antes de integrar a equipa trabalhou na área da restauração;
- A Jéssica, diretora técnica e pedagógica da fundação, é licenciada em Educação de Infância, e a fundação foi o seu primeiro local de trabalho.

Santa Casa da Misericórdia

- O Paulo, responsável de enfermagem da organização, é licenciado em Enfermagem especializado em reabilitação e pós-graduado em Gestão Hospitalar e Pedagogia, trabalhou como enfermeiro antes de integrar a equipa;
- A Piedade, assistente social na organização, é licenciada em Serviço Social e pós-graduada em Gestão de Recursos Humanos, antes de integrar a equipa da organização exerceu funções num lar particular de idosos;

- A Priscila, colaboradora como animadora sociocultural, é licenciada em Animação Sociocultural, trabalhou numa escola primária com a função de animadora sociocultural e depois então, integrou o quadro de pessoal da Santa Casa;
- A Paula, encarregada de ação direta na organização, tem o 9º ano de escolaridade, trabalhou numa fábrica de louça antes de exercer a atual função.

Montepio Geral

- A Raquel, comercial na organização, possui licenciatura em Direito, antes de exercer as atuais funções esteve ligada à área da advocacia;
- O Ricardo, ocupa o cargo de gerente, é licenciado em Economia e viu o seu primeiro emprego nesta organização;
- A Rafaela, operadora de balcão, é licenciada em Economia e viu na organização o seu primeiro emprego.

Externato Cooperativo da Benedita

- O António, jurista da cooperativa, é licenciado em Direito e pós-graduado em Contabilidade, antes de trabalhar na cooperativa, exercia atividade própria na área da advocacia (atividade que ainda mantém);
- O Alexandre, diretor pedagógico, é licenciado em Engenharia Mecânica e pós-graduado em Gestão Escolar, viu na cooperativa o seu primeiro emprego como professor de matemática e responsável pela área informática;
- A Ana, psicóloga, é licenciada em Psicologia e pós-graduada em Psicoterapia Psicanalítica, especialização em Neuropsicologia, trabalhou como psicóloga numa clínica de reabilitação antes de integrar a equipa do externato;
- O André, administrativo, é licenciado em Tecnologias da Informação Empresarial e vê na organização o seu primeiro local de trabalho.

Conclui-se uma diversidade relativamente às funções, ao grau e área de estudo, assim como ao conhecimento de outras realidades de trabalho nos indivíduos que integram este estudo. Relativamente à função que os indivíduos desempenham nas organizações procurou-se recolher dados desde o nível hierárquico mais baixo, até ao nível hierárquico mais elevado dentro da organização.

✓ Caracterização das Organizações

Foi pedido aos indivíduos que caracterizassem a organização onde trabalham relativamente aos seguintes aspetos:

- Missão e objetivos;

- Diferença da sua organização comparada com organizações ditas convencionais;
- Aspectos positivos e negativos da organização;
- Expetativas que tinham aquando da entrada na organização;
- Envolvimento que sentem ter na organização;
- Relações que estabelecem na organização.

De acordo com o quadro teórico pretende-se analisar a verificação ou não da identidade social de um indivíduo pela criação de grupos e o sentimento de pertença a estes mesmos. O trabalho é tido como um elemento fulcral na inclusão social de um indivíduo, tal como tudo o que o envolve, as relações laborais, o sentido de semelhança nas ordens que acarreta e nas funções que desempenha. O espaço de trabalho propicia relações sociais e estas relações criam identidades. Este tipo de organizações, com princípios de ação diferenciadores das organizações convencionais, assumem formas de organização distintas, com características mais descentralizadas, participativas e autónomas. Cabe então a partir da análise empírica perceber se a teoria vai de encontro ao que se extrai das organizações através da subjetividade dos indivíduos.

Através da subjetividade dos indivíduos percebe-se no campo da caracterização das organizações que os indivíduos de uma forma geral têm conhecimento da missão e dos objetivos da organização na qual trabalham. Veem no foco da organização, a principal característica diferenciadora deste tipo de organizações – a primazia do bem-estar do indivíduo, a subjetividade dos objetivos, o ambiente de trabalho, um relacionamento com os outros muito mais humano, a proximidade com o outro e as boas relações de trabalho. O apelo à criatividade e à sugestão de ideias, a cooperação entre colegas de trabalho e superiores, o interesse pela pessoa a que prestam o serviço, o gosto pelo que fazem, a flexibilidade, os projetos em que trabalham, são características destas organizações que consideram positivas e com as quais identificam uma boa forma de trabalhar. O grande envolvimento que sentem ter dentro das organizações a que pertencem, a participação nas atividades e tarefas realizadas e as decisões que são chamados a intervir, refletem a gestão autónoma e participativa que caracteriza estas organizações. As relações laborais são vividas pelos trabalhadores de uma forma muito próxima, onde existe uma grande cooperação entre colegas de trabalho e superiores.

A nível das várias organizações foram sentidas várias diferenças, diferenças de organização, diferenças provenientes dos serviços que prestam, diferenças nas relações e no modo como se envolvem em cada organização.

No CEERIA a missão e os objetivos desta são bem claros para todos os indivíduos entrevistados como nos responde apressadamente, a Maria, assistente social: “Sim, sim. Bem claros, a inclusão como missão, é a missão desta organização, isso é aquilo que nos guia a todos nas nossas práticas” (Anexo 2, p.65). Também para a Marina (psicóloga):

“Sim... não quer dizer que a saiba de cor, mas de alguma maneira os objetivos do CEERIA, passam por integrar as pessoas com deficiências e incapacidades em todos os contextos, de

acordo à sua limitação promovendo a participação social e a missão, a nossa missão no fundo é incluir todas as pessoas” (Anexo 2, p.66).

Na Fundação Vida Nova, a missão e os objetivos são igualmente claros para todos os entrevistados, como nos afirma a Júlia: “Cuidar pelo bem-estar das crianças e das famílias” (Anexo 2, p.68). À semelhança das outras instituições percebe-se que também na Santa Casa da Misericórdia os colaboradores estão cientes da missão e dos objetivos da organização como nos afirma a Priscila: “Respeitar, cuidar e mimar” (Anexo 2, p.74). No Montepio Geral, conclui-se, à semelhança das organizações anteriormente exploradas que os colaboradores entrevistados têm uma noção clara da missão e dos objetivos que caracterizam a organização. O Externato Cooperativo da Benedita, no que diz respeito à missão e aos objetivos desta organização percebe-se que a tendência registada nas organizações se continua a registar, os colaboradores estão cientes da missão e dos objetivos da organização.

Relativamente às diferenças desta organização para organizações convencionais, a subjetividade dos objetivos, o que se retira da ação de cada um, a pressão no trabalho, o foco entre o cliente e o lucro, a relação mais humana com os colegas, são as principais diferenças apontadas pelos indivíduos entre uma organização de Economia Solidária e uma organização convencional.

No CEERIA são apontadas como principais diferenças a subjetividades das atividades e relações, a pressão que existe nas empresas convencionais na realização das tarefas, o foco nas pessoas em vez do lucro e a relação mais humana com os outros, como nos afirma a Marina:

“(...) eu acho que aquilo que nos foca aqui é a preocupação com as pessoas, não quer dizer que as empresas privadas não tenham preocupação com as pessoas e acho que há práticas muito diferentes, isto é quer dessa minha experiência e era uma experiência bem diferente quer da experiência que tenho agora contacto com as empresas quando vou la colocar clientes da formação, eu acho que as práticas variam de acordo com a sensibilidade de quem gere a coisa digamos assim, no entanto, acho que o nosso foco principal são as pessoas e as necessidades das pessoas, o foco... é obvio que temos de gerir bem recursos porque eles são escassos, o foco das empresas mesmo as que tão disponíveis pra nossa causa tem de ser obrigatoriamente o lucro, sem margens de lucro não há emprego não há empresa que sobreviva, é óbvio que pelo meio vai havendo empresas que... com práticas humanas muito interessantes, e vai havendo outras que não são tanto assim, mas isso eu acho que depende das lideranças.” (Anexo 2, p.66).

Na Fundação Vida Nova, as diferenças de uma organização com estas particularidades incidem sobre o foco, é sempre o cliente e o seu bem-estar, como nos explica a Júlia: “aqui a grande diferença é (...), a preocupação pelo bem-estar da criança independentemente de tudo o resto, portanto se falta alguma coisa naquela família fazemos tudo para a poder ajudar, não é só, à criança mas também à família” (Anexo 2, p.68). O mesmo é visível no CEERIA, e isso é nomeado por todas as colaboradoras o ambiente de trabalho, as relações estáveis e de proximidade. Na Santa Casa da Misericórdia é salientado foco no cliente à medida que as necessidades se instalam, a grande

proximidade entre clientes, colaboradores e superiores, a atenção dada à componente humana e à responsabilidade social nas contratações e nos recursos humanos. Como refere a Priscila:

“Apesar de termos objetivos definidos no plano de atividades, nós (misericórdia) temos todo um cuidado com a componente humana e dar resposta, por exemplo nós fazemos a colocação de pessoas a trabalhar aqui que numa empresa que não seja da área social não o fariam, temos toda essa parte de responsabilidade social” (Anexo 2, p.74).

Analisando o Montepio Geral relativamente às particularidades que fazem da organização em que trabalham diferente, os indivíduos salientam a informação sustentável que fornecem, a divisão dos lucros pelos seus associados e a vertente da solidariedade social que mantém desde a sua criação até às práticas atuais, como nos esclarece a Rafaela:

“Acho realmente que o montepio é diferente dos outros bancos precisamente pela vertente da solidariedade social da associação mutualista porque (...) a nossa associação mutualista foi criada a pensar inicialmente, em outros tempos, a pensar realmente nas pessoas mais pobres, inicialmente era mesmo a pensar, no carácter da pobreza e em amealhar alguma coisa para depois na altura nem se falava ainda sequer em reformas, mas a associação mutualista já estava a pensar quando as pessoas fossem realmente mais velhas havia necessidade de terem algo para sobreviverem porque já não poderiam tar a desempenhar as funções que desempenhavam, inclusive as pessoas mais relacionadas com a agricultura, não faziam descontos não faziam nada, era uma forma de terem uma velhice digna e assegurada.” (Anexo 2, p.78).

No Externato Cooperativo da Benedita os seus colaboradores no que diz respeito à diferenciação da organização, vêem o objetivo principal, uma vez que não é o lucro, um trabalho muito mais abrangente, outros acham que não existe praticamente diferença nenhuma, ao contrário do que se encontra anteriormente, nesta organização dois colaboradores sentem que esta funciona como uma empresa sem diferenças, como nos refere o António “Não vejo diferenças, a única diferença é o objetivo principal que não é a obtenção de lucro. Funcionamos muito como uma empresa” (Anexo 2,p.79).

No CEERIA, relativamente aos aspetos positivos o grande incentivo e apelo tanto à criatividade como à participação dos colaboradores, a preocupação com o cliente e com o seu bem-estar, a boa relação com os colegas e o sentido de cooperação, como nos refere a Manuela;

“As pessoas, de um modo geral, as pessoas que aqui trabalham prezam e trabalham no sentido de ir de encontro as necessidades dos clientes, das pessoas com quem trabalhamos, há boa relação entre as pessoas, há sempre relações menos boas, mas de um modo geral penso que as pessoas se dão bem e há cooperação, pelo menos eu sinto isso” (Anexo 2, p.66).

O rigor e inovação no trabalho, a facilidade de mobilização e o prazer em realizar atividades diferentes com os clientes são também aspetos nomeados pelos colaboradores. Como pontos negativos desta organização são apontadas as tabelas salariais, os escassos recursos de trabalho, a

sobrecarga que exerce sobre os trabalhadores e a não valorização dos funcionários por parte da instituição, como nos explica a Mónica:

“(...) Uma das coisas negativas que me tocou a mim foi eu ter acabado a licenciatura e não me terem requalificado, portanto eu acabei a licenciatura e mais tarde houve uma vaga e entrou uma cunha, entrou alguém que supostamente o lugar seria para mim porque a contratação coletiva assim o dizia não é...” (Anexo 2, p.68).

No caso da Fundação Vida Nova, a cooperação define a fundação, é partilhado por todos o grande sentido dado ao sentimento de cooperação e entreaajuda, dentro e fora da fundação, admitindo esta particularidade pela associação à igreja Baptista; o ambiente de trabalho, como refere a Josefina:

“(...) o ambiente de trabalho, quer o grupo das educadoras quer com o restante pessoal, com as auxiliares, com o conselho de administração, mesmo com a nossa superior hierárquica, temos sempre muito à vontade, e quando nós temos um problema há sempre um grande à vontade, quer por parte dela, quer por parte do conselho de administração se nós precisarmos de alguma coisa eles estão sempre disponíveis, sempre a ajudar, também gostamos do que fazemos” (Anexo 2, p.69).

O amor pelo que fazem e a dimensão da organização são os aspetos positivos enumerados pelas colaboradoras. O espaço físico desta instituição é partilhado por todos os inquiridos como o aspeto negativo fulcral, assim como também o montante reduzido com que têm de gerir as suas atividades diárias e a utilidade em dar respostas a outros níveis como refere a Júlia: “eu acho que nós podíamos dar outro tipo de apoio a outras pessoas, mas depende de outras instituições (...)” (Anexo 2, p.69). No caso da Santa Casa da Misericórdia, como aspetos positivos desta organização salientam-se o projeto – residências assistidas, a flexibilidade e a humanização, espírito de camaradagem e a boa relação entre todos como nos refere a Priscila:

“eu acho, que há um grande espírito de camaradagem entre todos, todos os setores, lavandaria, cozinha, ajudantes de lar, secretaria e senti, acho que a mais-valia mesmo é que temos um grande apoio por parte da direção técnica, há uma muito boa relação entre todos, acho que é assim aquele” (Anexo 2, p.75).

Já os aspetos negativos incidem sobre a necessidade de prestar outros serviços como nos refere o Paulo: “(...) a necessidade talvez, da existência de um centro de dia... Neste momento a misericórdia não tem” (Anexo 2, p.74), necessidade de mais formação, participação monetária reduzida e a falta de organização. Os pontos positivos, no Montepio Geral, refletem-se na relação pessoal que existe entre todos como nos explica a Raquel: “ (...) eu sempre senti muito isso e a falar com outros colegas que tão na banca, pelo que eu percebo a relação aqui é mais pessoal (...)” (Anexo 2, p.77) e na solidariedade; já os pontos negativos prendem-se com a instabilidade financeira que se faz sentir e a aproximação à banca tradicional. Os colaboradores do Externato Cooperativo da Benedita ressaltam como características positivas a relação que existe entre alunos, pais e professores, o trabalho em comunidade e aquilo que a organização é atualmente, outra característica

positiva é o acolhimento de antigos alunos, característica com uma fronteira muito tênue pois rapidamente se torna negativa quando se excede desse estatuto como nos elucida o Alexandre:

“(…)acolher os antigos alunos e isso é muito bom acreditar que formamos bons profissionais, mas depois isso acaba por ter um lado controverso, chegou a uma altura em que as pessoas achavam que era uma obrigação por parte do externato acolher antigos alunos e aí o seu trabalho não refletia o empenho que devia ter (...)” (Anexo 2, p.80).

Outra característica negativa é a falta de verbas para atividades estabelecidas e a individualidade criada pela onda de despedimentos.

Quanto às expetativas que os colaboradores tinham em relação ao trabalho e às organizações onde trabalham também se encontram divergências. No CEERIA, um dos colaboradores não tinha grande noção do que iria fazer, por isso não criou expetativas. Contudo, os restantes colaboradores superaram as expetativas, mesmo quando já havia uma ideia de como seria trabalhar na organização, como nos afirma a Maria:

“(…) a expetativa que eu tinha era que eu deveria gostar muito de trabalhar com estas pessoas com deficiência na área da ação social, por achar que ia-me sentir útil e uma mais-valia. E as expetativas foram superadas, porque tudo aquilo que eles me dão é incomparável aquilo que eu lhes dou, pronto, todos os dias eles...dão coisas fantásticas maravilhosas, pronto e tudo aquilo que eu possa aqui fazer, e ate acho que sou um elemento ativo e pronto importante, aquilo que eu levo daqui não tem preço, pronto é muito grande, a expetativa foi superada. É bom, sei que é um privilégio, gostar do que se faz” (Anexo 2, p.65).

Na Fundação Vida Nova, as expectativas são diversas, duas das colaboradoras não tinham qualquer ideia de como funcionava o que as levou a uma completa surpresa acerca do que a fundação desempenhava, outra das colaboradoras já tinha uma grande proximidade com a organização o que não a levou a criar expetativas do que se fazia mas sim de como se desempenhava na função, o que acabou por superar significativamente, outra das colaboradoras devido à sua função de montagem da fundação e da valência onde se insere afirma ter moldado as suas expetativas, como nos afirma a Jéssica:

“Eu sou um bocado suspeita porque eu fiz parte da direção da fundação, ou seja, eu acabei o meu curso e como acabei o curso vim abrir aqui o berçário, portanto convidaram-me, a instituição já existia só com ATL e eu acabei o curso no Porto e convidaram-me a vir abrir de novo e iniciar um berçário e eu é que criei e é que montei o berçário, eu é que fiz o regulamento e essas coisas todas, portanto a instituição foi um bocado criada esta parte na área como eu queria” (Anexo 2, p.72).

No caso da Santa Casa da Misericórdia, as expetativas foram totalmente superadas por três dos colaboradores como nos afirma a Priscila:

“Mudaram para positivo, para melhor, porque eu tinha uma ideia, os primeiros quinze dias aqui eu achava que se calhar não me ia aguentar aqui, realmente era o que na entrevista se fala, quando é pra trabalhar com idosos uma pessoa ou gosta ou não aguenta muito tempo, depois com tempo, realmente passado um mês já tava completamente integrada e a gostar, que quando eu vim achava que não ia aguentar nem gostar” (Anexo 2, p.75).

Enquanto o outro colaborador que está na organização desde raiz tem a opinião de que as expectativas nunca estão superadas. No Montepio, as expectativas foram superadas, a Raquel, colaboradora que refere as expectativas, afirma ter a noção de esta organização ser um banco comum:

“(...) eu sou sincera pensei que era mais um banco que eu ia, só o primeiro “choque” foi no dia da minha entrevista quando estou com um dos membros dos recursos humanos e tava o diretor comercial que me perguntou se eu sabia o que era isto do mutualismo, e eu fiquei assim um bocado, não sabia e depois nós tivemos uma formação de um mês, e então foi-nos explicado realmente que o montepio tinha esta diferença que era a parte mutualista, mas só depois de fato aqui em campo é que nós nos apercebemos do peso positivo que tem” (Anexo 2, p.77),

Os outros dois colaboradores do Montepio não se pronunciaram acerca das expectativas que tinham. Quanto ao Externato Cooperativo da Benedita e às expectativas que existiam antes de integrarem a equipa de trabalho, os colaboradores não se pronunciaram.

No geral, os colaboradores das organizações sentem haver um grande envolvimento por parte de todos em vários aspetos, até mesmo em decisões que são tomadas dentro das organizações como percebemos de seguida.

No CEERIA, existe um grande envolvimento dos colaboradores na organização, há espaço e apelo a sugestões, ideias, o à vontade para esclarecer pontos menos claros, e os colaboradores são ativos na tomada de decisões como nos clarifica a Manuela:

“(...) a nível de participação de decisões da instituição além da valência pela que estou responsável, intervenção precoce, sempre que tomamos algumas decisões, nós temos aqui um elemento que é o conselho de coordenação que reúne os responsáveis das valências, e geralmente com alguma periodicidade acabamos por nos sentar e refletir sobre decisões da instituição e iniciativas em conjunto” (Anexo 2, p.81).

Na Fundação Vida Nova o envolvimento é muito grande por parte de todos os colaboradores, cada um sabe a função que desempenha e o que lhe compete, aspeto referido apenas nesta organização, mas facilmente pode expor a sua opinião e as suas ideias, como nos explica a Júlia:

“Eu acho que há o suficiente, eu acho há pessoas que se calhar até gostavam de ter mais envolvimento mas eu acho que é bom e é pra isso é que servem as hierarquias, cada um tem de fazer a sua função, eu faço a minha, a educadora faz a dela, mas temos abertura para falar com a diretora e dizer então mas nunca mais vêm fazer isto ou aquilo, e é-nos informado, somos informadas do que se passa. Sim eu acho que temos uma grande abertura” (Anexo 2, p.82),

Esta entrevistada vai mais longe e refere o seguinte em termos de participação e tomadas de decisão:

“Eu acho que é muito raro, eu acho que se competem mais às educadoras, a nível pedagógico. Elas têm reuniões semanalmente, portanto acabam por ser elas a tomar essas decisões não nos cabe bem a nós. Sim, sei lá, se nós pensarmos numa festa, temos aqui muitas festas, o que é que tu achas de fazer isto? – Sim, olha e se fizéssemos aquilo? Mas não me vêm perguntar o que acham de fazer festa ou não, é assim no geral... Vão pensando o que acham que se faz para o dia da criança [...]” (Anexo 2, p.82).

Na Santa Casa da Misericórdia, o envolvimento apresenta também uma grande expressão: existe uma grande contribuição por todos nos planos de trabalho e o apelo à participação é constantemente estimulado como nos clarifica o Paulo: “Sim, eu sinto bom, a equipa técnica reúne regularmente, todas as semanas, e as situações são... portanto trabalhar no plano individual, cada um tem um plano individual, que é discutido por todos e cada um dá o seu contributo para dar resposta às necessidades identificadas” (Anexo 2, p.83). Relativamente ao Montepio Geral, e contrariamente ao que se regista nas outras organizações, conclui-se que já houve uma grande diferença em relação a outros bancos e outras organizações, mas atualmente já é muito semelhante, têm-se vindo a registar um grande afastamento, como refere o Ricardo “Já existiu de fato uma diferença, havia mais a componente humana, os recursos humanos, hoje em dia já não tanto, isto tem um bocado a ver com a evolução do mercado não é, como sabe o mercado evoluiu e as evoluções nem sempre são pro bem (...)” (Anexo 2, p.84). No Externato Cooperativo da Benedita, o envolvimento sentido pelos colaboradores é muito significativo, sentem que existe um grande envolvimento na organização e vêem ser-lhe consultadas decisões acerca das suas funções, referem ainda que há algumas práticas de trabalho individual, mas que existem tentativas para desdobrar essas práticas, como refere o Alexandre: “Há um grande envolvimento, e o meu trabalho tem vindo muito nesse sentido, quero que as pessoas deixem de trabalhar individualmente e passem a trabalhar cada vez mais em equipa. Não tem sido fácil, mas com o tempo as coisas compõem-se” (Anexo 2, p.84).

No que diz respeito às relações laborais, no caso específico do CEERIA, a relação com colegas e superiores é no geral, uma boa relação, com alguma proximidade das equipas de trabalho e algumas divergências com alguns colaboradores, ainda assim, estas divergências são encaradas como sendo normais, a Mónica vai mais longe e reflete que a boa relação que existe entre colegas se deve ao fato de muitas dificuldades serem ultrapassadas em conjunto: “Tenho uma boa relação, com os meus superiores (...) este grupo, a parte do terapêutico é um grupo muito unido, porque é assim as dificuldades são muito grandes e se não nos unirmos, não é possível” (Anexo 2, p.85). Dentro da Fundação Vida Nova, a relação entre colegas e superiores é muito boa, de grande proximidade e de entreajuda, como nos apercebemos com o testemunho da Josefina: “(...) uma ótima relação entre todas, todas temos o à vontade para pedir ajuda e dar as nossas opiniões, tanto entre as colegas de trabalho como também com a diretora” (Anexo 2, p.85). A Santa Casa da Misericórdia é marcada pelas boas relações, tanto com colegas de trabalho como com superiores, como nos explica o Paulo:

“É aberta e direta, quer com mesa administrativa, diretora técnica, assim como os restantes trabalhadores” (Anexo 2, p.86). No Montepio Geral, as relações estabelecidas entre colegas e superiores desta organização são caracterizadas como boas relações, semelhantemente a todas as outras organizações, como nos confirma o Ricardo: “Há uma relação muito boa entre todos” (Anexo 2, p.86). No caso do Externato Cooperativo da Benedita, ao nível das relações estabelecidas no local de trabalho também se percebe que existem boas relações com muita proximidade entre colegas e superiores hierárquicos como nos refere o Alexandre: “Uma relação próxima, todos têm à vontade para falar do quer que seja e expor um problema” (Anexo 2, p.87), notando-se aqui algumas individualidades quando as pessoas vêem os seus postos de trabalho ameaçados, aspeto este que não se regista em nenhuma das organizações anteriores.

Após a análise da caracterização das organizações facultada pelos indivíduos entrevistados percebe-se que há vários declives entre diferentes categorias de organizações dentro da Economia Solidária. Estes declives não se sentem ao nível da noção e informação da missão e dos objetivos aos quais estes indivíduos têm de responder diariamente, mas sim ao nível de organização das mesmas; à falta de verbas que interfere na ação que desempenham; à relação que mantêm nas organizações, onde no geral as relações são caracterizadas como boas relações, mas encontra-se em alguns casos onde existem relações menos boas; a valorização dos trabalhadores é outro aspeto a salientar, a maioria das organizações exploradas praticam esta valorização, mas ainda assim é encontrado um caso onde essa valorização não se regista; ao apelo à criatividade e participação que no geral se encontra, mas em que é notório isso não acontecer numa das organizações.

✓ Subjetividades

- Valores

Os indivíduos foram questionados acerca dos valores que caracterizam a organização onde trabalham nos seguintes pontos:

- Quais os valores inculcados aos trabalhadores por parte da organização;
- A reflexão do desempenho das tarefas nesses mesmos valores;
- Quais os valores das organizações que permitem uma mudança social.

Nomeiam valores como o respeito, a inclusão, a não discriminação, a solidariedade, a capacitação, a cooperação, o profissionalismo, o rigor, o humanismo, o gosto pelo que se faz, a sinceridade, o amor, a ajuda, a preservação, a honestidade, a frontalidade, a escuta e o dito “amor à camisola”. Pelas conclusões retiradas das entrevistas realizadas, percebe-se que neste estudo de caso, as organizações de Economia Solidária põem em prática os valores pelos quais se regem, na forma como se organizam e como tratam os seus colaboradores.

De seguida procedemos a uma análise detalhada dos valores enunciados em cada organização de modo a perceber as diferenças existentes entre as mesmas.

No CEERIA, os valores inculcados são a inclusão, a não discriminação, como nos explica a Maria:

“Inclusão, não discriminar, independentemente da raça, da situação económica, em termos da religião de cada um, o CEERIA tem... e eu mais diretamente com 87 pessoas e os seus familiares e outras pessoas, diariamente, atendemos muitas pessoas e estes valores não discriminar, olhar à diferença de cada um, são transmitidos pra nós” (Anexo 2, p.87),

A solidariedade, a capacitação de pessoas, a cooperação, o compromisso com o profissionalismo, o foco no cliente, o rigor dos procedimentos e dos técnicos, o respeito e o humanismo. Segundo a opinião dos colaboradores, estes valores acabam por passar nas suas práticas, mesmo quando não passam, tenta perceber-se o que há de errado, como se percebe com o discurso da Marina: “Só o posso falar pela equipa onde eu estou, tentamos, nada disto se faz sem erros, as vezes, saem coisas que saem um bocadinho ao lado do que desejaríamos (...)” (Anexo 2, p.88). Quanto aos valores da organização que permitem uma mudança social, acreditam que a consciencialização e a tolerância dada à deficiência são aspetos que farão toda a diferença na sociedade.

No caso da Fundação Vida Nova, os valores assentam no foco - o cliente, o gosto pelo que se faz, a sinceridade, a disponibilidade, o amor, a preservação, os princípios da sociedade e o conhecimento da Bíblia. Nesta organização encontra-se uma particularidade relativamente às outras, a importância da Bíblia, uma vez que esta fundação é ligada à Igreja Baptista, o que molda os valores com que trabalha. Os colaboradores sentem que estes valores acabam por passar, especialmente quando acompanham crianças desde a entrada na fundação até à sua saída e percebem a diferença que os seus métodos de ensino provocam nas crianças a vários níveis, como nos explica a Jéssica:

“Com este método já se acompanhou uma turma desde os dois aos seis anos e verificamos muito bons resultados. Viu-se os frutos e depois na escola são crianças que conseguem muito mais facilmente trabalhar e chegar lá, portanto, pra já tamos satisfeitos e temos andado a dirigir-nos para aí...” (Anexo 2, p.92).

No caso da Santa Casa da Misericórdia valores como a responsabilidade, a sinceridade, a honestidade, a clareza, a frontalidade, o respeito, o cuidado com o próximo, a escuta, o gosto pelo que se faz e a disponibilidade são nomeados como valores chave. Os colaboradores sentem que os valores passam nas atividades e nas relações que mantêm no dia-a-dia, como afirma o Paulo: “Sim, sim... Acho que acontece, pelo menos estamos a trabalhar pra isso” (Anexo 2, p.93). Percebem também, que estes valores provocam uma mudança social, quer nos serviços que prestam aos clientes, quer nos colaboradores que contratam, uma vez que são resposta para muitos desempregados sempre que isso se torna possível como nos apercebemos no testemunho do Paulo:

“Sim, quer dos clientes, quer inclusive da própria resposta que é dada na seleção dos colaboradores, nós temos muitos colaboradores que nos são enviados pelo centro de emprego e

que a própria instituição acaba também por ser uma resposta pra eles, a nível das várias instituições com as quais colaboro, sinto isso” (Anexo 2, p.93).

No Montepio Geral, os colaboradores dizem ser bombardeados com a questão da solidariedade, o bem-estar social, a honestidade, a humildade, o que regista uma semelhança comparativamente às outras organizações exploradas.

Como se regista nas outras organizações, no Montepio Geral, os colaboradores sentem também que esses valores que defendem e pelos quais trabalham passam nas tarefas que desempenham.

No Externato cooperativo da Benedita, os valores nomeados vão de encontro aos valores já antes enumerados pelos colaboradores pertencentes às outras organizações. Valores como a cooperação, o respeito, o ‘amor à camisola’, a solidariedade, o empenho e a dedicação são valores presentes também, nesta organização. O António, um dos colaboradores, é da opinião que estes valores pelos quais a organização se rege, têm vindo a perder-se uma vez que devido à conjuntura socioeconómica e ao descontentamento que esta provoca, as pessoas acabam por não refletir esses valores nas suas tarefas, “ (...) têm-se vindo a perder, com os cortes do Estado e os que fomos obrigados a fazer as pessoas não andam tão satisfeitas no trabalho como andavam e esses valores acabam por não se refletir tanto” (Anexo 2, p.95), os restantes trabalhadores acreditam que os valores acabam por se refletir. O António vai ainda mais longe, e de acordo com as mudanças sociais que estes valores podem provocar a nível do desemprego e da pobreza são elevados, como nos afirma:

“Disposição para manter os empregos dos colaboradores o mais possível não promovendo as estatísticas do desemprego, isto relativamente ao desemprego, relativamente à pobreza, substituímos em muito a autarquia no apoio alunos carenciados e com necessidades especiais, temos o projeto sorriso amigo onde são realizadas atividades de modo a possibilitar a satisfação de várias necessidades, asseguramos as refeições quando os alunos não podem pagar por elas e ajudamos cidadãos que estejam fora do meio escolar e que necessitem de apoio” (Anexo 2, p.95).

Os valores sustentados por organizações de Economia Solidária têm aos olhos dos seus trabalhadores um grande impacto na sociedade uma vez que transmitem a consciencialização e a tolerância das pessoas face a problemas sociais, a segurança que transmitem, a valorização de indivíduos excluídos do mundo laboral, respostas a outros níveis que não os estipulados pela organização, a predisposição de manter os empregos ativos evitando o despedimento, assim como todas as causas solidárias que se abraçam dentro e fora da organização.

- **Desenvolvimento Pessoal**

Os indivíduos entrevistados neste estudo refletem um sentimento de inclusão e afirmam que o trabalho é muito importante neste aspeto uma vez que lhes possibilita um sentimento de bem-estar e realização pessoal e profissional, altera a perspectiva com que encaram o mundo à sua volta, altera o modo como são vistos pelos outros, o gosto pelo que fazem e por verem crescer os seus objetivos, a sua própria valorização e até mesmo a procura por parte dos outros pelas funções que desempenham, o que podem oferecer aos outros, à ajuda na atividade que exercem e o relacionamento com os outros através da identidade criada. Observa-se uma linha muito ténue entre a forma como os indivíduos sentem a sua profissão canalizadora da forma como se sentem na sociedade e da forma como a sociedade os categoriza pela profissão que têm. Apenas uma pequena parte diz que a sua profissão nada influencia o modo como se vêem incluídos na sociedade, nem no modo como agem.

Os entrevistados foram questionados acerca do seu sentimento de inclusão:

- Como vêm o seu papel na sociedade;
- A influência que a sua profissão tem nesse sentimento de inclusão.

Quanto à Inclusão Social que os colaboradores sentem ter, no CEERIA, conclui-se que se sentem incluídos e que a profissão faz toda a diferença, uma vez que a missão da organização é a inclusão como nos afirma a Marina:

“Claro que sim, claro que a minha profissão influencia, muda coisas tão simples como isto, muda quando se tem um filho, porque se encara as coisas com uma perspectiva completamente diferente, muda quando... Quando acontece qualquer coisa que pode dar origem a... muda a forma como se olha para uma pessoa com deficiência (...)” (Anexo 2, p.98).

Outra das colaboradoras afirma que se sente incluída na sociedade e que vive para a sociedade, quanto à sua profissão, diz não tirar partido desta para benefício próprio, encontra-se aqui uma linha muito ténue entre a profissão como um modo de inclusão perante os outros e não sobre a perspectiva do indivíduo.

Na Fundação Vida Nova, os colaboradores sentem-se incluídos e todos afirmam que a profissão tem uma grande influência no modo como se vêem na sociedade. A profissão influencia em aspetos como o gosto pelo que se faz, o interesse que desperta nos outros, e a ajuda que pode ser dada aos outros como nos afirma a Jéssica:

“(...) acaba por influenciar porque como sou educadora de infância, muitas vezes as pessoas me vêm pedir conselhos sobre os filhos, portanto acaba por influenciar a minha formação, se fosse outra coisa qualquer influenciaria noutra área, na minha área, tenho às vezes aí pais e depois ainda, por cima, sou mãe de quatro filhos, normalmente vêm perguntar, e tenho as duas vertentes às vezes na prática nem sempre é fácil pôr o que a teoria diz, portanto posso dar esse

contributo. De certeza que a minha formação condiciona muito aquilo que eu posso dar aos outros” (Anexo 2, p.101).

A Inclusão Social sentida pelos colaboradores da Santa Casa da Misericórdia, é sentida de forma positiva, a profissão, influencia esse sentimento pela facilidade de interação com os outros, pela forma de ver o mundo à sua volta. Como nos afirma a Priscila: “Eu acho que sim e a forma de ver muitas coisas, da velhice, dos problemas sociais, das necessidades que as pessoas têm, eu penso que ao trabalhar aqui, ou numa instituição de idosos, noutra qualquer se calhar, temos uma noção diferente que se calhar muitas pessoas não têm” (Anexo 2, p.102). Apenas um colaborador afirma que a sua profissão não tem influência na sua inclusão social perante os outros pois como afirma a Paula: “Não, não tem, muita gente não tem noção do que é...” (Anexo 2, p.105). No Montepio Geral, os indivíduos percebem que a sua profissão influencia a Inclusão Social na forma como são vistos pela sociedade e pela identidade que cria, como nos afirma a Raquel: “Bom, agora sou conhecida pela menina do banco, já não sou só a Sónia, as pessoas acabam também por nos associar ao local de trabalho. A profissão cria a identidade, reflete-se muito isso. Ao fim de semana encontro pessoas e ah deixa-me fazer-te uma pergunta, queria um cartão” (Anexo 2, p.105), já a Rafaela, admite que a sua profissão faz com que tenham de interagir com todas as classes sociais, o que transforma a Inclusão Social, não o sente a nível pessoal, mas no geral, como nos explica:

“Eu própria não, não tenho problemas de interagir com qualquer tipo de classe com qualquer tipo de raça ou etnia, eu não, mas se calhar alguns colegas ajuda às pessoas que sejam um bocadinho mais retas ou que nasceram num berço um bocadinho melhor, e então trabalhando aqui, tendo conhecimento com todas as realidades temos mesmo que nos moldar à situação”.
No meu ponto de vista não, mas noutros colegas sei que isso acontece” (Anexo 2, p.106).

No Externato Cooperativo da Benedita, apresentam-se mais divergências relativamente ao sentimento de Inclusão Social dos colaboradores, todos os colaboradores se sentem incluídos na sociedade, mas a profissão que exerce o António, nada influencia a maneira como se inclui na sociedade nem quer tirar partido disso para benefício próprio, “Não, não tem nenhuma influência nem eu quero tirar partido disso para benefício próprio” (Anexo 2, p.106), a Ana e o André, dizem que trabalhar nesta organização ou noutra se sentiriam incluídos da mesma forma, já o Alexandre afirma que “(...) desde que sou diretor noto ainda mais, as pessoas ouvem-me e consultam-me muito mais do que enquanto professor, a função modificou muito” (Anexo 2, p.106).

Continua a verificar-se diversidades entre organizações e dentro das próprias organizações, uma vez que os indivíduos encaram a inclusão social de formas diferentes, alguns chegando mesmo a refletir a sua inclusão social aos olhos da sociedade.

✓ Mudança

Os trabalhadores refletem uma série de mudanças, desde o momento, em que iniciaram as suas funções nas organizações onde se inserem. As mudanças que sentem provocadas pelo trabalho que desempenham podem ser analisadas em três aspetos: a) mudanças na vida em geral; b) mudanças acerca dos problemas sociais e a sua consciencialização; c) mudanças na ajuda aos outros.

- Na vida em geral

No que diz respeito à vida em geral dos indivíduos entrevistados e às mudanças que esta sofreu percebe-se que mudanças significativas se deram na vida dos indivíduos quando iniciaram funções numa organização de Economia Solidária.

Através das funções que desempenham e atividades que desenvolvem diariamente, os indivíduos percebem que trabalhar nestas organizações mudou a forma de ver o mundo, a `valorização de pequenas coisas`, como nos afirma a colaboradora do CEERIA, a Maria:

“Se calhar a dar importância a pequenas... aquelas coisas que se dizem no senso comum mas às vezes agente diz isso sem sentir mesmo... a dar importância a pequenos ganhos, porque uma pessoa com deficiência e então se tem uma deficiência profunda muitas vezes a evolução que faz, a nível do seu percurso, são pequenos ganhos, são coisas muito lentas (...)” (Anexo 2, p.107).

O conhecimento da uma realidade que escapa a muitas pessoas, a realidade social; a mudança do olhar sobre diferentes aspetos; o tempo pessoal, uma vez que se abraça este trabalho como uma missão; a responsabilidade e a ponderação como nos relata a diretora da Fundação Vida Nova, Jéssica:

“Ui... mudou a responsabilidade, quando agente começa a trabalhar começa a ter uma maior responsabilidade e especialmente porque trabalhamos com pessoas, portanto a responsabilidade é muito maior, eu se me enganar neste papel rasgo e ponho noutra, mas se eu cometer um erro com uma criança posso deixar uma marca para toda a vida, e portanto nós temos que ter isso em conta e portanto, mudou muito a minha ponderação e pensar muito antes de agir seja com quem for, ter calma ...” (Anexo 2, p.111).

A mudança radical de vida; o sentimento muito mais humano, a estabilidade de rendimentos, a evolução profissional, a transparência na função; a integração junto das outras pessoas e o enveredar por um caminho profissional que não o idealizado.

Contudo, registam-se diferenças quanto às organizações entrevistadas acerca das mudanças na vida dos indivíduos. No CEERIA, salientam-se mudanças como, a importância de pequenas conquistas e pequenos aspetos que são facilmente desvalorizados na sociedade; a forma de ver o

mundo e conhecer a realidade que nos rodeia; a aposta numa carreira que nunca havia sido imaginada. Na Fundação Vida Nova, a realidade que desconhecida, como afirma a Josefina:

“Obviamente que estar aqui a trabalhar, ajuda-me muito ver a situação das outras famílias (...) vai-nos tocando ver situações tão difíceis, tão complicadas, já me passaram várias situações e agente claro, crianças com dificuldades quer no comportamento, quer a nível de desenvolvimento cognitivo e nós tentamos ajudar e isso claro, acho que cai fazendo com que agente cresça um bocadinho também, nós sempre aprendemos, todos os dias eu aprendo com os meninos, com pais, ensinamos mas também aprendemos” (Anexo 2, p.110).

O cansaço, a responsabilidade e a ponderação em trabalhar com pessoas, são apontados como as maiores mudanças desde que iniciaram funções. Observando o caso dos colaboradores da Santa Casa da Misericórdia, percebe-se que de encontro às organizações anteriores a forma de encarar aspetos sociais é uma mudança fulcral, como nos afirma a Priscila:

“Sei lá, tanta coisa... Pronto se calhar a maneira de ver a pessoa idosa, se calhar vê-se de outra maneira... (após interrupção da entrevista com a intervenção de uma idosa com alzheimer) pronto se calhar vejo o alzheimer de outra maneira. Eu acho que foi mesmo o ver a velhice de outra maneira, o às vezes fazer maus juízos de lares, eu acho que tem a ver com isso, o mudar de opinião acerca das instituições, do que é ser velho” (Anexo 2, p.113).

A mudança radical de vida encontra-se nesta instituição, uma das colaboradoras entrevistadas, a Piedade, mudou de concelho e diz sentir-se bem com a sua opção, “Mudei tudo, primeiro porque não sou de cá, sou de outro concelho, sou de Leiria, e sinto-me feliz, estou bem” (Anexo 2, p.113); o sentimento de humanização viu-se também alterado, a falta de tempo ao abrigo da missão que se encara é também outro aspeto de mudança nomeado pelos entrevistados. Analisando a organização Montepio Geral, apercebemo-nos de algumas semelhanças e também algumas divergências relativamente às organizações abrangidas neste estudo. A estabilidade de rendimentos é aqui descrita como uma mudança, aspeto não nomeado até então, a evolução profissional como nos afirma a Raquel, “(...) a dada altura que eu senti que estava sempre a fazer o mesmo e assim tava a estagnar, senti isso mas depois houve aqui uma reviravolta e agora sinto que haja evolução a título profissional, pessoal também, dá-me aquela estabilidade” (Anexo 2, p.114) e a redução de tempo pessoal, semelhantemente a outras organizações. No Externato Cooperativo da Benedita de acordo com os testemunhos dos colaboradores, percebe-se que aqui também existiram muitas mudanças, assim que iniciaram as suas funções nesta cooperativa. A mudança radical de vida e a carreira que não havia sido idealizada encontram-se nesta organização, como nos afirma o diretor pedagógico, Alexandre: “Muita coisa. Não tinha a ideia de querer ficar aqui, acabei por criar raízes. Casar, ter filhos, enveredei uma área profissional, o ensino, que gostava mas não era o que tinha idealizado fazer” (Anexo 2, p.115); a responsabilidade, a integração com as pessoas e a evolução profissional são aspetos nomeados pelos colaboradores da organização.

Conclui-se que o trabalho numa organização de Economia Solidária é propício a muitas mudanças na vida de um indivíduo. Estas mudanças registam-se a vários níveis e vão de encontro às

práticas que estas organizações mantêm, os indivíduos acabam por se enraizar com as preocupações e valores defendidos pelas organizações o que os leva a ter uma nova percepção do mundo à sua volta.

- Os problemas sociais e a consciencialização

Foi pedido aos entrevistados que refletissem acerca da sua consciencialização desde que começaram a desempenhar tarefas em organizações de Economia Solidária. Com a pergunta - Desde que trabalha nesta organização passou a interessar-se mais por problemas sociais? – pretende analisar-se se após uma semelhança de valores e atitudes os indivíduos acabam por transportar esses mesmos valores e atitudes para a sua vida pessoal.

De um modo geral os indivíduos assumem ter aumentado a consciencialização em relação aos problemas sociais que os rodeiam, havendo algumas exceções exploradas em seguida. A realidade social desconhecida pela maioria é mais uma vez salientada pelos indivíduos entrevistados, conclui-se que muitos aspetos na sociedade escapam ao olhar da maioria das pessoas, situações como a pobreza, o abandono, a solidão, as dificuldades económicas, a carência a nível alimentar, a nível de vestuário e a perturbação mental; o que foi permitido tomar consciência após a integração nestas organizações para a maioria dos indivíduos.

Analisando as organizações percebemos que no CEERIA, a realidade que se esconde ofereceu aos trabalhadores uma grande consciencialização do que se passava em redor, as dificuldades que as famílias passam, assim como as carências aos mais diversos níveis, como económico, cultural e emocional. A Marina, colaboradora no CEERIA, vai mais longe e explica que a sua vinda para esta área já tinha uma razão:

“Sim... É assim, é óbvio que o facto de ter vindo parar a esta área não inocoo, é óbvio que foi uma área querida digamos assim, é óbvio que há coisas na minha vida pessoal que me encaminham totalmente pra isso, mas é óbvio que tudo isso se vai trabalhando e alterando porque se nós tamos imenso tempo na coisa, a nossa percepção e os nossos valores vão mudando com o tempo (...) mas a minha percepção também se alterou, a forma de estar em relação às pessoas com deficiência é hoje diferente, se calhar não tanto quanto eu gostaria, e estou-me a lembrar aqui de uma coisa, que eu faço muito que é quase uma afirmação de carácter que é eu fazer por, as pessoas não precisam que façam por elas, as pessoas precisam que faça com elas pra conseguirem explorar o máximo do seu potencial, sobretudo com pessoas com deficiência e isto é uma aprendizagem que se faz, porque nós culturalmente não tamos aí, tamos noutro lado” (Anexo 2, p.98).

Percebe-se também nesta organização que os valores adquiridos e as percepções além de adquiridos são postos em prática fora da organização, como afirma a Mónica:

“ [...] eu sou por norma, eu costumo dizer que vivo em sociedade, não vivo pra sociedade, há certas coisas, há certas situações que eu não tenho qualquer problema em denunciar, portanto tudo aquilo que eu saiba, fora da instituição, tudo o que me venham dizer de maus tratos a crianças e a jovens eu não tenho problemas nenhuns em ir ao sítio certo e já o fiz, e faço-o as vezes que forem precisas” (Anexo 2, p.99).

Na Fundação Vida Nova, também se regista um aumento do interesse e da consciencialização dos problemas sociais, as carências, as dificuldades e os problemas por que muitas pessoas passam, começaram a fazer-se sentir desde que trabalham na organização. Contudo, a Joana, colaboradora como auxiliar de educação, afirma que a crise económica que se faz sentir já trouxe a consciencialização então não nota diferença nesse aspeto desde que trabalha na fundação e refere que então a consciencialização não foi de carência económica mas sim afetiva:

“Não noto a diferença porque já havia um grande interesse e uma grande consciencialização, com a crise você já foi aumentando esse conhecimento, mas em termos de problemas que vêm aqui pra organização agente já conhecia, já brigava por eles, a consciencialização que eu tomei mais é que há muito mais crianças a precisar muito mais dos pais e os pais a precisar de mais tempo pra trabalhar pra ter dinheiro para as crianças, pra comer, vestir, pro dia-a-dia, então o que há é esse afastamento muito grande dos pais hoje com as crianças” (Anexo 2, p.100).

A diretora pedagógica da fundação, Jéssica, afirma que o interesse já o tinha, mas as suas funções permitem-lhe uma perspetiva clara de tudo o que é feito a nível social no país:

“[...] o que faz aqui a instituição é que me dá acesso a conhecimento mais global não é só ali da minha comunidade mas também, de um problema global e de como é que as coisas funcionam em Portugal a nível social, e de subsídios, de bancos alimentares e dessas coisas todas portanto, dá-me uma visão muito mais alargada, com certeza do que só o interesse inicial de querer ajudar os que tão ao meu lado” (Anexo 2, p.101).

Observando o caso da Santa Casa da Misericórdia percebe-se que de encontro ao que temos observado nas restantes organizações, após começar a trabalhar nesta organização o interesse por assuntos sociais e a consciencialização do que se passa na sociedade aumentou em larga escala, como nos afirma a Paula: “Tive, já havia mas não tanto e nunca pensei que aqui tão perto que houvesse tanta coisa como há (...) Antes disso agente não toma consciência de que há tanta coisa, há tanta miséria, há pobreza mesmo em Alcobaça, há muita miséria...” (Anexo 2, p.102), outros trabalhadores afirmam que o interesse por assuntos sociais já existia, apenas se manteve com a entrada na organização. A pobreza e a solidão são os aspetos mais desconhecidos, até então, pelos colaboradores da Santa Casa. No caso do Montepio Geral, a Raquel explica-nos: “Eu sempre fui muito vocacionada para essa área portanto (...) eu já tinha isto um bocadinho dentro de mim e com este trabalho esse interesse continuou” (Anexo 2, p.105), enquanto, nos outros colaboradores se regista um aumento do interesse e o despertar de uma consciencialização devido ao contato direto com as dificuldades dos utentes. Esta organização vai de encontro às outras organizações analisadas

neste estudo, onde vários colaboradores afirmam ter aumentado o seu interesse pela área social assim como a sua consciencialização, e onde outros afirmam já ter esse interesse e essa mesma consciencialização. O Externato Cooperativo da Benedita, regista a mesma tendência no que diz respeito ao interesse por aspetos sociais dos seus colaboradores. No geral, observa-se o aumento significativo do interesse e da consciencialização dos trabalhadores pelos aspetos sociais que os rodeiam, como nos afirma o diretor pedagógico, Alexandre: “Sim, sem dúvida. Tomei também uma maior consciencialização dos problemas que existem e uma maior preocupação” (Anexo 2, p.106). Apenas um dos colaboradores afirma existir um grande interesse por problemas sociais e não registar nenhuma mudança com a entrada na organização, que é o caso do António que explica, “Já existia um grande interesse pelos problemas sociais, não notei uma mudança” (Anexo 2, p.106).

Com o trabalho em organizações com estas particularidades regista-se uma grande aumento da consciencialização e do interesse por problemas, percebe-se que muitas pessoas não têm noção do que os rodeia, o que impede os indivíduos de agirem. Percebe-se o grande potencial que estas organizações têm na mudança do indivíduo sobre a sociedade e da ideia que este tem acerca da sociedade.

- Na ajuda aos outros

Os indivíduos entrevistados foram questionados acerca da mudança que sentem ter na vida dos outros com a profissão que desempenham e qual a mudança que provocam.

Observa-se que os indivíduos sentem que com a sua profissão mudam de fato a vida dos que os rodeiam e esta mudança regista-se em vários sentidos da vida de um indivíduo. A Jéssica, diretora da Fundação Vida Nova, explica que se os profissionais estiverem dispostos a utilizar a sua profissão e a sua área de formação, essa mudança é certamente possível, relatando com exemplos da sua profissão:

“Pode. Se eu souber usar a minha profissão pode, às vezes agente não está é disposto a isso, ou às vezes o tempo faz e as nossas preocupações do dia-a-dia fazem com que agente não tenha tanto tempo para acompanhar aqueles que necessitam, agora sim isso tem-me acontecido várias vezes já, notar e ver e mesmo as pessoas dizem que a instituição mudou a vida delas e que se não fosse a instituição elas... as crianças estariam noutra sítio, e elas não seriam tão boas mães ou tão bons pais e isso é a melhor paga que se pode ter, ver que se contribui pro crescimento e pra melhoria de uma pessoa que muitas vezes não é tao boa porque não teve, muitas vezes já vem da família e não sei quê... E já são histórias quase de tetravós que têm uma vida complicada, e às vezes aparecem aqui e a gente tenta sempre dar o nosso contributo pra que as pessoas melhorem” (Anexo 2, p.101).

Esta entrevistada vai mais longe e conclui que a mudança que provoca na vida dos outros é a melhor paga que pode ter na sua profissão. Já a Manuela, colaboradora do CEERIA, afirma poder mudar parte da vida dos indivíduos com que trabalha: “Sim, pode mudar, não mudar totalmente que é

difícil mas acho que pode mudar parte da vida” (Anexo 2, p.98). A Paula, colaboradora da Santa Casa da Misericórdia conclui prontamente que o seu trabalho e a organização em que se insere, permitem com que a vida dos indivíduos mude totalmente, uma vez que são assegurados todos os direitos e todas as atividades aos indivíduos independentemente do estatuto social, idade ou poder económico. No Montepio Geral, a opinião de mudança na vida dos indivíduos mantém-se, além do nível económico acredita-se numa mudança a outros níveis. No Externato Cooperativo da Benedita, acredita-se na mudança que provocam na vida dos indivíduos, além da educação que lhes dão, o trabalho que é feito com eles a um nível individual quando estes apresentam algum problema, como refere a psicóloga, Ana:

“Fico muito contente, de vez em quando vimos crianças e pensamos o que será o futuro deles e depois anos mais tarde vimos e estão muito bem e ficamos contentes, claro que não tem só a ver com o trabalho que é feito aqui mas acho que tem um grande contributo, e a prova é que há miúdos e pais que muitos anos depois de eles saírem ainda voltam aqui a pedir acompanhamento.” (Anexo 2, p.106).

As mudanças no geral recaem sobre a importância de pequenas coisas, a forma de ver o mundo, o conhecimento da realidade social, a abdicação do tempo pessoal em prol de uma causa, a responsabilidade, o sentimento de humanização, a estabilidade, evolução profissional, transparência e integração. Observa-se então, as mudanças que um trabalho numa organização com estas particularidades pode provocar na vida de um indivíduo, profundas mudanças que vão para além de um rendimento mensal, criam uma identidade, devido a uma estrutura de semelhança e na maioria das vezes de proximidade com o que fazem e para quem o fazem; uma inclusão social, através das relações sociais que adquirem e do trabalho que realizam em prol dos outros, através do envolvimento que sentem dentro da organização com a participação ativa e a escuta constante por parte dos colegas de trabalho e dos indivíduos que ocupam posições hierárquicas superiores.

✓ Perspetivas Futuras

Os indivíduos entrevistados foram questionados quanto à perspetiva de futuro que tinham na organização.

Numa visão de futuro, os trabalhadores acreditam numa continuidade daquilo que tem vindo a ser o trabalho que desempenham, com evolução a nível pessoal e profissional, na esperança de verem os seus objetivos alcançados. No entanto, a situação socioeconómica que se faz sentir preocupa de forma geral os indivíduos, provocando alguma incerteza e insegurança. Contudo, a preocupação maior, verificou-se sobre o possível cessar funções por parte das organizações, o que consideram vir a agravar os problemas sociais já existentes.

Na associação CEERIA, os colaboradores vêem o seu futuro progressivo na organização, vêem ainda um futuro com uma grande evolução tanto a nível pessoal como de formação, como nos explica a Manuela:

“Eu acho que ainda tenho muito a melhor, a aprender, a desenvolver.... Tenho esperança e sinto que ainda há muito trabalho a fazer e espero melhorar, pelo menos na área em que estou sinto que cada vez há mais trabalho, esta valência começou em 2011 é nova e o nº de crianças sinalizadas tem vindo a aumentar, por isso eu acho que a perspetiva é continuar a crescer” (Anexo 2, p.109).

Caso tenham de abandonar a organização devido à conjuntura socioeconómica não se revêm noutra função. No caso da Fundação Vida Nova, os colaboradores acreditam na continuidade das funções que têm vindo a executar, mas a maior preocupação que surge é o fato de a organização cessar funções, acreditam ser uma grande perda para a comunidade com que trabalham, como nos afirma a Joana:

“De trabalho, em linha de trabalho não tenho essa preocupação, tenho preocupação se a fundação se mantém, comigo aqui comigo não aqui de eu estar trabalhando ou não estar trabalhando eu vou estar sempre ali de volta de certa forma, não tenho este medo, não preciso dessa segurança do meu posto de trabalho garantido ali, pra achar que vai funcionar, não tenho essa preocupação, se ficar melhor, mas se n ficar o meu amor pela fundação e pelas crianças mantém-se” (Anexo 2, p.111).

Os colaboradores da Santa Casa da Misericórdia vêem o seu futuro de uma forma positiva, a continuar as funções que têm realizado até aqui de modo a responder às necessidades, outros colaboradores avançam com o fato de passarem de colabores a clientes com muita naturalidade como nos explica o Paulo:

“[...]eu costumo dizer que eu poderei passar de ser um colaborador ativo para ser um cliente à medida que o ciclo da vida, é contínuo não é... e como tal estou tranquilo, enquanto sentir que tenho capacidade e posso dar um contributo ativo pra instituição manter-me-ei, quando entender que deixei de ter esse contributo não tenho dificuldade em por à disposição a quem de direito as funções que desempenho” (Anexo 2,p.112).

As organizações mantêm o mesmo registo, os colaboradores acreditam num futuro promissor no trabalho que desempenham, embora com alguma preocupação com a situação socioeconómica que o país atravessa. No Montepio Geral, a opinião dos colaboradores é de uma evolução constante apesar de toda a instabilidade e incógnita que se faz sentir nos dias de hoje. No caso do Externato Cooperativo da Benedita, as opiniões existentes divergem, um dos colaboradores, o António não vê um futuro progressor na organização: “Neste momento acho que é impossível pensar no futuro, é tudo muito incerto e estamos perante um período muito conturbado, mas penso que num futuro próximo o meu futuro aqui só tende a ser redutor, não será possível de outra maneira” (Anexo 2, p.115), o Alexandre, diretor pedagógico afirma estar ansioso pelo futuro próximo: “Desejoso para ver se as minhas estratégias e as medidas que estou a tomar dão frutos” (Anexo 2,p.115), a Ana vê a

continuar o seu futuro aqui, embora a distância da sua residência a faça hesitar quanto ao futuro, e o André acredita que o seu futuro na organização será promissor, como nos explica: “Atualmente... Nós temos de evoluir sempre, penso que mesmo assim apesar da idade ainda vou evoluir mais... nunca parei...” (Anexo 2, p.117). Regista-se assim, novamente uma diversidade de aspetos entre as organizações compiladas neste estudo na perspetiva dos colaboradores. Uma segurança quanto às atividades que desempenham e quanto à importância do trabalho que realizam, não esquecendo o que a crise económica que o país atravessa influencia as suas atividades.

✓ Em síntese...

As organizações de Economia Solidária, analisadas neste estudo de caso, através da subjetividade dos indivíduos entrevistados, apresentam particularidades no objetivo central que as caracteriza, na gestão e organização, nas tarefas desempenhadas e no impacto que criam na vida destes indivíduos e na sociedade.

Através da caracterização das organizações pelos indivíduos percebe-se que estas organizações apresentam uma gestão autónoma, democrática e participativa, através do envolvimento que o trabalhador tem na organização, da participação em tomadas de decisão, do à vontade para poder partilhar ideias e opiniões e das boas relações laborais que mantêm como se confirma na teoria dos vários autores revisitados (Gaiger, 2013; Jané, 2010). Os valores pelos quais as organizações se definem, refletem-se na gestão da organização, nas tarefas desempenhadas e são valores com grande impacto na sociedade.

Os indivíduos mostram um sentimento de inclusão positivo e salientam o trabalho como um aspeto muito importante na caracterização desse sentimento. O trabalho torna-se um aspeto importante na subjetividade de identidade pessoal e social, permitindo uma inclusão social do indivíduo.

Observam-se mudanças significativas na vida dos indivíduos desde que iniciaram funções em organizações de Economia Solidária. Estas mudanças registam-se a vários níveis, como mudanças na sua vida em geral, mudanças acerca dos problemas sociais e a consciencialização dos mesmos e mudanças na ajuda que podem oferecer aos outros. Percebe-se que as profundas mudanças que se registam na vida de um indivíduo ao trabalhar nas organizações analisadas vão muito além do rendimento mensal, mas sim à criação de uma identidade social possível através do sentimento de pertença, na proximidade das relações laborais que estabelecem, com o trabalho que desempenham e para quem o desempenham, das causas que ‘abraçam’ e da consciencialização e identificação com problemas sociais.

VIII. Conclusão

A situação socioeconómica que Portugal atravessa acarreta vários problemas económicos, financeiros e sociais. Neste quadro a Economia Solidária parece adquirir uma nova expressão e oportunidade na alternativa que representa. É sobre a Economia Solidária que nos debruçámos, mas de uma perspetiva diferente uma vez que pretendemos com esta investigação perceber até que ponto esta economia `alternativa` é uma solução viável para os problemas que o país atravessa na opinião dos colaboradores que estão inseridos em instituições de economia dita alternativa. Partimos então para uma investigação com o intuito de responder à questão - *O que concede a Economia Solidária de diferente aos indivíduos que trabalham nesta área?*

A investigação inicia-se com uma reflexão acerca do que foi a crise de 2008-2009 e quais os seus danos no país, sobre o papel que a Economia Solidária ganha em contextos de crise; exploram-se os conceitos de Economia Solidária, Identidade Social, Inclusão Social e Inclusão Social `alternativa`; cruza-se o conceito de Inclusão Social com as relações de trabalho e o trabalho em organizações de Economia Solidária.

Posteriormente ao quadro teórico e exploratório acerca do tema deu-se a investigação empírica. Nesse contexto foram entrevistados 19 indivíduos que trabalham em organizações de Economia Solidária no concelho de Alcobaça. As organizações contempladas neste estudo foram as seguintes: a Associação CEERIA, a Fundação Vida Nova, a Santa Casa da Misericórdia, o Montepio Geral e o Externato Cooperativo da Benedita. O concelho de Alcobaça foi caracterizado nos aspetos sociodemográficos.

No que diz respeito à parte empírica, o contato com as organizações de início não foi fácil. Inicialmente a opção por organizações na Área Metropolitana de Lisboa foi abandonada pelos contactos. Por razões de ordem pessoal (concelho de residência) e facilidade no optou-se concelho de Alcobaça. Relativamente às entrevistas e à sua realização, todo o processo correu dentro da normalidade, com rigor e organização, à exceção de duas entrevistas que se tornaram mais difíceis devido à recetividade por parte dos entrevistados, chegando mesmo uma delas a não ser realizada.

De acordo com a subjetividade dos indivíduos entrevistados neste estudo de caso percebe-se que a Economia Solidária é uma prática muito rica e com um grande retorno nas atividades que desempenha. Este retorno é plural além de uma componente profissional existe também uma grande componente pessoal de realização e desenvolvimento.

Trabalhar em organizações de Economia Solidária permite aos indivíduos criarem uma identidade social e possibilita-lhes a sua inclusão social. De encontro às dimensões analisadas - identidade social e inclusão social – percebe-se que esta outra economia possibilita aos seus

colaboradores interações sociais, que através de vínculos de proximidade, condições de trabalho e valores semelhantes, mudanças de comportamentos e atitudes com um objetivo comum, lhes permitem criar uma identidade social e sentirem-se incluídos na sociedade. A inclusão social só é possível após a criação de uma identidade, do encontro de uma função na sociedade, de compromissos e valores partilhados por outros. A inclusão social e a identidade de um indivíduo têm uma grande expressão pela via das relações de trabalho. Neste estudo confirma-se o que foi explorado na discussão destas dimensões. Através da subjetividade dos indivíduos percebe-se que o trabalho e as relações que este proporciona têm uma grande influência na inclusão social e na identidade do indivíduo. As relações laborais são vividas pelos trabalhadores de uma forma muito próxima, existe uma grande cooperação entre colegas de trabalho e superiores, uma grande humanização das relações sociais, cooperação e grande envolvimento de cada trabalhador na organização, além do apelo à participação, aspetos que refletem a gestão participativa e democrática das organizações estudadas.

De acordo com os testemunhos dos indivíduos percebem-se as fortes relações sociais e os laços que se criam, permitindo a formação de identidade através das semelhanças que os aproximam.

Os valores que são pedidos aos indivíduos com que trabalhem também mostram as mudanças de comportamento possíveis com o trabalho numa organização com estas particularidades. Estas mudanças percebem-se quando os indivíduos são confrontados com as mudanças que sentiram acontecer e as respostas incidem sobre o olhar do mundo ao seu redor, a importância de pequenas coisas, a consciencialização dos problemas sociais, o sentimento de humanização, evolução profissional e integração.

Observa-se também que outra vertente da pluralidade da Economia Solidária é a mudança que esta provoca na vida dos indivíduos, a mudança na vida em geral, a mudança na consciencialização dos problemas sociais e a mudança na ajuda aos outros. Todas estas mudanças se tornaram muito profundas na vida dos indivíduos inquiridos. O trabalho em organizações de Economia Solidária constitui um importante articulador de relações sociais e um fator de identidade social e inclusão social. Um emprego numa organização deste tipo vai muito além de um rendimento, é uma mudança de vida e de postura diante da sociedade onde o indivíduo se insere.

Como hipóteses de futuras investigações sugiro: a) a investigação através de histórias de vida de modo a que se percebam todas as mudanças que a Economia Solidária provoca nos indivíduos; b) um estudo de caso com que permita perceber a trajetória de vida de indivíduos que se encontrem em situações sociais e económicas vulneráveis e que colaborem ou que de alguma forma estejam envolvidos em organizações de Economia Solidária.

IX. Bibliografia

- (2007), “Rede Social” Diagnóstico Social concelho de Alcobaça
- Abreu, Alexandre, Hugo Mendes, João Rodrigues, José Guilherme Gusmão, Nuno Serra, Nuno Teles, Pedro Delgado Alves, Ricardo Pais Mamede (2013), “A CRISE, A TROIKA E AS ALTERNATIVAS URGENTES”
- Alvino-Borba, Andreilcy, Herlander Mata-Lima (2011), “Exclusão e inclusão social nas sociedades modernas: um olhar sobre a situação em Portugal e na União Europeia” *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n.106, p. 219-240
- Cattani, A.D., J.- L. Laville, L. I. Gaiger e P. Hespanha (2009), “Economia Solidária”, *Dicionário Internacional da Outra Economia*, p. 160-165
- Conselho Europeu (2009) Relatório conjunto sobre proteção social e inclusão social 2009, <http://ec.europa.eu/social/keyDocuments.jsp?advSearchKey=inclus%C3%A3o+social&mode=advancedSubmit&langId=pt&search=Search>, texto acerca da Inclusão Social da UE acedido a 20/11/2012
- Costa, Mariela Cristina de Aguiar, Débora Mantovani Comello, Raissa Pedrosa Gomes Tette, Michelli Godoi Rezende & Maristela Ferro Nepomuceno (2011), “Inclusão Social pelo Trabalho: a Qualificação Profissional para Pessoas com Deficiência Intelectual”, *Gerais, Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 2 n.2, p. 200-214
- Coutinho, Maria Chalfin, Edite Krawulski, Dulce Helena Penna Soares (2007), “Identidade e Trabalho na Contemporaneidade: repensando articulações possíveis”, *Psicologia & Sociedade*, v.19, n.1
- Estivill, Jordi (2003), “PANORAMA DA LUTA CONTRA A EXCLUSÃO SOCIAL Conceitos e estratégias”, pp.13-73
- Externato Cooperativo da Benedita (2011) Projeto Educativo 2011/2014, http://www.externatobenedita.net/attachments/article/76/Projeto_Educativo_ECB_2011_2014.pdf, documento acedido a 08/05/2014
- Freire, Sofia (2008), ““UM OLHAR SOBRE A INCLUSÃO””, *Revista da Educação*, v. XXI, n.1, p. 5-20
- Gaiger, Luiz Inácio (2013), “A ECONOMIA SOLIDÁRIA E A REVITALIZAÇÃO DO PARADIGMA COOPERATIVO”, *Revista Brasileira das Ciências Sociais*, v.28, n. 82
- Henriques, José Manuel (2010), “CRISE, ECONOMIA SOCIAL E SOLIDÁRIA E «INTEGRAÇÃO ECONÓMICA» NA ACÇÃO CONTRA A POBREZA”, *A crise actual e as respostas da Economia Solidária*, v.2, pp.81-113

Jané, Jordi Garcia (2010), “LA ECONOMIA SOLIDARIA: SUSTENTO Y ESPERANZA”, *A crise actual e as respostas da Economia Solidária*, v.2, pp.26-55

Leite, Marcia de Paula (2009), “A ECONOMIA SOLIDÁRIA E O TRABALHO – Teorias e realidades”, *REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS*, v.24, n.69

Marques, Ana Paula, Carlos Manuel Gonçalves, Luísa Veloso (2013) “Trabalho, Organizações e Profissões: recomposições conceptuais e desafios empíricos”, Associação Portuguesa de Sociologia

Namorado, Rui (2009), “Para uma economia solidária – a partir do caso português”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v.84, pp. 65-80

Prette, Del Almir, Zilda A. P. Del Prette (2003), “Assertividade, sistema de crenças e identidade social”, *Psicologia em Revista, Belo Horizonte*, v. 9, n. 13, p. 125-136

Rosa, Eugénio (2013), A situação atual do País é já pior do que era quando entraram em funções a “troika” e este governo, 1-3 in www.eugeniorosa.com

SaeR (2004), “Avaliação Estratégica das Condições de Desenvolvimento do Concelho de Alcobaça”

Silva, Manuela (2010), “Enfrentar a Crise. Erradicar a Pobreza – o contributo da Economia Social”, *Sociedade e Trabalho*, v.41, 101-109

Souza, Vanessa A. De, Alexandre Reis Rosa (2005), “Políticas públicas e a construção da identidade nas relações de trabalho”, *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, v. 5, n.1

Vasconcelos, Isabella Freitas Gouveia de, Flávio C. Vasconcelos (2002), “GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS E IDENTIDADE SOCIAL: UM ESTUDO CRÍTICO”, *RAE- Revista de Administração de Empresas*, v. 42, n.1

www.vidanova.pt

www.scmalcobaca.pt

www.ceeria.com

www.Montepio.pt

www.pordata.pt

www.INE.pt

Índice de Anexos

Anexo A - Guião de Entrevista	pág. 52
Anexo B - Análise de Conteúdo	pág. 59

X. Anexos

✓ Anexo A - Guião de Entrevista

Apresentação do Projeto

Esta entrevista insere-se num projeto de dissertação, no âmbito do mestrado, em Economia Social e Solidária do ISCTE-IUL. Devido à conjuntura económica, financeira e social vulnerável que se faz sentir no país, o debate em torno da importância, do carácter e da potencialidade da Economia Solidária tem vindo a merecer a atenção de muitos pensadores e ativistas sociais. Porém, numa primeira, fase é importante que se compreenda o que é que esta economia `alternativa` proporciona. Pretende-se assim com este estudo perceber, a especificidade da Economia Solidária aos trabalhadores que desenvolvem a sua atividade no âmbito de organizações com esta natureza.

Não existem respostas certas ou erradas pretendo apenas saber a sua opinião. Deste modo, peço-lhe que seja o mais sincero possível nas suas respostas. Saliento ainda, que a sua colaboração deverá ser voluntária e que poderá interromper a qualquer momento, se assim o entender. Os dados obtidos nesta entrevista são anónimos.

Tenciona colaborar com esta entrevista autorizando assim que esta mesma, seja gravada?

Número de Entrevista: ____

1 – Identificação

1.1 - Nome: (Pseudónimos)

1.2 - Idade:

1.3 - Sexo:

1.4 - Residência:

1.5 - Naturalidade:

2 - Habilitações Literárias

2.1 - Grau de Escolaridade

2.2 - Área de Formação

2.3 - Formações Complementares

3 - Percurso Profissional

- 3.1 - Em que empresas trabalhou antes de estar na presente organização?
- 3.2 - Quais as funções que desempenhou?

4 – Organização

- 4.1 - Organização a que pertence:
- 4.2 - Tem conhecimento da missão e dos objetivos desta organização?
- 4.3 - Como teve conhecimento da organização?
- 4.4 - Quais as diferenças entre esta organização e as organizações convencionais?
- 4.5 - Existe uma diferença entre as expectativas que tinha quanto à organização e a realidade com que se confrontou? Se sim, justifique e concretize

5 - Descrição do Trabalho

- 5.1 - Contrato de Trabalho:
- 5.2 - Começou nesta organização com esse contrato?
- 5.3 - O contrato de trabalho, influencia a sua forma de estar e de trabalho, na organização?
- 5.4 - Há quanto tempo trabalha na organização?
- 5.5 - Por que razão (razões) veio trabalhar para esta organização?
- 5.6 - Identificar os aspetos mais positivos e menos positivos da organização

6 - Descrição da Função

- 6.1 - Qual a função que desempenha?
- 6.2 - Como é o seu dia-a-dia nesta organização?

7 – Comparação

- 7.1 - Compare esta organização com a organização anterior... (caso tenha trabalhado anteriormente e caso a organização seja de uma natureza jurídica distinta)
- 7.2 – O que há de diferente na sua função atual com a função anterior...

8 – Envolvimento

- 8.1 - Qual é o envolvimento que tem nesta organização?
- 8.2 - Qual é a relação de proximidade que existe entre os colaboradores?
- 8.3 - Participa, reflete e opina acerca de decisões importantes para o futuro da organização? Dê um exemplo, por favor...

9 - Relações Laborais

- 9.1 - Defina a relação que mantém com os seus superiores
- 9.2 - Defina a sua relação com os colegas de trabalho

10 - Princípios e Valores

- 10.1 - Quais são os princípios e os valores que lhe são inculcados pela organização?
- 10.2 - As suas tarefas e o modo como as desempenha refletem esses mesmos valores?
- 10.3 - Quais os valores da organização que considera importantes para a mudança social, (face aos números do desemprego e da pobreza em Portugal)?

11 - Inclusão Social

- 11.1 - Desde que trabalha nesta organização passou a interessar-se, em geral, por problemas sociais, ou assume essa postura, apenas, enquanto desempenha a sua atividade profissional?
- 11.2 - Uma profissão como a sua pode mudar a vida de um indivíduo? Em que sentido?
- 11.3 - Como se vê incluído na sociedade?
- 11.4 - O fato de trabalhar numa organização como esta tem alguma influência na sua inclusão social? Porquê?

12 - Da organização para fora...

- 12.1 - Desde que entrou nesta organização, o que considera ter mudado na sua vida?
- 12.2 - O que sente no final de um dia de trabalho nesta organização?
- 12.3 - Como vê o seu futuro na organização?

✓ Anexo B - Análise de Conteúdos

Função

CEERIA	Maria	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu tirei Sociologia, mas aqui pronto, essencialmente, tou um bocado a fazer um trabalho acho que mais de assistente social...”
	Manuela	<ul style="list-style-type: none"> • “Sou técnica de Serviço Social, na área de intervenção precoce”
	Marina	<ul style="list-style-type: none"> • “Psicóloga”
	Mónica	<ul style="list-style-type: none"> • “Sou auxiliar pedagógica”
Fundação Vida Nova	Júlia	<ul style="list-style-type: none"> • “Auxiliar de educação”
	Josefina	<ul style="list-style-type: none"> • “Educadora de Infância”
	Joana	<ul style="list-style-type: none"> • “Sou auxiliar da educadora no ATL”
	Jéssica	<ul style="list-style-type: none"> • “Sou diretora técnica e pedagógica”
Santa Casa da Misericórdia	Paulo	<ul style="list-style-type: none"> • “Aqui na Misericórdia sou responsável de enfermagem (...)”
	Piedade	<ul style="list-style-type: none"> • “Assistente social”
	Priscila	<ul style="list-style-type: none"> • “Animadora sociocultural”
	Paula	<ul style="list-style-type: none"> • “Encarregada de ação direta”
Montepio Geral	Raquel	<ul style="list-style-type: none"> • “Comercial”
	Ricardo	<ul style="list-style-type: none"> • “Gerente”
	Rafaela	<ul style="list-style-type: none"> • “Operadora de Balcão”
Externato Cooperativo da Benedita	António	<ul style="list-style-type: none"> • “Jurista”
	Alexandre	<ul style="list-style-type: none"> • “Diretor pedagógico”
	Ana	<ul style="list-style-type: none"> • “Psicóloga”
	André	<ul style="list-style-type: none"> • “Administrativo”

Habilitações Literárias

CEERIA	Maria	<ul style="list-style-type: none"> • “Licenciada em Sociologia, ramo de políticas sociais, universidade do Minho.”
	Manuela	<ul style="list-style-type: none"> • “Licenciatura em Serviço Social”
	Marina	<ul style="list-style-type: none"> • “Licenciatura em Psicologia”
	Mónica	<ul style="list-style-type: none"> • “Licenciada em Psicologia, ciências sociais e do comportamento”
Fundação Vida Nova	Júlia	<ul style="list-style-type: none"> • “12º na área de apoio à educação”
	Josefina	<ul style="list-style-type: none"> • “Sou licenciada, tenho uma licenciatura em educação de infância e uma pós-graduação, especialização em ensino especial.”

	Joana	<ul style="list-style-type: none"> • “12º ano na área da infância, ministério do Brasil”
	Jéssica	<ul style="list-style-type: none"> • “Licenciatura em Educação de Infância”
Santa Casa da Misericórdia	Paulo	<ul style="list-style-type: none"> • “Licenciado, sou enfermeiro especializado em reabilitação, com pós graduação em gestão hospitalar e pedagogia.”
	Piedade	<ul style="list-style-type: none"> • “Licenciatura em Serviço Social e uma pós-graduação em Gestão de Recursos Humanos”
	Priscila	<ul style="list-style-type: none"> • “Licenciatura em Animação Sociocultural”
	Paula	<ul style="list-style-type: none"> • “Tenho o 9º ano de escolaridade”
Montepio Geral	Raquel	<ul style="list-style-type: none"> • “Licenciada em Direito”
	Ricardo	<ul style="list-style-type: none"> • “Licenciatura em Economia”
	Rafaela	<ul style="list-style-type: none"> • “Licenciada em Economia”
Externato Cooperativo da Benedita	António	<ul style="list-style-type: none"> • “Licenciatura em Direito e Pós Graduação em Contabilidade”
	Alexandre	<ul style="list-style-type: none"> • “Licenciatura em engenharia mecânica e pós graduação em Gestão Escolar”
	Ana	<ul style="list-style-type: none"> • “Licenciatura em Psicologia e pós graduação em Psicoterapia Psicanalítica, especialização em neuropsicologia, e tenho outras em psicologia da saúde...”
	André	<ul style="list-style-type: none"> • “Sou licenciado em Tecnologias da Informação Empresarial”

Percurso Profissional

Em que empresas trabalhou antes de estar na presente organização?

CEERIA	Maria	<ul style="list-style-type: none"> • “Primeiro trabalho, alguns trabalhos de verão, mês, mês e meio, assim na área da restauração que nada têm a ver com a minha formação, mas pronto...”
	Manuela	<ul style="list-style-type: none"> • “Depois de terminar o curso trabalhei algum tempo num supermercado...”
	Marina	<ul style="list-style-type: none"> • “ ... trabalhei, trabalhei num projeto contra a pobreza também, num centro social e paroquial, nos Açores em S. Miguel. Antes da minha licenciatura eu trabalhei 6 anos, e fui sócia, já não me lembro quantos foram, de uma empresa de contabilidade familiar...”
	Mónica	<ul style="list-style-type: none"> • “É o primeiro e único trabalho.”
Fundação Vida Nova	Júlia	<ul style="list-style-type: none"> • “Não, o meu primeiro trabalho foi aqui.”
	Josefina	<ul style="list-style-type: none"> • “Trabalhei num escritório de uma sapataria, fazia o trabalho de secretária”
	Joana	<ul style="list-style-type: none"> • “Em cafés, padarias, pastelarias... Sempre na área da restauração.”
	Jéssica	<ul style="list-style-type: none"> • “Antes de trabalhar aqui eu não trabalhei lado nenhum, acabei o curso

		vim trabalhar para aqui, depois sai daqui e fui trabalhar pra braga e depois voltei, em braga trabalhei nesta área da infância e da creche...”
Santa Casa da Misericórdia	Paulo	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu sou enfermeiro desde 1976, fiz toda a carreira hospitalar, desde enfermeiro base até enfermeiro diretor do hospital de Alcobça, do qual me reformei há três anos.”
	Piedade	<ul style="list-style-type: none"> • “Não, só trabalhei na área social, antes de trabalhar aqui, trabalhei num lar de idosos, particular.”
	Priscila	<ul style="list-style-type: none"> • “Trabalhei na escola primária do valado, ia às salas, fazia ginástica, expressão plástica, era mais a ocupação dos tempos livres dos miúdos, mas foi só 5 meses.”
	Paula	<ul style="list-style-type: none"> • “Trabalhei numa fábrica de louça, lá desempenhava a função de pintora de louça.”
Montepio Geral	Raquel	<ul style="list-style-type: none"> • “Laborei mesmo na atividade, fiz o estágio de advocacia, depois exerci, tive uns pequenos percursos profissionais de formação também, mas sempre centrados na advocacia.”
	Ricardo	<ul style="list-style-type: none"> • “Trabalhei apenas no Montepio.”
	Rafaela	<ul style="list-style-type: none"> • “Não, só trabalhei mesmo no Montepio.”
Externato Cooperativo da Benedita	António	<ul style="list-style-type: none"> • “Atividade de advocacia por conta própria, o que ainda hoje exerço”
	Alexandre	<ul style="list-style-type: none"> • “Não, sempre trabalhei aqui, estudei cá, depois acabei o curso e enquanto esperava resposta do serviço militar pedi aqui emprego e comecei a dar aulas de matemática e fui responsável pela parte informática”
	Ana	<ul style="list-style-type: none"> • “Trabalhei com toxicodependentes, numa clínica de reabilitação, durante 5 meses, mais coisa menos coisa, e exercia a mesma função.”
	André	<ul style="list-style-type: none"> • “Não, só aqui.”

Organização

- Tem conhecimento da missão e dos objetivos desta organização?
- Quais as diferenças entre esta organização e as organizações convencionais?
- Existe uma diferença entre as expectativas que tinha quanto à organização e a realidade com que se confrontou? Se sim, justifique e concretize
- Identificar os aspetos mais positivos e menos positivos da organização

CEERIA	Maria	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim, sim. Bem claros, a inclusão como missão, é a missão desta organização, isso é aquilo que nos guia a todos nas nossas práticas. • Pronto, como lhe disse nunca trabalhei, se calhar aí estou em desvantagem, num outro tipo de organização, tudo aquilo que eu possa dizer é aquilo que eu acho tendo em conta... a nível dos objetivos continua a haver um grande grau de subjetividade neste tipo de organizações, há um esforço muito grande em colocar os objetivos mais rigorosos, uma terminologia semelhante às organizações convencionais, torna-os mais específicos, mais objetivos, mais mensuráveis, no sentido até da avaliação dos colaboradores, aliás isso já existe, nós já temos isto, houve um passo grande, agora nas outras, eu acho, até porque na produtividade, embora eu ache que neste sector não possa ser medido, ainda há um distanciamento entre as empresas convencionais e ... em termos de... o que se retira da ação de cada um de nós na ação de cada dia. E depois em termos de contratos o que me apercebo é que tem havido um decréscimo de regalias e direitos que as pessoas tinham, do número de dias de férias, entretanto a função pública já quer passar dos 25 para os 22, o sector privado o que temos é os 22, portanto há uma série de coisas que eu acho que já há muita aproximação, se calhar a objetividade é a maior diferença. • É assim, a expectativa que eu tinha era que eu deveria gostar muito de trabalhar com estas pessoas com deficiência na área da ação social, por achar que ia-me sentir útil e uma mais-valia. E as expectativas foram superadas, porque tudo aquilo que eles me dão é incomparável àquilo que eu lhes dou, pronto, todos os dias eles...dão coisas fantásticas maravilhosas, pronto e tudo aquilo que eu possa aqui fazer, e até acho que sou um elemento ativo e pronto importante, aquilo que eu levo daqui não tem preço, pronto é muito grande, a expectativa foi superada. É bom, sei que é um privilégio, gostar do que se faz. • Os positivos que eu não sei se nas empresas convencionais há muito isso, o espaço para colocar as nossas ideias, isso existe muito e não sei se há muitos sítios onde podemos colocar as nossas questões, as nossas ideias, os nossos contributos mesmo que depois muitas delas possam ser aceites e outras até não... mas isso é-nos explicado, se não pudermos pronto... mas há espaço pra isso, há espaço pra criatividade, há apelo até... aliás é um dos alvos, pontos da nossa avaliação de desempenho é a criatividade, é se a pessoa fez
--------	-------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>sugestões, propôs ações de melhoria.... Obviamente se depois também se disponibilizou para as implementar, eu acho que isso é sempre importante, pra gente ter liberdade de expressão obviamente, mas pronto... há espaço pra isso. Aspectos mais negativos nestas organizações, eu acho que as tabelas salariais, eu acho que os contratos coletivos de trabalho, são muito baixos eu sei que a organização paga no que está tabelado e se calhar não pode fazer muito mais, mas são muito baixos.”</p>
	<p>Manuela</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “A missão ... ainda há pouco tempo lembrei a missão... já soube mesmo de cor ... mas pronto é promover a inclusão de crianças, jovens e adultos com incapacidade, e a reabilitação dos mesmos. • Se calhar lá há mais pressão da venda, apesar de eu estar na parte da padaria, da charcutaria, na parte dos frescos... é sempre diferente, o objetivo é vender materiais, aqui o objetivo é as pessoas, é capacitar as pessoas... é totalmente diferente... embora ali não senti assim muita pressão, devem haver sítios piores. A relação com os colegas de trabalho era boa também. • Como já tinha feito o estágio nesta área já tinha uma noção de como era o tipo de funcionamento de uma instituição deste tipo é claro que depois, todas as instituições têm o seu funcionamento próprio, não sei se mudou muito as minhas expectativas, nunca é igual mas foi de encontro às expectativas. • As pessoas, de um modo geral as pessoas que aqui trabalham prezam e trabalham no sentido de ir de encontro as necessidades dos clientes, das pessoas com quem trabalhamos, há boa relação entre as pessoas, há sempre relações menos boas, mas de um modo geral penso que as pessoas se dão bem e há cooperação, pelo menos eu sinto isso. Pontos menos positivos, talvez a nível de recursos, para trabalhar, embora vamos fazendo pedidos quando há necessidade e a instituição de uma forma geral também tem correspondido no que pode.”
	<p>Marina</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “ Sim... não quer dizer que a saiba de cor, mas de alguma maneira os objetivos do CEERIA, passam por integrar as pessoas com deficiências e incapacidades em todos os contextos, de acordo à sua limitação promovendo a participação social e a missão, a nossa missão no fundo é incluir, incluir todas as pessoas. • É assim, eu acho que aquilo que nos foca aqui é a preocupação com as pessoas, não quer dizer que as empresas privadas não tenham preocupação com as pessoas e acho que há práticas muito diferentes, isto é, quer dessa minha experiência e era uma experiência bem

		<p>diferente, quer da experiência que tenho agora contacto com as empresas quando vou lá colocar clientes da formação, eu acho que as práticas variam de acordo com a sensibilidade de quem gere a coisa digamos assim, no entanto, acho que o nosso foco principal são as pessoas e as necessidades das pessoas, o foco... é óbvio que temos de gerir bem recursos porque eles são escassos, o foco das empresas mesmo as que tão disponíveis pra nossa causa tem de ser obrigatoriamente o lucro, sem margens de lucro não há emprego não há empresa que sobreviva, é óbvio que pelo meio vai havendo empresas que... com práticas humanas muito interessantes, e vai havendo outras que não são tanto assim, mas isso eu acho que depende das lideranças.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ui... eu tomei conhecimento de algumas IPSS ligadas à deficiência, já na altura quando entrei aqui foi uma realidade um pouco diferente, embora tenha havido uma evolução extraordinária neste sentido desde que eu estou aqui, e de facto o CEERIA tem uma característica que eu acho que é diferenciadora, embora não esteja nos outros lados e não saiba como é que funciona lá, que é a característica de permanentemente, estar em atualização, em mudança. Não tinha grande expectativa sobre o que vinha fazer, até porque vinha com um ano de trabalho noutro lado, vinha muito inexperiente, o que é facto é que já passei por diferentes funções aqui na instituição, e também eu própria fui mudando com a instituição, e fui crescendo portanto, se houvesse alguma expectativa criada que fosse a expectativa de mudança e crescimento e aprendizagem, com o trabalho que vim fazer para aqui essa tá completamente cumprida e espero que assim continue. • Mais positivos... eu só posso falar pela equipa onde estou integrada e aquela que me assegura, mas no nosso caso, algum rigor no nosso trabalho que nos obriga a estar constantemente atentos à nossa formação, ao nosso estar, à nossa melhoria contínua, sendo rigoroso, sendo exigente, é uma coisa que nos acaba por fazer primeiro, ter algum cuidado e algum brio no que fazemos, ou seja é um misto de uma coisa boa e má ao mesmo tempo, há uma preocupação constante com a formação dos colaboradores, há uma preocupação constante com a inovação nos procedimentos, há uma inovação constante com o foco nos clientes e nas necessidades deles, isso acho que às vezes obriga-nos a pensarmos fora da caixa e a criarmos soluções fora daquilo que tá previsto na lei, sem fugir a esta, mas fugindo um bocadinho mais ao interesse do cliente, agora o lado menos positivo
--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>disto é que isto às vezes sobrecarrega um pouco. Eu acho que a mesma missão que se pede ao CEERIA pede-se a quem trabalha cá, nós temos mesmo de levar isto como espírito de missão, eu não consigo ver este trabalho como lhe dizia há pouco, por exemplo eu não consigo ver uma pessoa e não gosto, que não se sinta realizada neste trabalho e a fazê-lo pela simples razão de que ou se faz amando o que se faz ou então faz-se sempre mal.”</p>
	Mónica	<ul style="list-style-type: none"> • “Tenho, tenho, os objetivos é tornar os jovens o mais capacitados possível para irem pra vida, vida ativa se for possível, e temos a inclusão. • Isto é um desafio praticamente diário, qualquer pequena conquista pra nós é, como se fosse um troféu porque há, eu trabalho numa área em que este grupo onde eu trabalho é um grupo com ... o mais profundo, com cadeiras de rodas, paralisia cerebral, trissomia 21, de maneira que qualquer coisa que se faça, ou se mantém as capacidades que eles têm ou qualquer coisa que possam fazer é uma festa. Aqui talvez sim, talvez haja uma vertente mais humana na relação com os colegas, porque eu estagiei no hospital e não gostei do ambiente de trabalho e aqui a coisa é um bocadinho diferente, talvez porque temos muitas dificuldades durante o dia, e mais em grupo somos mais unidos, em grupo nós conseguimos fazer mais coisas do que às vezes individualmente. • A facilidade com que nós temos em lidar em termos de mobilidade ou irmos ali, propormos coisas e fazermos com eles que normalmente são aceites, mas têm de ser sempre fundamentadas, sei lá, o prazer que nós temos às vezes em fazer certas coisas diferentes e às vezes as coisas dão certo, às vezes nem estão nos objetivos e agente faz e a coisa até bate certo. Negativas, isto há... bom e mau em todo o lado não é? Uma das coisas negativas que me tocou a mim foi eu ter acabado a licenciatura e não me terem requalificado, portanto eu acabei a licenciatura e mais tarde houve uma vaga e entrou uma cunha, entrou alguém que supostamente o lugar seria para mim porque a contratação coletiva assim o dizia não é... de maneira que deram uma desculpa assim esfarrapada, mas pronto, não vale a pena entrar nesses pormenores.”
Fundação Vida Nova	Júlia	<ul style="list-style-type: none"> • “Cuidar pelo bem-estar das crianças e das famílias • Eu acho que aqui a grande diferença é mesmo aquela que eu disse, a preocupação pelo bem-estar da criança independentemente de tudo o

		<p>resto, portanto se falta alguma coisa naquela família fazemos tudo para a poder ajudar, não é só, à criança mas também à família.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Foi, foi chegar e ver como era, não conhecia e não criei expectativas, e fazendo parte da igreja Baptista, porque é uma instituição, uma IPSS mas tem sempre uma orientação pela igreja Baptista porque aqui temos... esta instituição é diferente das outras, aqui temos, por exemplo uma, várias... obrigatoriedades, uma delas é dar a história da bíblia durante a semana que nas outras não existem, tem a parte religiosa. É diferente das outras, ajudam, muito... muito... mesmo, ajudam mesmo muito. Mesmo agora nesta altura difícil, os pais vêm queixar-se da mensalidade e acabam sempre por arranjar uma solução, também por exemplo, se sabemos, que alguém precisa de roupas ou de brinquedos, ou ... mesmo pessoas que não façam parte daqui, podem vir de fora aqui procurar porque nós temos, sempre... roupas, mobília, arranja-se sempre qualquer coisa. • Positivos, lá está, é sempre a criança em primeiro lugar, o bem-estar dela, esse pra mim, em relação a todos os níveis, ao nível físico ao nível psicológico, alimentar, tentamos sempre... há crianças que infelizmente não comem em casa como comem aqui, e eu acho que isso é muito bom. Outro, há tantos que assim de repente, a cooperação sim, é a realidade, não só os de cá mas também os de fora. Negativos, eu acho que nós podíamos dar outro tipo de apoio a outras pessoas, mas depende de outras instituições, o espaço também não é muito grande.”
	Josefina	<ul style="list-style-type: none"> • “Quando vim pra cá informaram-me na entrevista quais eram os objetivos e qual seria o motivo da fundação existir. • Bom, é totalmente diferente, primeiro a Fundação Vida Nova tem a missão de ajudar também, quer as famílias, quer as crianças, o ambiente é totalmente diferente, onde eu estava, só la estive 6 meses, não dava pra mais, o ambiente de trabalho era muito mau, a relação com os patrões ... eles eram pessoas muito difíceis, havia uma humilhação por parte deles com os empregados, acabei por sair, por me despedir, e continuei a estudar.... O ambiente de trabalho, a relação com os colegas, e faço o que gosto. As relações laborais não têm nada a ver. • O que eu acho muito positivo é o ambiente de trabalho, quer o grupo das educadoras quer com o restante pessoal, com as auxiliares, com o conselho de administração, mesmo com a nossa superior hierárquica,

		<p>temos sempre muito à vontade, e quando nós temos um problema há sempre um grande à vontade, quer por parte dela, quer por parte do concelho de administração, se nós precisarmos de alguma coisa eles estão sempre disponíveis, sempre a ajudar, também gostamos do que fazemos. Aspetos menos positivos, a única coisa que eu vejo é o espaço físico, o nosso espaço físico não nos ajuda muito, porque tem muitas escadas, não é adaptado, porque isto foi adaptado para a instituição de um prédio, é mais isso, o espaço físico.”</p>
	<p>Joana</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim. • É o extremo, lá eu estou trabalhando com pessoas que passam e vão embora ou então aqueles velhotes, pessoas mais idosas, que precisam um pouquinho daquela atenção durante aqueles instantes mas também vão embora, agora as crianças não, a criança você tem que conhecer os hábitos dela desde manhã, à tarde e assim... até elas serem entregues aos pais. Com os colegas ou superiores não há uma diferença, além da parte administrativa que a presidente tem de ser a presidente não há, as funcionárias e as educadoras e auxiliares a relação deles é exemplar, no café sempre teve boa relação, também sou uma pessoa muito... a nível do trabalho se você não está bem então não precisa ficar se martirizando, se você tá bem qualquer lugar fica bem, não há muita diferença. • Você ser a mãe de um deles é muito diferente. O que eu tinha, o receio que eu tinha de não vir pra cá era o medo desse envolvimento mesmo com elas, com as crianças, o meu filho tem dez anos, e depois eu não vou ter paciência e eles são assim... mas não, somos porcos-espinhos mesmo, cada um com o seu espinho ali mas é mesmo família. Eu acho que eu estou mais com o núcleo da fundação, porque era só as crianças, a presença das crianças na minha casa, no meu dia-a-dia, ao buscar o Vítor, mas agora não, é as crianças, as colegas, os problemas da fundação, a briga do dia-a-dia, uma novidade, para não ficar tão fechada, para as crianças não terem aquela rotina, sempre a mesma coisa sempre o planeamento diferente, e você como mãe não tem noção do que essa coisa de trabalhar com eles, você acha que é fácil mas não, é muito difícil, o planeamento delas é muito bom mesmo, você quando é mãe não tem ... você participa do planeamento formado, agora trabalhando aqui não, eu tenho de ajudar a planear o dia-a-dia, é diferente, é uma posição completamente diferente. • O positivo, eu acho tudo positivo, mas como mãe, porque o método deles é do amor e acho que quando tem amor, as dificuldades, os

		<p>acessos, as instalações, um pátio que esteja precisando de uma reforma que eu acho que é a maior dificuldade, o maior problema da fundação, mas olha elas amam demais as crianças e se for preciso fazem o que fazem. Negativo é só mesmo as dificuldades de instalação, a estrutura do edifício. Mais não estou a ver e se tiver dificuldades, reúnem conversam e decidem, pedem ajuda, se eu tiver necessidade, vou recorrendo a você, você não consegue e vamos criando aquela corrente e quando você vê já ta toda o mundo ali naquele problema pra ajudar...”</p>
	<p>Jéssica</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim. • Na minha opinião as diferenças são o foco, portanto, quem precisa de ter lucro tem que olhar muito pro lucro em si, como é que vai fazer as coisas pra ganhar mais dinheiro de forma a poder ter algum lucro, neste caso, as organizações sem fins lucrativos é um bocado que aquilo que entre dê pra despesa, e dê pra investir noutros projetos e noutro trabalho que possa acontecer, portanto está-se sempre a procurar onde é que se vai gastar o dinheiro em forma de ajudar os outros, é diferente nesta área, em termos das relações com os outros depende muito de instituição pra instituição, há instituições sem fins lucrativos que tratam muito mal os funcionários e que não os reconhecem, há delas que não, portanto aqui eu posso falar... comparando aqui com a de Braga que também era uma organização sem fins lucrativos não tinha nada a ver, era completamente diferente portanto, era uma instituição muito maior, quanto maior é a instituição, mais tendência há pra se formalizar muito as coisas e muitas regras e isto é feito assim, no nosso caso que somos uma instituição com poucos colaboradores, são só dezasseis, é muito mais fácil, conhece-se muito mais da vida dos outros, e há muito maior preocupação de nos ajudarmos mutuamente em termos de colaboradores, em termos de família como estamos num meio pequeno, conhecemos muito bem as necessidades de todas as pessoas que aqui vêm não é, ou é fácil encontrarmos aqui um ou outro que conhecem quem veio cá e sabemos se na realidade as pessoas têm ou não necessidades, num ambiente grande, numa cidade grande isto já não acontece com tanta facilidade, portanto há diferenças mesmo dentro das organizações sem fins lucrativos, de qualquer das maneiras acho que as organizações sem fins lucrativos têm que ter esta vertente de tratar as pessoas como

		<p>peessoas e não propriamente como rendimento.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eu sou um bocado suspeita porque eu fiz parte da direção da fundação, ou seja, eu acabei o meu curso e como acabei o curso vim abrir aqui o berçário, portanto convidaram-me, a instituição já existia só com ATL e eu acabei o curso no Porto e convidaram-me a vir abrir de novo e iniciar um berçário e eu é que criei e é que montei o berçário, eu é que fiz o regulamento e essas coisas todas, portanto a instituição foi um bocado criada esta parte na área como eu queria, porque as pessoas da direção não percebiam grande coisa, não era educadores e nem sequer, pertenciam à parte social, não tinham qualquer formação nisto, agora eu sabia quais eram os objetivos da instituição, foi criada pela igreja Baptista de Alcobaça, e o grande objetivo era servir a população de Alcobaça, sempre foi esse, sem fazer qualquer distinção, de preferência ajudando aquelas pessoas mais necessitadas, e eu já tinha feito algum voluntariado no ATL, sabia quais eram os objetivos, as expectativas foram sendo um bocadinho colmatadas de acordo com aquilo que eu, portanto eram as minhas expetativas postas, não foi muito agora vou la ver como é que é, foram moldando, tinha expetativas se seria capaz de fazer o trabalho, a um nível profissional, não tanto a um nível de estrutura da organização. Se bem que neste momento eu não pertenço à direção, as coisas são pacíficas, ou seja, eu às vezes acho uma coisa e a direção acha outra, mas o que a direção decidir é o que é implementado. • Um aspeto positivo é ser pequena, por outro lado as nossas salas com as crianças são pequenas e a qualidade não tem nada a ver com outro sítio que se trabalha com 25 crianças não é, portanto a nossa sala maior tem 19 crianças não pode ter mais, não tem capacidade pra mais e tem uma auxiliar e uma educadora como qualquer outra sala que tivesse 25, isso a nível de qualidade e trabalho acho que não tem comparação com qualquer outra, outra vantagem é ser ligada à igreja Baptista que tem uma perspetiva muito cristã do que é o desenvolvimento de uma criança e do que é que uma criança necessita, portanto, não se preocupa só com o desenvolvimento seja das crianças, seja dos adultos, seja de quem for, qualquer pessoa que aqui entre tem uma perspetiva física, psicológica, mas também tem a parte espiritual que pra nós é muito importante, faz parte. Negativos, é o espaço físico, temos um mau espaço físico, isto no jardim de infância e no ATL porque na creche temos umas instalações novas que tão bem apetrechadas, não houve qualquer razão... neste caso o jardim de
--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>infância e o ATL, são instalações muito antigas que não foram feitas de raiz e portanto traz muitas limitações, o outro aspeto negativo é ter pouco dinheiro, às vezes queríamos fazer mais coisas, até mesmo em valorização das pessoas que cá trabalham e é impossível, não temos dinheiro.”</p>
<p>Santa Casa da Misericórdia</p>	<p>Paulo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim. Mimar os nossos clientes, tratar e mimar, é a missão. Estamos a trabalhar na certificação da qualidade neste momento e estamos na fase de criar todos os instrumentos de certificação de qualidade. • Enquanto uma instituição convencional está virada muito para os lucros, a visão e a missão de uma instituição de âmbito social está muito voltada pra resposta às necessidades do cliente, em termos de resposta a vários níveis e como as IPSS têm quase todas várias valências, desde o apoio domiciliário até ao internamento, centros de dia, penso que é possível dar resposta às necessidades do cliente à medida que essas necessidades vão surgindo, à medida que se vai instalando a incapacidade as necessidades dos clientes vão aumentando, e as instituições de solidariedade social penso que estão mais vocacionadas para dar resposta de forma progressiva, não tratar, não substituir o cliente, as suas necessidades mas ajudar o cliente a satisfazer essas necessidades na medida em que a dependência se vai instalando, e aí a pedra basilar do sentido do cuidar, cuidar não é substituir mas é ajudar a... eu penso que atualmente a imagem que existia das instituições privadas com fins meramente lucrativos, como armazéns de clientes de idosos, penso que está de uma forma gradual a ser ultrapassada, também pelas exigências que a própria segurança social tem implementado com exigências de qualidade e exigências de instalações. Agora sem dúvida que nós trabalhadores de instituições de solidariedade social sentimos muitas vezes os nossos clientes como sendo parte já da nossa família e isso sente-se nos momentos em que eles estão menos bem, e em que têm problemas evidentes, e os próprios trabalhadores também se sentem entre si como equipe e como família, não é que seja uma instituição mas é a nossa segunda casa, ou a nossa primeira casa em termos de trabalho e em termos de relacionamento. • É assim, eu estou na instituição desde projeto e as nossas expetativas nunca estão atingidas, há sempre possibilidade de melhorar, e há sempre possibilidade de fazer melhor, uma instituição deste género

		<p>não tem uma linha de produção, nós não produzimos, nós damos resposta às necessidades e como tal cada cliente é único e tem as suas necessidades específicas, e a nossa missão e a nossa ação passam também diariamente, pelo identificar de problemas e dar resposta aos mesmos, na medida em que cada um, se vão instalando as suas limitações, as doenças e então atualmente as doenças de foro neurológico, desde o Alzheimer ao Parkinson, requerem uma atenção e um cuidado muito grande e uma atualização constante.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Positivos, residências assistidas, é um projeto que está em marcha... Por outro lado a necessidade talvez, da existência de um centro de dia... Neste momento a misericórdia não tem. Acho que é importante existir mais formação constante, periódica, direcionada muitas vezes a situações que já foram rodadas mas que é importante fazer um “refresh” periódico das matérias. O aspeto menos positivo é haver cada vez mais por parte da tutela alguma incapacidade para dar resposta às instituições da comparticipação monetária e que por vezes tarda em ser disponibilizada.”
	Piedade	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim... Respeitar, cuidar e mimar. • Apesar de termos objetivos definidos no plano de atividades, nós (misericórdia) temos todo um cuidado com a componente humana e dar resposta, por exemplo nós fazemos a colocação de pessoas a trabalhar aqui que numa empresa que não seja da área social não o fariam, temos toda essa parte de responsabilidade social. • Não, aumentou... • Positivos, a flexibilidade e a humanização... menos positivos, nós esforçamo-nos imenso pra sermos, mais organizadas, é uma casa sem horários sabe?! Por isso é que às vezes somos desorganizadas, aqui quem precisar de ir a uma festa de um filho ou médico ou não sei que, pode faltar à vontade, porque também quando é preciso alguém pra uma atividade extra todo o mundo aparece não temos que andar a pedir às pessoas, é uma casa muito flexível.”
	Priscila	<ul style="list-style-type: none"> • “Respeitar, cuidar e mimar. • Primeiro o público-alvo é completamente diferente, lá eram crianças e aqui idosos, pronto o objetivo de vida é completamente diferente da parte deles, lá eles viam a minha presença como descomprimir aquele

		<p>tempo do ensino da matemática, era mais desconpressão, aqui é mais a ocupação do dia-a-dia sempre, na relação com os colegas de trabalho não noto grande diferença, lá eram apenas 10, aqui são cento e muitos, mas eu não notei, havia um bom relacionamento num lado e noutro.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mudaram para positivo, para melhor, porque eu tinha uma ideia, os primeiros quinze dias aqui eu achava que se calhar não me ia aguentar aqui, realmente era o que na entrevista se fala, quando é pra trabalhar com idosos uma pessoa ou gosta ou não aguenta muito tempo, depois com tempo, realmente passado um mês já tava completamente integrada e a gostar, que quando eu vim achava que não ia aguentar nem gostar. • Positivos – eu acho, que há um grande espírito de camaradagem entre todos, todos os setores, lavanderia, cozinha, ajudantes de lar, secretaria e senti, acho que a mais-valia mesmo é que temos um grande apoio por parte da direção técnica, há uma muito boa relação entre todos, acho que é assim aquele. Negativos, não acho que haja nada de relevante, claro que há falhas no dia-a-dia mas nada de relevante.”
	Paula	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim, absolutamente, a missão que agente... é cuidar, mimar, organizar, é tudo um pouco, é o bem-estar mesmo deles, é a nossa missão mesmo. • É totalmente diferente, eu costumo dizer, porque quem trabalhou numa fábrica de louça chega aquela hora apita ou tá na hora, deixamos e vamos embora, aqui não, e aqui temos uma coisa que é todos os dias agente não pode dizer hoje vamos fazer assim e vai bater certo porque não, porque há um que cai, há um que vomita há um que precisa de ir ao hospital, outro precisa de ir pra uma consulta, tudo à própria da hora, que às vezes não dá tempo de nós organizarmos as coisas e fazer aquilo tipo série, não é um serviço por série, e depois ainda tem outro ponto é que cada ser humano tem uma postura diferente, eu por exemplo, pra uma senhora posso falar de uma maneira, com outro tenho de ter outro método de falar, cada um tem a sua cultura, a sua maneira, tem de se fazer mais nesse aspeto. A relação entre colegas e patrões, eu também não tive razão de queixa da firma onde trabalhei, trabalhei lá 17 anos e também tivemos sempre uma boa relação, a nível de colegas de trabalho também não tenho, o que noto é que ...

		<p>Há 4 anos eu peguei como encarregada delas e tanto elas me ajudaram como eu as ajudo a elas, mas não houve... Também existia este espírito de camaradagem na fábrica, também tenho boas recordações de lá, também foram muitos anos e andámos sempre todas juntas, ainda hoje mantemos relacionamento porque nos dávamos mesmo muito bem, chegámos a ir pedir emprego à mesma fábrica porque queríamos andar todas juntas, nos mesmos locais mas aqui só calhou as duas que viemos de brincadeira e hoje ainda estamos cá as duas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Menos positivos, acho que não há. Positivos temos muitos, temos uma boa mesa administrativa que se pode contar pra tudo, é uma coisa muito boa que nós temos, qualquer problema a nível familiar, qualquer coisa que eles saibam, tá tudo dentro da situação, se souberem que estamos com dificuldades, como já tem acontecido, disto ou daquilo eles propõem-se logo, a diretora técnica, acho que é uma pessoa que, pronto tem as falhas como toda a gente tem dias menos bons, mas também é uma pessoa muito humana mesmo pro serviço, mesmo pro serviço onde está, mas é uma pessoa muito humana que agente pode contar pra tudo, eu falo às vezes coisas com ela que se calhar não desabafo com a minha mãe, a idade é outra claro, mas não tenho preconceito nenhum em chegar ao pé dela e falar disto ou daquilo e ela também nos põe à vontade pra isso. Menos positivos, não estou a ver um, porque mesmo que haja na altura nós também temos à vontade para passou-se isto assim-assim tá dito tá dito, mas não gostei fiquei ofendida, às vezes na conversa e no modo com agimos acontecem coisas que não gostamos assim como também fazemos coisas que não gostam, mas tenta-se logo resolver naquela hora ou naquele dia ou no dia a seguir.”
Montepio Geral	Raquel	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim, é a maior associação mutualista do país, a mais antiga. • Nós estamos realmente mais vocacionados para a área da mutualidade, eu agora estou a desempenhar funções de comercial, não é, o meu objetivo aqui é vender produtos, vender dinheiro, comprar dinheiro mas temos muito presente a área da mutualidade porque o nosso objetivo aqui é, cada cliente torná-lo associado e inculcarmos-lhe esses princípios, esses valores, explicar quais são os benefícios de pertencer a uma associação mutualista, se bem que nós aqui tá sempre vocacionado mais pra parte económica, porque digamos tamos

		<p>sempre a referir aquilo que as pessoas hão-de ganhar numa perspetiva económica e depois então é que passamos pra vertente social, há sempre uma informação sustentável com o que pode ou não ganhar.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eu antes de vir para aqui como funcionária eu já era cliente, mas pra mim, eu também era muito miúda ainda, não tinha bem a noção do que é que era isto dos bancos, quando concorri pro montepio e depois consegui entrar, eu sou sincera pensei que era mais um banco que eu ia, só o primeiro “choque” foi no dia da minha entrevista quando estou com um dos membros dos recursos humanos e tava o diretor comercial que me perguntou se eu sabia o que era isto do mutualismo, e eu fiquei assim um bocado, não sabia e depois nós tivemos uma formação de um mês, e então foi-nos explicado realmente que o montepio tinha esta diferença que era a parte mutualista, mas só depois de fato aqui em campo é que nós nos apercebemos do peso positivo que tem. • Sei lá... Essa pergunta é difícil, bom positivos, eu sempre senti muito isso e a falar com outros colegas que tão na banca, pelo que eu percebo a relação aqui é mais pessoal se bem que a administração já mudou por duas vezes desde que eu estou cá tem-se vindo também a evolução do tempo, antigamente nós conheciamo-nos todos e o primeiro administrador quase nos conhecia pelo nome e tratava-nos como pessoas, agora mantém-se e comparativamente com outras instituições de crédito há diferença não somos números, se bem que se tem vindo a afastar um bocadinho mais, éramos mais brandos em termos de objetivos de vendas, tudo isso, agora temos de entrar no mercado, e tudo isso é positivo eu dou muita relevância ao fator humano, à relação entre colegas e às hierarquias há de fato proximidade, isso é positivo. Depois a parte também do mutualismo e desta vertente social, temos sempre muitas atividades, voluntariado, essas coisas todas, também gosto bastante enquadro-me com isso, tem a ver comigo. Menos positivas, sei lá... A instabilidade que se faz sentir neste momento, não se sente muito aqui, mas já começamos a perceber que não é uma coisa tão linear.”
	Ricardo	<ul style="list-style-type: none"> • “Nós vendemos é alguns produtos da nossa associação mutualista, a associação mutualista tem uma atividade sem fins lucrativos que depois no final do ano todos os resultados são distribuídos pelos seus associados, nós temos cerca de 200 000 associados na associação mutualista, e ao fim ao cabo na caixa económica nós trabalhamos pra eles, todos os resultados líquidos da caixa económica, produtos

		<p>bancários, comissões, as rendibilidades são transformadas em lucro que são depois distribuídos no final do ano pelos produtos mutualistas dos nossos associados, é um bocado assim em síntese a atividade quer da associação mutualista quer da caixa económica do montepio geral.</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Eu acho que o aspeto positivo é sermos realmente diferentes dos outros por sermos uma instituição de solidariedade social, a transparência e a solidez também do banco em si porque nós temos a possibilidade de recorrer à nossa associação mutualista quando há por exemplo necessidades de aumento de capital do banco. Menos positivos, não vejo assim pontos negativos em relação aos outros, não estou a ver...”
	<p>Rafaela</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Acho realmente que o Montepio é diferente dos outros bancos precisamente pela vertente da solidariedade social da associação mutualista porque pra já, realmente a Caixa Agrícola também tem os seus associados de forma diferente da nossa, a nossa associação mutualista foi criada a pensar inicialmente, em outros tempos, a pensar realmente nas pessoas mais pobres, inicialmente era mesmo a pensar, no carácter da pobreza e em amealhar alguma coisa para depois na altura nem se falava ainda sequer em reformas, mas a associação mutualista já estava a pensar quando as pessoas fossem realmente mais velhas havia necessidade de terem algo para sobreviverem porque já não poderiam tar a desempenhar as funções que desempenhavam, inclusive as pessoas mais relacionadas com a agricultura, não faziam descontos não faziam nada, era uma forma de terem uma velhice digna e assegurada. Essa é a maior diferença que eu acho, embora com o alongar dos tempos, ao longo de muitos anos fomos divulgando para todas as classes sociais, agora realmente não é mais a classe pobre, pois cada vez têm mais dificuldades e não podem investir tanto, é realmente todas as outras classes que tão abrangidas pela associação mutualista a pensar também a parte mais jovem pensa em viagens, amealhar para as viagens, uma classe mais avançada a nível de idade já tá a pensar realmente na reforma que é mesmo assim. Essa é a diferença maior face aos outros bancos, portanto a outra banca teve sempre a parte de emprestar, amealhar dinheiro ter depósitos a prazo e depois fazer empréstimos e assim sucessivamente, aplicações em bolsa, o Montepio também só agora

		<p>com o fundo de participação no final do ano é que ficou cotado em bolsa mas mesmo assim não está diretamente relacionado com a bolsa, só tem umas obrigações que são cotadas em bolsa, é uma diferença também face aos outros bancos. A diferença fulcral é a associação mutualista.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Menos Positivos, é se calhar agora inicialmente o Montepio teve mais virado pra mutualidade mas face a toda a conjuntura que o país atravessa de há uns 10 anos pra cá acredito que o Montepio tenha que se virar também quase que a ser, não digo uma concorrência mas, aliar-se à outra banca e se calhar pronto é o que acho de diferente e menos positivo é realmente tentarmos equiparar um bocado à outra banca mas também percebo que quem está a dirigir, a parte da administração tem de pensar um bocado nessa... nós enquanto colaboradores como gostávamos dessa diferença, gostávamos de tar no nosso cantinho pequenino sem nos pressionarem tanto, a parte da administração precisa de gerir a banca que é mesmo assim, nós temos a associação mutualista e a caixa económica, a caixa económica tem de ser gerida como um banco normal, então temos pressionados, é o que eu acho que de há uns anos esta parte a situação tem estado a ser diferente connosco é o fato de estarmos a ser pressionados como os outros colegas da banca já estão a ser há muitos anos atrás, o Montepio virou-se agora há uns anos a esta parte mais pra essa pressão para fazermos aquilo que os outros bancos já fazem há muito tempo, não nos podemos esquecer enquanto colaboradores que temos a caixa económica e é a caixa económica que nos paga não é a associação mutualista portanto temos de pensar positivamente nesse aspeto.”
Externato Cooperativo da Benedita	António	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim. Ministras o 3º ciclo e ensino secundário, divulgação cultural e desportiva. • Não vejo diferenças, a única diferença é o objetivo principal que não é a obtenção de lucro. Funcionamos muito como uma empresa.” • “Aspetos positivos, o que somos hoje fruto de muito trabalho e dedicação, aspetos menos positivos, o que vejo é mesmo a falta de verbas para podermos desempenhar as funções que temos delineadas.”
	Alexandre	

		<ul style="list-style-type: none"> • “Educar para o risco. • Positivos... acolher os antigos alunos e isso é muito bom acreditar que formamos bons profissionais, mas depois isso acaba por ter um lado controverso, chegou a uma altura em que as pessoas achavam que era uma obrigação por parte do externato acolher antigos alunos e aí o seu trabalho não refletia o empenho que devia ter.”
	Ana	<ul style="list-style-type: none"> • “Promover o sucesso escolar dos alunos, contribuir de uma forma adequada para o crescimento geral, integrá-los na sociedade, no fundo tentar que eles cresçam de uma forma abrangente em todas as áreas, não só a educativa que é a principal, mas também nas outras por isso é que a escola é aberta de forma, a que eles consigam ter responsabilidade também fora da escola, e educá-los para o crescimento da sociedade. • Eu não conheço outras realidades, só tive no centro de reabilitação, os objetivos eram completamente diferentes, lá era reabilitar apenas, aqui é educar de uma forma muito mais abrangente. As diferenças, pronto acho que aqui o nosso trabalho é muito mais abrangente, nós temos que olhar prós miúdos, que são o nosso público-alvo, com uma visão muito abrangente e muito alargada das coisas, não só a parte educativa, trabalhamos muito com os pais com as famílias, há o sorriso amigo que já deve ter ouvido falar, que é uma associação aqui da escola que trabalha com o objetivo de ajudar crianças com carências económicas, acho que temos uma visão muito mais alargada. Acho que dantes havia mais diferenças, agora com mais despedimentos as pessoas querem agarrar o seu lugar e isso nota-se cada vez mais, a diferença já foi maior. • Muito positivos, é a relação com os alunos, o trabalho que eu consigo fazer com eles e também com os pais, e com alguns professores. Menos positivos, lá está aquilo que já falei de haver despedimentos de estar cada um a lutar pelo seu posto de trabalho, e às vezes não se olha a meios para atingir os fins, mas não é assim uma coisa muito visível, de vez em quando nota-se...”
	André	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim... a missão, a principal é a educação, cultura e o ensino. • Eu acho que a nossa diferença, nós como particulares não é muita, trabalhamos com o objetivo de alcançar os melhores resultados que

		<p>neste caso é o ensino.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Positivos são quase todos, trabalhamos aqui quase como uma comunidade, trabalhamos em conjunto, negativos, também pouca coisa tenho a dizer.”
--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Envolvimento

- Participa, reflete e opina acerca de decisões importantes para o futuro da organização? Dê um exemplo, por favor

- Qual é o envolvimento que tem nesta organização?

CEERIA	María	<ul style="list-style-type: none"> • “É aberta, há espaço pra podermos colocar as nossas opiniões e as nossas sugestões.”
	Manuela	<ul style="list-style-type: none"> • “Depois a nível de participação de decisões da instituição além da valência pela que estou responsável, intervenção precoce, sempre que tomamos algumas decisões, nós temos aqui um elemento que é o conselho de coordenação que reúne os responsáveis das valências, e geralmente com alguma periodicidade acabamos por nos sentar e refletir sobre decisões da instituição e iniciativas em conjunto.”
	Marina	<ul style="list-style-type: none"> • “É assim, todas as decisões que são tomadas são comunicadas anualmente em encontro de colaboradores, já há uns 5 anos, este procedimento decorreu muito, na altura da introdução do modelo de qualidade, e todos os documentos que foram produzidos na altura, em termos organizacionais já foram feitos dessa maneira, portanto a partir daí, tudo aquilo que são objetivos organizacionais são apresentados anualmente, tudo o que são resultados desses objetivos também são apresentados anualmente além das assembleias de sócios, porque o CEERIA é uma associação, nem todos os trabalhadores serão sócios, mas entre as assembleias de sócios e entre encontros de colaboradores, portanto... a passagem faz-se, é óbvio que eu acho que como em todos os lados há alturas que todos nós tamos mais ou menos satisfeitos.”
	Mónica	

		<ul style="list-style-type: none"> • “Sim é. É-nos pedido nas reuniões, tirando o horário com as crianças, há propostas, ainda há pouco fiz uma proposta penso que em julho vamos ao oceanário fazer um dia na cidade...”
Fundação Vida Nova	Júlia	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu acho que há o suficiente, eu acho há pessoas que se calhar até gostavam de ter mais envolvimento mas eu acho que é bom e é pra isso é que servem as hierarquias, cada um tem de fazer a sua função, eu faço a minha, a educadora faz a dela, mas temos abertura para falar com a diretora e dizer então mas nunca mais vêm fazer isto ou aquilo, e é-nos informado, somos informadas do que se passa. Sim eu acho que temos uma grande abertura • Eu acho que é muito raro, eu acho que se competem mais às educadoras, a nível pedagógico. Elas têm reuniões semanalmente, portanto acabam por ser elas a tomar essas decisões não nos cabe bem a nós. Sim, sei lá, se nós pensarmos numa festa, temos aqui muitas festas, o que é que tu achas de fazer isto? – sim, olha e se fizéssemos aquilo? Mas não me vêm perguntar o que acham de fazer festa ou não, é assim no geral... Vão pensando o que acham que se faz pro dia da criança, sei lá...”
	Josefina	<ul style="list-style-type: none"> • Aqui há crianças com algumas dificuldades e nesse aspeto agente ajuda muito e se os pais, precisam de algum apoio de alguma colaboração, nós temos sempre disponíveis. Sim, obviamente que a nossa superior hierárquica toma as decisões mas nós temos reuniões semanais que fazemos, aí só as educadoras com ela, pra decidir realmente o trabalho que nós temos de fazer, mas ela ouve sempre a nossa opinião e se acontece alguma coisa na minha sala em que eu esteja diretamente ligada aí sim, eu intervenho, e ela procura sempre pedir-nos a opinião, e saber o que achamos. Há uma partilha muito grande de informação, e também procuramos porque é o que tentamos, não é assim uma instituição... cada um sabe qual é a sua função, eu sei qual é a minha função, eu sei que ela está a cima, de mim e nunca tomo nenhuma decisão na sala sem ela tomar conhecimento, o que mesmo acontece com a minha colega auxiliar que não toma nenhuma decisão sem eu saber, pronto... Nós sabemos muito bem a nossa função e o que nós temos de fazer. Se eu não conseguir resolver um problema falamos as duas então.”
	Joana	

		<ul style="list-style-type: none"> • “Sem dúvida que há muito envolvimento, os colaboradores, os pais, eu acho que os pais também se mobilizam muito. É muito bom.”
	Jéssica	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu acho que há uma boa relação com a direção comparada com outros sítios, mas podia ser melhor, há sempre aspetos a melhorar, acho que às vezes há um bocado de falta, é assim a direção destas instituições são sempre voluntárias, normalmente são pessoas que têm o seu trabalho, têm a sua profissão e depois vêm aqui resolver os problemas e têm reuniões à noite, é uma exigência no seu dia-a-dia de trabalho, nós não podemos também, muitas vezes delegam em mim funções e coisas que devia ser a direção a fazer e não eu, até mesmo em termos de relação com os funcionários de qualquer forma, quando há alguma coisa grave, agente chama e eles vêm e tratam do assunto, resolvem... De qualquer das maneiras os inquéritos de satisfação que nós fazemos aos nossos colaboradores todos se queixam, e nas avaliações de empenho, todos se queixam que a direção tá pouco presente.”
Santa Casa da Misericórdia	Paulo	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim, eu sinto bom, a equipa técnica reúne regularmente, todas as semanas, e as situações são... portanto trabalhar no plano individual, cada um tem um plano individual, que é discutido por todos e cada um dá o seu contributo para dar resposta às necessidades identificadas.”
	Piedade	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim, sim, mas isso porque eu também estou... apesar de nós promovermos uma gestão participativa, de todos, eu faço parte mesmo de algumas decisões, mas sim, mesmo que fosse outro tipo de colaborador é escutado é convidado a participar nas decisões, não nas decisões ditas muito importantes, mesmo quando há mudanças aqui as pessoas são questionadas sobre o que é que acham, pra dar opinião e sugestão porque se não for assim não conseguimos o envolvimento de todos.”
	Priscila	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim, sim, até porque agora estamos a entrar no processo da qualidade e isso é mesmo importante.”
	Paula	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim, sim. Nós não fazemos um procedimento sem convocarmos uma reunião a dizer mudou, a partir de hoje é feito assim, todas nós

		participamos com opiniões, nesse aspecto não temos problemas.”
Montepio Geral	Raquel	
	Ricardo	<ul style="list-style-type: none"> • “Já existiu de fato uma diferença, havia mais a componente humana, os recursos humanos, hoje em dia já não tanto, isto tem um bocado a ver com a evolução do mercado não é, como sabe o mercado evoluiu e as evoluções nem sempre são pro bem, também há a questão, na pergunta que me fez em relação aos recursos humanos, nós éramos um banco diferente por termos a associação mutualista e a relação entre todos, nomeadamente entre hierarquias era bastante diferente, a exigência, a necessária exigência que o mercado, as leis que o mercado ditou acabou por alterar essa filosofia, tem-se vindo a perder...”
	Rafaela	
Externato Cooperativo da Benedita	António	<ul style="list-style-type: none"> • “Tenho um grande envolvimento. Como tenho esta tarefa, ocupo muito a posição de informar a direção de tudo o que há, reunimos uma vez por mês de modo a refletir sobre o que é necessário fazer a nível financeiro, como cortes de despesas e mobilização de montantes para outras funções que sejam necessárias... Acabo assim por aconselhar à medida das necessidades, analisando os prós e os contras, propondo então as reformulações. O que me dá um papel ativo na maioria das decisões.”
	Alexandre	<ul style="list-style-type: none"> • “Há um grande envolvimento, e o meu trabalho tem vindo muito nesse sentido, quero que as pessoas deixem de trabalhar individualmente e passem a trabalhar cada vez mais em equipa. Não tem sido fácil, mas com o tempo as coisas compõem-se”
	Ana	<ul style="list-style-type: none"> • “Grande envolvimento, e às vezes não há mais porque há muito tempo, eu agora que não tenho alunos passo a vida na sala de professores, mesmo em atividades como o ensino especial, nas atividades que eles fazem. • Depende das decisões, nós temos conselho pedagógico, e eu estou e dou o meu parecer, normalmente só vão pra lá decisões mais importantes, há outras que não que parte logo da direção e dos órgãos de gestão e pronto. Numa área mais ligada à minha isso acontece

		mais.”
	André	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim, sim algumas decisões sim, nem todas mas pelo menos aquelas que nos dizem respeito somos consultados.”

Relações Laborais

- Defina a relação que mantém com os seus superiores

- Defina a sua relação com os colegas de trabalho

CEERIA	Maria	<ul style="list-style-type: none"> • “Não sinto declive entre as hierarquias.”
	Manuela	<ul style="list-style-type: none"> • “A nível da relação com os colaboradores, pronto são muitos colaboradores, cerca de 50-60, nunca é possível ter proximidade com todos, mas na minha equipa e nas equipas que estão um bocadinho mais próximas em termos de espaço de trabalho, eu sinto que há uma boa relação e cooperação. Sempre que tenho uma dúvida posso recorrer.”
	Marina	<ul style="list-style-type: none"> • “Em termos de envolvimento dos colaboradores, acho que aí é uma questão um pouco à parte que é, este trabalho de facto é um trabalho, vai-me desculpar a expressão, é um trabalho que nos sai do pêlo, sinto que há posturas diferentes, em equipas diferentes e em colaboradores diferentes.”
	Mónica	<ul style="list-style-type: none"> • “Tenho uma boa relação, com os meus superiores, o Dr. Luís, é muito acessível, quando não tá mal disposto, mas isso eu também o sou, como todo o ser humano, tenho com a equipa também, com as outras pessoas também, de uma maneira geral tenho... este grupo, a parte do terapêutico é um grupo muito unido, porque é assim as dificuldades são muito grandes e se não nos unirmos, não é possível.”
Fundação Vida Nova	Júlia	<ul style="list-style-type: none"> • “É boa é, a relação com os colegas é boa e com os superiores também.”

	Josefina	<ul style="list-style-type: none"> • “Há uma ótima relação entre todas, todas temos o à vontade para pedir ajudar e dar as nossas opiniões, tanto entre as colegas de trabalho como também com a diretora.”
	Joana	<ul style="list-style-type: none"> • “Damo-nos todas muito bem.”
	Jéssica	<ul style="list-style-type: none"> • “Há uma boa relação com os colegas de trabalho, com a salvaguarda que são todas mulheres e é um problema, porque dado ao feitio das mulheres e às suas especificidades, é muito complicado é preciso às vezes não ligar a certas coisas, e às vezes a gestão torna-se difícil, e especialmente chegando a esta altura, abril, maio, junho... porque começam as férias a vir aí e o bom tempo, e as pessoas tão cansadas por um lado, desejosas de férias por outro, e depois qualquer coisa que acontece é um problema, que às vezes no inverno nem era assim tão grave mas pronto, e portanto é um bocado assim, mas damo-nos bem umas com as outras, é lógico que cada uma de nós tem o seu feitio, mas também lá está como é uma instituição que contrata as pessoas e fica com elas e só se vão embora normalmente quando querem, são pessoas que se conhecem há muitos anos.”
Santa Casa da Misericórdia	Paulo	<ul style="list-style-type: none"> • “É aberta e direta, quer com mesa administrativa, diretora técnica, assim como os restantes trabalhadores.”
	Piedade	<ul style="list-style-type: none"> • “É uma boa relação (entre colegas)... • Também (entre superiores).”
	Priscila	
	Paula	
Montepio Geral	Raquel	<ul style="list-style-type: none"> • “É boa, damo-nos todos bem.”
	Ricardo	<ul style="list-style-type: none"> • “Há uma relação muito boa entre todos.”
	Rafaela	<ul style="list-style-type: none"> • “Temos uma excelente relação e face a conversas com outros colegas da outra banca a nossa relação consegue ser bem melhor, ou seja, o espírito de solidariedade que transparecemos para fora temo-lo também cá dentro, é assim pelo menos as nossas mais diretas, a nível de gerente e direção que são aquelas que temos contato mais direto, temos um relacionamento excelente, não nos conhecem por números conhecem-nos por nome que é importante.”

Externato Cooperativo da Benedita	António	<ul style="list-style-type: none"> • “Somos todos muito próximos tanto colegas como com a direção.”
	Alexandre	<ul style="list-style-type: none"> • “Uma relação próxima, todos têm à vontade para falar do quer que seja e expor um problema.”
	Ana	<ul style="list-style-type: none"> • “Há uma boa relação, não há melhor devido à falta de tempo, e é claro que em certas situações temos mesmo de manter uma certa distância, mas de um modo geral é muito boa, cooperamos muito uns com os outros.”
	André	<ul style="list-style-type: none"> • “É grande tal como com os superiores. Temos uma boa relação.”

Princípios e Valores

- Quais são os princípios e os valores que lhe são inculcados pela organização?
- As suas tarefas e o modo como as desempenha refletem esses mesmos valores?
- Quais os valores da organização que considera importantes para a mudança social, (face aos números do desemprego e da pobreza em Portugal)?

CEERIA	Maria	<ul style="list-style-type: none"> • “Inclusão, não discriminar, independentemente da raça, da situação económica, em termos da religião de cada um, o CEERIA tem... e eu mais diretamente com 87 pessoas e os seus familiares e outras pessoas, diariamente, atendemos muitas pessoas e estes valores não discriminar, olhar à diferença de cada um, são transmitidos pra nós • Sim sim, mas sim, temos de olhar à individualidade de cada um, às características de cada um, respeitar isso. A vários níveis, a nível da alimentação, se um não gosta de determinada comida não obrigamos, a nível de vestuário...”
	Manuela	<ul style="list-style-type: none"> • “Solidariedade, capacitação das pessoas. Cooperação, inclusão. • É assim acho que há muita coisa a melhorar nunca conseguimos passá-los da forma mais perfeita, mas pelo menos fazemos por isso.”
	Marina	<ul style="list-style-type: none"> • “É assim, há uma lista de valores, isto é mau, eu não me lembrar dos

		<p>valores todos, mas há uma lista de valores no nosso código de ética, mas se calhar eu destaco bastantes, seria o compromisso com o profissionalismo, o foco no cliente, o rigor dos procedimentos e dos técnicos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Só o posso falar pela equipa onde eu estou, tentamos, nada disto se faz sem erros, às vezes, saem coisas que saem um bocadinho ao lado do que desejaríamos, na equipa onde eu estou integrada temos o grande privilégio de trabalharmos muito em termos da equipa técnica e de trabalharmos muito em conjunto, e de nos preocuparmos muito com o trabalho uns dos outros, com a ajuda e o suporte que fazemos uns aos outros, em termos da interação direta com os clientes e isso acaba por criar de alguma maneira uma especial de oleado dobrável em que toda a gente consegue recorrer a todos em termos da ajuda e não temos uma situação em que eu estou com as minhas pessoas mas tomara eu que tu não vejas as minhas dificuldades, ou seja, é muito mais a preocupação com o cliente e com o bem-estar dele e epá se não consigo intervir, ajuda-me a pensar sobre isto, não é... do que propriamente a questão, de não querer que ninguém perceba que eu estou com dificuldades, esta preocupação nesta equipa é muito grande. O foco é o cliente, portanto duas cabeças pensam melhor que uma, portanto se eu não estou a conseguir já encontrar uma solução então eu partilho com quem possa ajudar, no sentido de fato a solução ser a melhor pro cliente. • Em termos das pessoas com deficiência, devia era ir a associações de deficiência perguntar isso... em termos globais... eu vou responder um cliché, eu acho que ... acho que o importante era de facto as pessoas tomarem consciência, mesmo que nós tenhamos histórias de vida e exemplos de pessoas tão perto de nós e que passam pelas coisas, eu acho que só tomamos consciência de que isto nos pode bater à porta quando bate mesmo, mas qualquer um de nós não está livre que uma coisa dessas nos aconteça, quando nós formos mais conscientes deste facto, eu acho que a nossa postura será certamente diferente.”
	Mónica	<ul style="list-style-type: none"> • Tendo em conta penso que há o Manual de boas práticas, mas que eu ainda não vi, mas como há em qualquer organização o respeito pelos colegas, pelos superiores, pelos jovens principalmente, tratá-los com respeito com humanismo, respeitar os “timings” deles de uma certa maneira... pronto eu tenho aqui jovens que já não são jovens, já tenho

		<p>gente com 30,40 e 50 anos, como tive hoje um que depois de almoço é pra dormir, e eu tenho de respeitar, porque com 30, 40 anos já é um envelhecimento muito precoce e eu tenho de respeitar isso... e depois também há certas coisas que não sabemos, como se ele dormiu bem de noite ou não. Perguntamos aos pais uma vez por ano, duas... quando há reuniões, mas há muita falta de feedback das famílias... há pais que se preocupam mas outros não...</p> <ul style="list-style-type: none"> • No geral, faz-se todos os anos um questionário sobre o grau de satisfação das famílias e é extraordinário pela positiva. • Tudo depende da tolerância que as pessoas têm à diferença não é... porque muita gente não tolera, e há outras que toleram, acham isto normal, passearmos com os jovens, há pessoas que acham que devia ser mais vezes e tal... eu penso que a sociedade alcobacense aceita bem estes jovens e estes adultos.”
<p>Fundação Vida Nova</p>	<p>Júlia</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim, essencialmente a criança, é por isso é que nós tamos aqui, é pra elas que nós trabalhamos, criança e família, e a sociedade em si também não é, somos nós que somos a cara da instituição, somos nós que damos a cara pra tudo, qualquer pai se precisar de alguma coisa é connosco que vem ter, é claro que também vai ter com... mas somos nós que tamos cá todos os dias, portanto nós somos a cara da instituição não é a direção, a direção não está nas salas, nós é que somos a cara da instituição por isso se tudo correr bem é graças também ao nosso trabalho, ao nosso empenho. • Sim, sim, se não nós não estávamos a esta altura com as salas cheias... Mas não, não é verdade, aqui não funciona assim, as coisas acabam por passar. • Têm, têm, têm muito impacto e lá está, voltamos à igreja. Eu não faço parte da igreja, sou católica, mas voltamos à parte da igreja, desde que eu vim para aqui, mas isto é a realidade, desde que eu comecei aqui a trabalhar, vejo que se calhar uma coisa sem a outra não funcionava tão bem. Eu vejo coisas aqui acontecerem que se fosse noutra instituição não aconteceriam, por exemplo, aqui não é muito diferente da católica, é muito bom eu venho cá muitas vezes porque sinto-me muito bem aqui, mas por exemplo alguém aqui, tem um problema, alguém, um elemento seja funcionário, seja utente e é falado na igreja é capaz de estar toda a gente uma duas semanas a orar por essa pessoa e as coisas acontecem, não sei como, mas elas acontecem, e acontece

		<p>muito. Por isso eu te digo esta instituição sem a igreja não seria a mesma coisa. Não sei se sabes mas no Natal eles vão sempre às juntas de freguesia, fazem uma recolha de quais são as famílias carenciadas e fazem um cabaz com produtos essenciais, depois os presidentes da junta recolhem e entregam as famílias. Mas pronto nós acabamos por inculir isto nas nossas crianças, e como nós temos crianças com muitas necessidades e elas apercebem-se das outras, acabam por ... ou até com problemas físicos, nós tivemos aqui crianças com problemas físicos e isso é muito bom para as crianças normais, porque se apercebem das dificuldades e de não apontarem com o dedo um dia, olha aquele é cego. Nós não restringimos o nível de vida das pessoas, a religião, a etnia ou a deficiência, nós temos do escalão 6 ao escalão 1, é muito generalizado, eu quando vim pra cá achava que só frequentavam a creche pessoas da igreja Baptista por exemplo, mas não qualquer pessoa que possa ou precise e venha cá, portanto eu acho que esta instituição ligada à igreja se não fosse assim, não seria a mesma coisa, se calhar até podia ser mas o facto de estarmos juntos com uma igreja de inculir às crianças historias bíblicas que eu aprendi muito mais do que todos os anos que andei na catequese, aprendi muito mais aqui e os miúdos começam a ficar sensibilizados para isso. Acabamos por ajudar os pais em outros sentidos, em conversas e problemas que eles tenham que não consigam dialogar com os filhos, ou não saibam qual é a melhor maneira de falar sobre o assunto e eles pedem-nos ajuda e nós falamos com as crianças sobre o assunto.”</p>
	<p>Josefina</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Temos que gostar daquilo que fazemos, temos de ser sinceras o máximo possível quer connosco, quer com quem nós estamos a trabalhar, que haja uma grande disponibilidade da nossa parte, e costuma-se dizer assim, tentar deixar os problemas de fora do trabalho porque nós tamos a trabalhar com crianças e que são crianças que percebem e que sentem quando nós não tamos bem, pronto é a sinceridade e que agente esteja sempre com os miúdos e que agente tente ajudar o máximo possível as crianças. • Sim, sim, eu acho que acaba por passar. • Eu acho que sim, a pouco e pouco, vão tendo, a fundação preza muito o ajudar, as crianças aqui e até mesmo as pessoas de fora, é por hábito pessoas de fora virem pedir ajuda, nós trabalhamos aqui com

		<p>uma loja social, que tem roupa brinquedos e que nós também, os funcionários damos quando não precisamos para as pessoas irem lá buscar sempre que precisam, sempre nos foi inculcido e a pouco e pouco eu também me fui apercebendo o que se fazia e acaba sempre por passar, está sempre inculcido e nós tentamos que isso exteriorize lá pra fora e que as pessoas saibam que se têm alguma necessidade podem vir aqui.”</p>
	<p>Joana</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Além de amar, ajudar, a preservação, o conhecimento da bíblia, que agente trabalha com eles, e os princípios da sociedade, a cidadania, os projetos, o futuro deles o que podem e o que não podem fazer, o que é certo e o que é errado, as teimas deles, as dúvidas deles, porque eles são pequenininhos e são teimosos, aqueles tira teimas... eu acho que é por aí, eles mostram, pra eles o que pode e o que não pode, o que deve e o que não deve... deixando pra eles escolherem o que é o certo e o que é o errado, mas os princípios básicos são dados. • Ah sim... o estar, o falar, sim acho que passa. • Ah pois fazem, essa diferença você vê neles, desde os bebês, tem crianças que você chega não te conhece de lado nenhum e faz aquele susto, mas depois ela te vê ali, a maneira de você falar com a educadora ou com a fascineira, já te olham assim com aqueles olhinhos, de estou aqui me pega, brinca, é muito... é segurança.”
	<p>Jéssica</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Há um, lá está, que tem a ver com a importância da bíblia na nossa vida, o que a bíblia diz e o exemplo de jesus e portanto isso é passado desde a direção até às crianças, nesta instituição conta-se a história bíblica uma vez por semana e faz-se a oração a agradecer a Deus antes do almoço e antes do lanche, portanto as crianças fazem isso, este é um valor que nunca foi alterado e que é explicado aos pais quando vêm cá por as crianças nem os funcionários são todos da igreja, há praí 3 ou 4, mas quem vem pra cá trabalhar é logo posto quando vem pra cá se sente bem, temos muita gente católica, normalmente os que temos aqui deram todos catequese, são pessoas envolvidas na igreja católica, e quando por exemplo sabemos que há um problema numa família, uma doença grave de uma avó ou de uma tia por exemplo, nós juntamos as crianças e oramos pela pessoa, e dizemos à pessoa olhe nós vamos pedir por si. Portanto isto é um valor

		<p>e é uma vivência real na instituição, pronto e a igreja acompanha também. Outra vivência, é às vezes perder pra ajudar os outros e isso as funcionárias já incutiram, que temos aqui crianças que não pagam e que os pais vão pro café e gastam o dinheiro no que não deviam, mas a criança não tem culpa e portanto nós não vamos por a criança fora porque a penalizada é sempre ela... os pais pegam nela põem-na noutra instituição e fazem outro calote lá e a criança vai andar a saltar de instituição em instituição e isso é prejudicial pra elas e a criança está sempre acima de tudo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nós tamos neste momento, houve uma educadora que veio pra cá trabalhar de uma forma diferente do que fazíamos, tirou o curso em Évora, e lá foi-lhe dada uma perspetiva e até de contato com pessoas, outros professores e educadores em que deu o movimento escola moderna, ela começou a trabalhar assim, perguntou à direção se podia, a direção não faz imposição nenhuma e respeitamos o trabalho das pessoas, não podemos obrigar uma pessoa a trabalhar de uma maneira porque se não, não está a trabalhar com o coração, tudo o que é imposto não é bem feito. E então ela começou a trabalhar e nós começamos a questionar pois foi um movimento e um método que não estudei muito, e foi-me dado muito a correr, começámos a tentar perceber melhor que método era este, e agora temos 3 educadoras com este método. Este método trabalha muito democraticamente dentro do grupo, ou seja nada é feito e nada é decidido sem que seja o grupo todo a decidir, o grupo todo é as crianças com a educadora e a auxiliar, porque a educadora e a auxiliar fazem parte do grupo não são as dirigentes, portanto as atividades são decididas por todos no início da semana democraticamente pelo grupo, cada um diz o que quer fazer, que gostaria de fazer durante a semana e a educadora sugere as atividades dela também e pronto. Depois há uma negociação, qualquer conflito, que haja entre crianças isto é resolvido em grupo com pedido de desculpa, muitas vezes surgem daí as regras da sala, e portanto esta é uma vertente que nós tamos a desenvolver e a pôr em prática, pronto esta questão da democracia da cidadania, e do respeito pelo outro. Com este método já se acompanhou uma turma desde os dois aos seis anos e verificamos muito bons resultados. Viu-se os frutos e depois na escola são crianças que conseguem muito mais facilmente trabalhar e chegar lá, portanto, pra já tamos satisfeitos e temos andado a dirigir-nos para aí...”
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Santa Casa da Misericórdia	Paulo	<ul style="list-style-type: none"> • “Responsabilidade, sinceridade, honestidade, clareza, frontalidade e o respeito. • Sim, sim... Acho que acontece, pelo menos estamos a trabalhar pra isso. • Sim, quer dos clientes, quer inclusive da própria resposta que é dada na seleção dos colaboradores, nós temos muitos colaboradores que nos são enviados pelo centro de emprego e que a própria instituição acaba também por ser uma resposta pra eles, a nível das várias instituições com as quais colaboro, sinto isso.”
	Piedade	<ul style="list-style-type: none"> • “Pois... Não é a responsabilidade... Mas o cuidado com o próximo e a escuta. • Sim, eu penso que sim. • O fato de nos passarem a mensagem pra estarmos focados no outro, o respeito pelo próximo, a solidariedade...”
	Priscila	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim... o respeitar... acima de tudo, o fazer as coisas com gosto, o tratá-los bem, o estar disponível. • Eu acho que sim, acho que sim. • Eu acho que é muitas vezes quando, não é para internamento porque não havendo mortes não há vagas, mas até se calhar... não sei se ontem já falas-te com a diretora técnica, é o termos capacidade de termos resposta imediata para muitas situações, agora estou a falar mais... mas nem é tanto pelos idosos, às vezes também, nós temos cantina social quando há aquela necessidade de respondermos logo, os bens doados, roupa, mais para o exterior é a capacidade de resposta imediata, pronto quando é pra internamento pra lar nem por isso, não temos vagas, mas eu acho que uma coisa muito boa que temos é a resposta imediata.”
	Paula	<ul style="list-style-type: none"> • “É o respeito por eles, sem dúvida alguma temos de cumprir, é o à vontade que eles também têm para nos dizer que tão menos bem, que lhe aconteceu alguma coisa, pronto isto é uma casa que tem muito pessoal, e as que tão hoje não tão amanhã e a que tá hoje até pode ter

		<p>falado um bocadinho pior com aquele ou de uma maneira mais áspera, porque toda a gente tem os seus dias, agente deve deixar os problemas à entrada da porta em qualquer emprego, o que é difícil pois somos pessoas. Eles têm esse à vontade de vir falar comigo e dizer o que não gostaram. O respeitar, o cuidar, é o manter vivo, saber lidar com a morte, é tudo um pouco. O modo com se vê o idoso, aqui em si não se nota, há instituições onde realmente as situações são mais coiso, aqui maiormente não noto, como também temos sempre a ter formações, debates e até mesmo acerca do alzheimer para a pessoa estar mais dentro e pra saber como é que há-de agir, temos tido muita formação acerca disso, acho que o pessoal em si tá todo bem integrado pra isso, mas as que vierem são sempre mais-valias.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eu tento, mas também sei que tenho as minhas falhas tal e qual como cada um, e às vezes até vou a passar pra ir resolver outra situação e outra chama-me eu digo vou já e acabo por me esquecer e depois quando me lembro ai Jesus... Eu tento, mas se calhar se perguntarmos a dois ou três também podem dizer que passo todo o dia e nem digo nada, pronto... É um bocado difícil. Mas passa, por exemplo nós temos pessoas com alzheimer e temos pessoas com tino, e temos de tentar explicar àquela pessoa que tem tino que a outra coitadinha tá doente, alguns não entendem o porquê de ela ir bater ou o porquê de ela lhe ir tirar o comer, e muitos deles até dizem que isto não é uma casa pra estas pessoas, havia de haver casas próprias, mas não há... Mas se nós tentarmos explicar e tentarmos organizar de modo a quem tem juízo fiquem todos juntos, assim como quem se dá melhor, de modo a que mantenham o diálogo, outros coitadinhos nem lhe faz diferença porque nem sabem. Como para nós também é incomodativo estarmos a comer e estar alguém a tentar tirar comida do nosso prato e então tentamos organizar de maneira a que os outros não se sintam incomodados. Por vezes até gera aquela agressão porque um não compreende o porquê do outro lhe fazer mal, também é difícil por vezes explicarmos que além daquela pessoa estar doente também tem direito ao respeito, é complicado.”
Montepio Geral	Raquel	<ul style="list-style-type: none"> • “Estamos a ser bombardeados com a questão da solidariedade, o bem-estar social, tanto que nós por exemplo, até há uns anos atrás no Natal, nós dávamos agendas, canetas, essas coisas aos clientes, de há três ou quatro anos pra cá, esse dinheiro vai pra donativos pra

		<p>instituições de solidariedade social.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sim, sim passam. No meu caso concreto sinto que sim. • Sim, sim e esperemos que continue.”
	Ricardo	
	Rafaela	<ul style="list-style-type: none"> • “Os princípios são sempre os meus, ou seja eu tentar ser eu própria, ser honesta, humilde, sincera, com a parte dos clientes também para que quando nós tentamos fazer alguma coisa essa coisa seja realizada positivamente, se transparecermos confiança, se acreditamos naquilo que estamos a fazer vamos fazer com que o cliente também, acredite em nós e conseguimos realizar os projetos que nos são apresentados. • Sim, sim porque embora estejamos virados pra parte da caixa económica não descurando a parte da associação mutualista a parte social e a parte de donativos, tem-se efetivamente todos os anos continuado e até mesmo aumentado a parte de assistência social digamos assim, de contribuir monetariamente inclusive para diversas instituições a nível nacional e das várias faixas etárias, quer das creches até aos lares de idosos e isso sim mantém-se sempre, aliás, o Montepio dava por exemplo, agendas, canetas e etc... Esta parte desde há 3/2 anos acabou e esse dinheiro foi canalizado para donativos.”
Externato Cooperativo da Benedita	António	<ul style="list-style-type: none"> • “Cooperação, respeito, amor à camisola. • Nesta altura não, têm-se vindo a perder, com os cortes do Estado e os que fomos obrigados a fazer as pessoas não andam tão satisfeitas no trabalho como andavam e esses valores acabam por não se refletir tanto. • Disposição para manter os empregos dos colaboradores o mais possível não promovendo as estatísticas do desemprego, isto relativamente ao desemprego, relativamente à pobreza, substituímos em muito a autarquia no apoio alunos carenciados e com necessidades especiais, temos o projeto sorriso amigo onde são realizadas atividades de modo a possibilitar a satisfação de várias necessidades, asseguramos as refeições quando os alunos não podem pagar por elas e ajudamos cidadãos que estejam fora do meio escolar e que necessitem de apoio.”
	Alexandre	

		<ul style="list-style-type: none"> • “Cooperação, solidariedade, uma particularidade do externato muito boa, aproxima a organização da comunidade e a comunidade pode contar connosco, e essencialmente o trabalho em equipa e é nesse sentido que venho trabalhando desde que iniciei o meu mandado, há muitas pessoas que trabalham de uma forma muito individual e não permitem que se chegue perto e eu quero mudar isso. • Sim, têm vindo a trabalhar nesse sentido, e muita coisa tem mudado e noto que os meus colaboradores estão muito mais abertos à mudança. Têm também o à vontade para chegar e falar. Quero e venho trabalhando nesse sentido, se o aluno ou professor está com dificuldades seja ajudado pelas pessoas que estão à sua volta. Muitas vezes ajuda-se quem está longe e não vimos que quem está ao nosso lado também precisa de ajuda.”
	Ana	<ul style="list-style-type: none"> • “Empenho, dedicação, solidariedade também, com os colegas, não criar mau ambiente e darmos o melhor de nós. • Também não sinto que a direção seja um carrasco e se nós não conseguimos fazer alguma coisa as coisas são conversadas e são resolvidas e não há aquela política de vais ser despedida, se não fizeste assim e assado, a vida vai correr mal. • O cuidado com a sociedade, eu trato de protocolos com várias associações tamos a pensar pro ano criar outros protocolos com os bombeiros para aqueles alunos, que nós vemos que aqui no tempo livre só fazem disparates e menos integrados tentar que eles vão ao centro social, ou aos bombeiros ou a outras lojas umas horas fazer alguma atividade pré-profissional, de modo que tenham outras vivências, tentamos muito integra-los na sociedade, não olhar só pra parte pedagógica, pra parte escolar, mas também, incluir...”
	André	<ul style="list-style-type: none"> • “Pois... o respeito, trabalhamos com respeito pelas pessoas não é... cooperação e é isso no fundo” • “Sim, passam...”

- Desde que trabalha nesta organização passou a interessar-se, em geral, por problemas sociais, ou assume essa postura, apenas, enquanto desempenha a sua atividade profissional?
- Uma profissão como a sua pode mudar a vida de um indivíduo?
- Como se vê incluído na sociedade?
- O fato de trabalhar numa organização como esta tem alguma influência na sua inclusão social? Porquê?

CEERIA	Maria	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim, sem dúvida, até porque pronto tinha acabado de estudar, ainda não tinha tido qualquer vivência e sim, acho que há muita coisa que nos passa ao lado quando não tamos com elas, situações de pobreza, situações de grande dificuldade, situações de abandono, carência económica, carência a nível alimentar, a nível de vestuário, a própria perturbação mental, tem tudo a ver com a área social que havia muitas coisas, mas também era novinha pronto, mas que me passavam ao lado. Tinha o desejo de ajudar, é verdade, de querer estar, mas depois somos confrontados com muita coisa que se calhar não se dava tanta atenção. • Sim, até porque esta instituição começa logo por aí, até porque esta instituição tem um bom reconhecimento da comunidade e o facto de o nosso trabalho ser lá fora, e ser reconhecido dessa maneira, acho que isso também faz com que nos sintamos mais incluídos, as pessoas vêem-nos nos ginásio, vêem o grupo de teatro no teatro, na biblioteca, vêem-nos nos mais diversos sítios, vêem-nos no atletismo, na caminhada, tão sempre a vê-los, como a nossa missão é a inclusão nós tentamos sempre que possível desenvolver atividades no exterior e as pessoas contactam com eles e sentem que isso é positivo pra eles e depois eu acho que as pessoas nos valorizam por isso digamos assim, faz-nos sentir bem e incluídos, mas pronto... sim a um nível pessoal muito realizada.”
	Manuela	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim, (...), estando em contacto com o terreno vou-me apercebendo mais disso, noto cada vez mais as famílias que acompanho, o reflexo da crise, nota-se realmente muito, tanto a crise social e económica como mesmo cultural, emocional das pessoas, até mais as tentativas de suicídio, depressão, nas famílias noto muito isso... E depois também noto que é procurar os

		<p>recursos da comunidade para ajudar as famílias, às vezes é um bocadinho frustrante porque procuramos e não há, ou são reduzidas as hipóteses de ajudar estas famílias, os apoios sociais também estão a reduzir, pronto tudo isso, vamos sentindo.”</p> <ul style="list-style-type: none"> • Acho que me sinto incluída, não sei se pela profissão, antes já me sentia incluída de alguma forma, não sei se a profissão influencia. Em relação a missão cumprida gostava mais de ter esse sentimento porque às vezes não é fácil, também não depende só de nós, mas há dias em que sim e há outros em que não.” • “Sim, pode mudar, não mudar totalmente que é difícil mas acho que pode mudar parte da vida.”
	<p>Marina</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim... É assim, é óbvio que o facto de ter vindo parar a esta área não inocoo, é óbvio que foi uma área querida digamos assim, é óbvio que há coisas na minha vida pessoal que me encaminham totalmente pra isso, mas é óbvio que tudo isso se vai trabalhando e alterando porque se nós tamos imenso tempo na coisa, a nossa perceção e os nossos valores vão mudando com o tempo, em 15 anos muita coisa mudou face à ciência, outra está na mesma... mas a minha perceção também se alterou, a forma de estar em relação às pessoas com deficiência é hoje diferente, se calhar não tanto quanto eu gostaria, e estou-me a lembrar aqui de uma coisa, que eu faço muito que é quase uma afirmação de carácter que é eu fazer por, as pessoas não precisam que façam por elas, as pessoas precisam que façam com elas pra conseguirem explorar o máximo do seu potencial, sobretudo com pessoas com deficiência e isto é uma aprendizagem que se faz, porque nós culturalmente não tamos aí, tamos noutro lado. • Claro que sim, claro que a minha profissão influencia, muda coisas tão simples como isto, muda quando se tem um filho, porque se encara as coisas com uma perspetiva completamente diferente, muda quando.... Quando acontece qualquer coisa que pode dar origem a... muda a forma como se olha para uma pessoa com deficiência, é uma das coisas que as pessoas muitas vezes relatam, é o choque, o impacto do olhar dos outros, se nós sabemos que o nosso olhar incomoda, olhamos e desviamos o olhar não ficamos.... (a seguir com o olhar) a maioria das pessoas não têm a noção que faz isto... é uma coisa que choca muito o outro, há uma série, quer de pequenas quer de grandes coisas que se transformam com este estar aqui, nós vamos aprendendo a lidar com as situações e há coisas que quase

		<p>naturalmente mudam no nosso estar lá fora. Há coisas que é assim, muitas vezes vou a uma caixa multibanco vejo um degrau e penso assim, epá até a mim me custa quanto mais a uma pessoa com uma cadeira de rodas, nem o teclado via, portanto, não é de uma forma continuada, mas quase de uma forma natural surgem ocasionalmente estes pensamentos nas atividades do quotidiano, sobre aquilo que tá menos bem. Ter mais atenção a pormenores que passariam ao lado porque não passamos pela dificuldade.”</p>
	Mónica	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu sou... é assim eu sou por norma, eu costumo dizer que vivo em sociedade, não vivo pra sociedade, há certas coisas, há certas situações que eu não tenho qualquer problema em denunciar, portanto tudo aquilo que eu saiba, fora da instituição, tudo o que me venham dizer de maus tratos a crianças e a jovens eu não tenho problemas nenhuns em ir ao sítio certo e já o fiz, e faço-o as vezes que forem precisas. • Eu não sou de Alcobaça, não nasci cá, mas sou muito conhecida por trabalhar aqui na instituição. Embora não faça uso disso, as pessoas se quiserem fazer alguma coisa não têm de fazer publicidade. Tento cumprir o meu dever aqui...
Fundação Vida Nova	Júlia	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim, sim, mais depois de ter sido mãe. Enquanto não era mãe achava que se facilitava demais, depois de ter sido mãe, fiquei mais alerta dos problemas, mãe com um menino com dois, três anos... que teve problemas também, precisei de ajuda, depois apercebi-me que havia muita gente bem pior que eu e a precisar de ajuda também. • Pra mim sou vista como qualquer outra pessoa, sou bem integrada. Tava a falar com uma moça e estávamos a falar e ela perguntou onde trabalhava e ela perguntou logo toda curiosa como é que isto funcionava, se calhar se tivesse dito que trabalhava noutra sítio qualquer a conversa morria ali, mas como trabalhava na Arca de Noé, despertou ali o interesse. A profissão também ajuda nesse aspeto claro.”
	Josefina	<ul style="list-style-type: none"> • “Já tinha alguma, mas passei a dar mais, estudar trabalhar há muita coisa que nos passa ao lado, estar aqui, ver as carências, as

		<p>dificuldades que pais passam pra que as crianças estejam aqui, porque apesar de toda esta crise muitos pais quiseram manter aqui as crianças, optaram por não por no público, e agora com a abertura do centro escolar com aquelas salas todas podia... e os pais fazem questão que eles continuem aqui e façam esse sacrifício e nós vimos isso. Eu vejo isso todos os anos, que os pais fazem sacrifício por alguma coisa há-de ser, pelo nosso trabalho e pela nossa ajuda que nós tentamos dar. Sem dúvida que passei a ter noção de muitos problemas sociais. Eu penso que sim, se agente for ajudando individualmente nem que seja um bocadinho, uma peça de roupa, um bocadinho de comida, a pouco e pouco as pessoas vão espalhando e as pessoas vão dizendo e é sempre bom, nós tamos de portas abertas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eu acho que sim, só o facto de eu estar a trabalhar, a fazer aquilo que eu gosto, e ajudar, chegam-me crianças com meses e saem daqui com seis anos, pelo menos eu acho que já faço alguma coisa. Ajudá-los a crescer um bocadinho e a tornarem-se um bocadinho, umas boas crianças, uns bons meninos, que sejam no futuro umas boas pessoas, um bom adulto, e que inculcamos esses valores pra que eles consigam.”
	Joana	<ul style="list-style-type: none"> • “Não noto a diferença porque já havia um grande interesse e uma grande consciencialização, com a crise você já foi aumentando esse conhecimento, mas em termos de problemas que vêm aqui pra organização agente já conhecia, já brigava por eles, a consciencialização que eu tomei mais é que há muito mais crianças a precisar muito mais dos pais e os pais a precisar de mais tempo pra trabalhar pra ter dinheiro para as crianças, pra comer, vestir, pro dia-a-dia, então o que há é esse afastamento muito grande dos pais hoje com as crianças. Tem criança que entra as sete e meia e sai às sete e meia é um período ali que você não vê seu filho, que você, então tenho que eu fazer o papel de pai e mãe pra ver se eles não sentem tanto a falta da casa deles e do espaço deles. • Ah pá há uns dias tava ali um que não falava nada, nada, e outro dia você houve ele falar uma frase completa assim, e eu me assusto, olho fala de novo e a criança quando fala aquele sorriso, de ai acabou... eu consegui yeah, é uma sensação muito, muito boa.”
	Jéssica	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu como cresci numa igreja Baptista, nós tínhamos essa vertente,

		<p>sempre nos interessámos pelo problema do outro e portanto sempre cresci numa comunidade, e apesar de na adolescência me ter afastado e não sei quê... este valor sempre esteve lá, e portanto isso era-me inculido não só pelos meus pais e pela família mas também pelo grupo onde eu estava, a minha preocupação com o outro sempre foi vivida. Por outro lado o que faz aqui a instituição é que me dá acesso a conhecimento mais global não é só ali da minha comunidade mas também, de um problema global e de como é que as coisas funcionam em Portugal a nível social, e de subsídios, de bancos alimentares e dessas coisas todas, portanto, dá-me uma visão muito mais alargada, com certeza do que só o interesse inicial de querer ajudar os que tão ao meu lado.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pode. Se eu souber usar a minha profissão pode, às vezes agente não tá é disposto a isso, ou às vezes o tempo faz e as nossas preocupações do dia-a-dia, fazem com que agente não ter tanto tempo para acompanhar aqueles que necessitam, agora sim isso tem-me acontecido várias vezes já, notar e ver e mesmo as pessoas dizem que a instituição mudou a vida delas e que se não fosse a instituição elas... As crianças estariam noutra sítio, e elas não seriam tão boas mães ou tão bons pais e isso é a melhor paga que se pode ter, ver que se contribui pro crescimento e pra melhoria de uma pessoa que muitas vezes não é tao boa porque não teve, muitas vezes já vem da família e não sei quê... E já são histórias quase de tetravós que têm uma vida complicada, e às vezes aparecem aqui e a gente tenta sempre dar o nosso contributo pra que as pessoas melhorem. • Eu às vezes não me apetecia estar cá, muito sinceramente, às vezes não me apetecia estar cá, vejo que faço parte desta sociedade, desta comunidade, desta freguesia, e deste concelho e portanto tenho que fazer a minha parte, porque se todos nós fizermos a nossa parte as coisas ficam melhores, portanto não posso anular e dizer ok eu vou viver a minha vida e a sociedade que viva a dela porque isso não funciona assim, nunca pode funcionar assim, nem eu iria ser feliz, nem iriam os outros também ser. • Influencia em termos de... acaba por influenciar porque como sou educadora de infância, muitas vezes as pessoas me vêm pedir conselhos sobre os filhos, portanto acaba por influenciar a minha formação, se fosse outra coisa qualquer influenciaria noutra área, na minha área, tenho às vezes aí pais e depois ainda, por cima, sou mãe
--	--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>de quatro filhos, normalmente vêm perguntar, e tenho as duas vertentes às vezes na prática nem sempre é fácil pôr o que a teoria diz, portanto posso dar esse contributo. De certeza que a minha formação condiciona muito aquilo que eu posso dar aos outros.”</p>
Santa Casa da Misericórdia	Paulo	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu acho que a minha profissão é facilitadora, porque o facto de ser bastante conhecido, a vários níveis quer a nível hospitalar quer a nível social quer a nível local, institucional, quer civil, facilita a minha atividade e o relacionamento com os outros.”
	Piedade	<ul style="list-style-type: none"> • “Já vinha, já era a área que me interessava. • De forma positiva, sinto-me incluída, eu tenho um papel participativo, pró-ativo, até com as campanhas que estamos a organizar agora da recolha dos bens do banco alimentar. • Talvez, ou então por já ter essas preocupações, escolhi a profissão.”
	Priscila	<ul style="list-style-type: none"> • “Cada vez mais, até porque quando se abriam as novas valências, temos o banco alimentar, a cantina social, cada vez mais nos apercebemos dos problemas sociais que existem fora daqui. • Eu sei lá... pronto, não vou mudar o mundo mas pelo menos tento que o dia-a-dia deles seja um bocadinho melhor, ou não seja igual ao dia de ontem. • Eu acho que sim e a forma de ver muitas coisas, da velhice, dos problemas sociais, das necessidades que as pessoas têm, eu penso que ao trabalhar aqui, ou numa instituição de idosos, noutra qualquer se calhar, temos uma noção diferente que se calhar muitas pessoas não têm.”
	Paula	<ul style="list-style-type: none"> • Tive, já havia mas não tanto e nunca pensei que aqui tão perto que houvesse tanta coisa como há, eu há uns anos atrás fazia noite na passagem de ano e nessa noite fui ao hospital com uma senhora daqui, ela ia muito doente e eu fui levá-la ao hospital a dar a meia-noite e eu nunca me tinha apercebido que tão perto os idosos eram abandonados, agente ouve na televisão, na passagem de ano e no Natal os idosos são abandonados, mas nós não temos consciência que

		<p>aqui tão perto existe e lá estavam 7 idosos nas mesmas circunstâncias que agente ouve na televisão e agente até conhecia alguns deles, de pessoas bem... e acabaram por fazer o mesmo, aquilo mexeu comigo naquele dia, porque eu era uma reles funcionária, o médico até me disse a senhora se quiser pode-se ir embora, e eu disse não que a D. Ana tá agarrada à minha mão e eu passo aqui a passagem de ano com ela, festejei com os médicos e os enfermeiros e ela coitadinha não porque tava a oxigênio, mas não abandonei a senhora porque era meia-noite e eu até faço anos naquele dia. E depois vê-se muita... ainda mais nas pessoas de classe alta, serem pouco humanas pró pai e pra mãe, pró tio e pra tia, a pessoa do campo é mais agarrada a pequenos afetos, custa-lhe mais certas coisas e preocupa-se mais com certas coisas, as pessoas da classe mais alta é mais pra manter a aparência, tanto que nós acabamos por nos afeiçoar mais por o que não tem ninguém do que por aquele que tá rodeado de familiares, porque há famílias que não fizeram o que haviam de ter feito, acabaram por vir pôr e depois pesa o remorso que não fizeram mas querem que nós façamos a parte deles, também existe e depois também é muito complicado agente dizer às pessoas ou ao familiar que essa parte não nos compete a nós fazer, compete ao senhor. Antes disso agente não toma consciência de que há tanta coisa, há tanta miséria, há pobreza mesmo em Alcobaça, há muita miséria, mesmo aqui porque nós só fazemos cidade, mas eu por exemplo já tenho falado com várias colegas do apoio de aldeias e de vários sítios em formações que nós vamos ter e nota-se isto, têm um filho que é doutor e engenheiro e como é que não lhe faz impressão verem os pais naquela miséria, e nós vamos ver realmente as pessoas da aldeia e têm muito menos, algumas delas só têm mesmo a caminha no meio da casa, nem há sitio pra aquecer a água nem nada, mas depois então aí os filhos tentam-se unir todos e criar um ambiente mais querido e os outros não, vêm com o nariz empinado como se costuma dizer, o meu pai, o meu pai e depois agir no terreno não agem, há mais isso. Outra coisa tornei-me mais fria, a nível dos meus sentimentos, soube lidar melhor porque nós, lidávamos muito mal antes disto com a perda de alguém nosso, ou o sofrimento de alguém nosso, a partir daí nós parece que pomos uma roma e aqui tentamos ser mais do que os outros, isto não é nada, porque nós vivemos aqui eles todos se queixam com uma dor de cabeça, isto e aquilo e querem mais um comprimido, e é mais isto e mais aquilo, tudo pra eles serve de chamada de atenção, enquanto nós dantes em casa se a nossa mãe</p>
--	--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>ou a nossa avó se queixasse íamos logo também acabar por dar, queixam-se de uma dor no pé vamos levar ao hospital pode ser isto, e agora temos noção que não é, é o idoso que ta a fazer chamadas de atenção. Eu acho que também me tornei mais fria porque até dantes eu chorava por tudo e por nada e agora não, agora pra chorar há-de estar o mar sem água como costume dizer. Porque pronto nós como lidamos com as situações e temos de lidar com a morte, temos de ter a postura de por um lado aliviá-los mas também não podemos nós desabar na primeira curva e vamos amadurecendo, por isso é que eu digo, eu acho que isto é uma boa lição de vida para qualquer pessoa, mas também tem de se ter muito gosto e muita vocação pra se fazer certos serviços, se não é impossível, já tem acontecido, já houve colegas que têm vindo e pensam que conseguem e depois não conseguem, são situações em que mexem, o sofrimento humano mexe com muita coisa, e depois às vezes é muito difícil agente estar e depois já se passou, muitas delas já passaram porque viram o pai naquela situação, ou a mãe ou uma irmã, estar a reviver aquilo mexe tudo e acabam por não ser capazes, mas se agente tentar pronto e acho que é uma mais-valia e acho que faz bem, eu às vezes até incentivo os jovens de escolas e assim a irem ver e depois também há muito aquela ideia do lar antigo que não tinha condições, era frio, era com maus tratos, desumano, estavam amarrados, acorrentados, falta de higiene, tudo isso às vezes e mesmo esta malta nova da escola e miúdos mais pequenos que vêm às vezes tão com medo e até vêm coisas e não sabem se há-dem falar se não, mas depois dá muita vida a uma casa destas porque quase todos gostam muito de crianças e então eles ficam muito encantados e às vezes eles até nem vêm fazer nada de jeito, maneira de dizer, mas pra eles é e já tenho dito a vários sítios porque é que só se lembram dos idosos na época do natal, nas férias que não têm onde levar as crianças porque nós temos condições temos um grande jardim onde fizessem várias atividades com as crianças, as crianças tomam noção da realidade e o porquê daquela senhora tar naquele estado e o porque do outro não tar, mas aquele até é mais velho, muitos deles não entendem e acho que a sociedade deve estar mais presente. Os meus filhos, tentei sempre que eles interagissem com os avós, que dessem o beijo aos avós porque os avós foram pessoas normais, independentes, hoje em dia não, precisam da nossa ajuda, e eles tentam e vão sem problema nenhum. Eles têm de ser chamados à realidade porque a nossa geração vai tar neles. Hoje em dia anda tudo preocupado com os filhos serem</p>
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		<p>doutores e esquecem-se que amanhã ou noutro dia não há nada ou ninguém que preste estes serviços, não vai haver, as crianças não têm noção do que vão encontrar.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Muda 100 %, em todos os sentidos, é como lhe digo aí temos pessoas de alta sociedade, e lá está tamos a criar condições pra quem não tem, mas temos que manter as que têm, mas tentamos neste meio conseguir ter toda a gente no mesmo patamar, não é porque a Dona tal é mais pobre que não tem direito ao que a outra tem, se vão ao passeio vão todos iguais, é a casa que mantém essa igualdade, há muitos passeios que são a pagar mas eles não é por não terem que deixam de ir ou não deixam de intervir de agir, mas há ali, isto é como eu lhe digo isto é muito complicado porque temos pessoas de todas as fases, todas as idades, temos desde os 101 até aos 47 ou 48, é muito complicado conseguir mas tenta-se. • Eu acho que me vejo bem, pronto. • Não, não tem, muita gente não tem noção do que é...”
Montepio Geral	Raquel	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu sempre fui muito vocacionada para essa área portanto, já era algo, eu lembro-me que quando tava a acabar o curso e falei com umas colegas minhas de abrimos uma delegação de apoio à vítima, por exemplo nas Caldas da Rainha no caso da violência doméstica às mulheres, portanto eu já tinha isto um bocadinho dentro de mim e com este trabalho esse interesse continuou. • Sim pode. E não apenas a um nível económico. • Bom, agora sou conhecida pela menina do banco, já não sou só a Sónia, as pessoas acabam também por nos associar ao local de trabalho. A profissão cria a identidade, reflete-se muito isso. Ao fim de semana encontro pessoas e ah deixa-me fazer-te uma pergunta, queria um cartão.”
	Ricardo	<ul style="list-style-type: none"> • “Perante a sociedade? Eu acho que sim, é assim eu acho que o Montepio continua a fazer a diferença por sermos uma associação mutualista por termos princípios diferentes da banca comercial no seu geral e eu acho que muitos clientes nos vêem como um banco diferente, é um fato porque nós temos a frota solidária, atribuímos carrinhas a instituições de solidariedade social, ou seja participamos ativamente na economia social do país e eu acho que as pessoas

		vêm-nos como um banco diferente.”
	Rafaela	<ul style="list-style-type: none"> • “Despertou, despertou porque temos também realmente contato mais direto, temos contato até mesmo com as dificuldades das próprias pessoas e também temos contacto com as instituições de carácter social e isso também nos vai fazer a nós quer queiramos quer não despertar pra isso e termos os olhos abertos. • Eu própria não, não tenho problemas de interagir com qualquer tipo de classe com qualquer tipo de raça ou etnia, eu não, mas se calhar alguns colegas ajuda às pessoas que sejam um bocadinho mais retas ou que nasceram num berço um bocadinho melhor, e então trabalhando aqui, tendo conhecimento com todas as realidades temos mesmo que nos moldar à situação. No meu ponto de vista não, mas noutros colegas sei que isso acontece.”
Externato Cooperativo da Benedita	António	<ul style="list-style-type: none"> • “Já existia um grande interesse pelos problemas sociais, não notei uma mudança. • Vejo-me integrado, não tenho problema nenhum, sinto que sou útil e que tenho feito o que posso para contribuir pra esta instituição... • Não, não tem nenhuma influência nem eu quero tirar partido disso para benefício próprio.”
	Alexandre	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim, sem dúvida. Tomei também uma maior consciencialização dos problemas que existem e uma maior preocupação. • Vejo-me integrado e ativo. • Acho que sim, e então desde que sou diretor noto ainda mais, as pessoas ouvem-me e consultam-me muito mais do que enquanto professor, a função modificou muito.”
	Ana	<ul style="list-style-type: none"> • “Aumentou, aumentou, embora ainda haja daquelas pessoas que acham que se os alunos por exemplo não conseguem ser melhores alunos não tem a ver com questões económicas e sociais e eles não estudam e não é bem assim, mas isso são minorias não é... Mas aumentou...”

		<ul style="list-style-type: none"> • Eu espero que sim, nem todos, às vezes saímos daqui frustradas porque não conseguimos fazer aquilo que queríamos, mas também fico muito contente, de vez em quando vimos crianças e pensamos o que será o futuro deles e depois anos mais tarde vimos e estão muito bem e ficamos contentes, claro que não tem só a ver com o trabalho que é feito aqui mas acho que tem um grande contributo, e a prova é que há miúdos e pais que muitos anos depois de eles saírem ainda voltam aqui a pedir acompanhamento. • Eu gosto de estar incluída na sociedade, estar integrada e participar em várias atividades, eu sou bombeira também, e faço, sou voluntária, a minha família também tem várias atividades de voluntariado, agimos ativamente na sociedade. • Não, acho que já era assim e se não fosse psicóloga seria igual, às vezes como psicóloga, há situações que pronto quando faço psicologia clínica e vejo que as pessoas estão a passar por uma situação muito complicada não cobro pelas minhas consultas ou levo um preço simbólico.”
	André	<ul style="list-style-type: none"> • “Sim, sem dúvida, aqui lida-se com muitas pessoas, muitos alunos, ao mesmo tempo vê-se a situação económica através deles, se as pessoas vivem melhor ou pior não é... • Esta escola é o ensino, claro que muda, forma pessoas e ao formar pessoas, tenta formá-las da melhor forma possível para que depois as pessoas possam ter uma vida diferente, melhor, claro que como sendo particular e uma cooperativa é sempre diferente das outras escolas, e penso que o grau de exigência seja também um bocadinho superior e que forme talvez melhor. Não quer dizer que seja melhor, mas pode acontecer. • Eu acho que estou bem incluído na sociedade... perfeitamente... • Não influencia nada, trabalhar aqui ou noutra sítio não influencia nada.”

Da organização para fora

- Desde que entrou nesta organização, o que considera ter mudado na sua vida?

- O que sente no final de um dia de trabalho nesta organização?

- Como vê o seu futuro na organização?

CEERIA	Maria	<ul style="list-style-type: none"> • “O que eu acho que mudou mais na minha vida ... se calhar a dar importância a pequenas... aquelas coisas que se dizem no senso comum mas às vezes agente diz isso sem sentir mesmo... a dar importância a pequenos ganhos, porque uma pessoa com deficiência e então se tem uma deficiência profunda muitas vezes a evolução que faz, a nível do seu percurso, são pequenos ganhos, são coisas muito lentas. Se uma pessoa não tem marcha, se uma pessoa não fala, se uma pessoa usa fralda, os ganhos que podemos ver nestas pessoas, estou a falar no caso das deficiências graves porque não temos só essas, são pequenos e ... mas eles existem e vivermos com isso e olharmos pra isso faz-nos valorizar as pequenas coisas, os pequenos ganhos e depois transpomos isso para a nossa vida, às vezes se calhar fazemos determinada coisa e não damos tanto valor e estas pessoas faz-nos olhar para os nossos próprios objetivos de vida e às vezes as pequenas coisas que conseguimos e temos ao nosso lado, valorizamo-las de outra maneira, isto obviamente estou a falar no meu caso, acho que foi o que mudou mais, dar valor a pequenas coisas que muitas vezes são importantes. • Vejo-me a continuar cá, não me vejo noutro sítio ... Vejo-me cá, acho que sou importante para a organização, acho que a organização também sente isso, vejo-me ainda a aprender muito, muito com eles, muito em termos profissionais também, e gostava muito e tenho como expectativa, não me acomodar, pronto, isto quando uma pessoa já começa a estar aqui há tantos anos... pronto querer apostar em outro tipo de formações, ir complementando, porque pronto tenho esta formação de base e depois vou tendo formações pontuais que a organização também nos vai facultando a vários níveis, pronto em termos da relação com eles, dos cuidados com eles, a nível da sexualidade, pronto sempre ligado à área da deficiência. E queria muito ir apostando pra me ir atualizando, no sentido de não basta gostar e querer estar com eles, também é importante irmos... pronto gostava de não ficar presa aquilo que já tenho...”
	Manuela	<ul style="list-style-type: none"> • “Acho que mudou um bocadinho a minha forma de ver o mundo, principalmente aqui à minha volta já era de ca e não tinha perceção de coisas que hoje vejo... a nível de trabalho no serviço social mudou, a nível do conhecimento da realidade social e da realidade das

		<p>instituições aqui, a nível pessoal tira-me mais tempo e também me ajuda a olhar de forma diferente para as coisas e para as pessoas, quando vou na rua vejo as pessoas que vejo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Eu acho que ainda tenho muito a melhor, a aprender, a desenvolver.... Tenho esperança e sinto que ainda há muito trabalho a fazer e espero melhorar, pelo menos na área em que estou sinto que cada vez há mais trabalho, esta valência começou em 2011 é nova e o nº de crianças sinalizadas tem vindo a aumentar, por isso eu acho que a perspetiva é continuar a crescer. • Só tenho pena porque os recursos humanos são sempre escassos devido ao nº de casos que acompanhamos, acho que os meus colegas noutras valências sentem isso. São muitas crianças e poucos técnicos o que influencia a qualidade do trabalho e na rapidez de resposta.”
	Marina	<ul style="list-style-type: none"> • “Todos os dias, há dias muito, muito, bons quando nós conseguimos aquela coisa que queríamos tanto, há dias muito bons, há dias muito frustrantes, difíceis porque de facto as pessoas trazem-nos histórias de vida que são magníficas, mas que são dolorosas, mas pronto acho que com qualquer trabalho isso acontece, aqui acontece mais com a vantagem da componente humana, com a vida e as histórias das pessoas, que é uma coisa que me agrada. • Eu sei lá... Eu via bem, eu acho que estas organizações tão a atravessar um período difícil em termos de recursos e constrangimentos de uma série de coisas junto de toda a conjuntura que se vê por aí, é óbvio que em termos do meu futuro estrito, eu gosto muito do que faço, e ocasionalmente perguntam vês-te a mudar de carreira, a fazer outra coisa? Eu acho que nunca sairia da área social e da área humana fosse lá pra onde fosse, se tivesse de mudar não sairia muito daqui... é óbvio que este trabalho me é grato, é óbvio que gosto do que faço, é óbvio que enquanto tiver a prestar algum serviço e o meu trabalho for útil quero continuar.”
	Mónica	<ul style="list-style-type: none"> • “Nunca pensei trabalhar com população deficiente, embora em África, em frente à casa dos meus pais havia um menino deficiente. Vim parar aqui de para-quedas, porque não tava nos meus horizontes. Há dias em que corre tudo muito bem, há dias em que há vomitados, cocós,

		<p>diarreias.... E eu comecei a ambientar-me... não me fazia diferença...</p> <ul style="list-style-type: none"> • Cansada... já anseio muito o fim de semana, algumas falhas de força nos pulsos... continuo a gostar de trabalhar aqui, embora acho que estagnei, porque considero que não estudei pra ficar a marcar passo. Mas encaro o dia e venho trabalhar contente e não venho contrariada.”
Fundação Vida Nova	Júlia	<ul style="list-style-type: none"> • “Tem dias, no geral sinto gozo até mesmo nos dias difíceis. Porque há meninos muito difíceis mesmo, mesmo pequeninos, e há dias em que ficamos de rastos, não há teoria nenhuma que agente consiga pôr em prática que resulte, às vezes temos de experimentar várias, às vezes já perdemos a cabeça e é muito complicado, mas pronto no geral, sim, sinto missão feita, que a missão tá a ser cumprida eu espero que esta seja a minha missão, não quero fazer outra coisa, como nunca trabalhei noutra sítio pra mim este é o ideal. • Olha eu acredito que isto vá durar, espero que dure, mas tendo em conta a crise económica que nós tamos a passar tenho algum receio, tenho porque há cada vez mais pais desempregados e as coisas todas aumentam todos os dias e as mensalidades são as mesmas portanto se um pai ou uma mãe está desempregada fica com o menino em casa e se nós não temos meninos não temos trabalho, e então há sempre muitas reticências, eu espero que dure, se não seja assim, seja doutra forma porque tenho muita pena se isto um dia por acaso fecha, tenho muita pena porque acho que nós fazemos aqui um bom trabalho, há sempre queixas em todo o lado, queixas de pessoas que às vezes não têm mais nada que fazer então vamos fazer queixa e implicações e etc, mas no geral, eu acho que não e não gostava que isto tivesse um fim, que a instituição fosse fechar porque não houvesse meninos. Não gostava.”
	Josefina	<ul style="list-style-type: none"> • “Muita coisa, o cansaço da viagem todos os dias, ao final do dia já chego a casa cansada. Obviamente que estar aqui a trabalhar, ajuda-me muito ver a situação das outras famílias, às vezes agente pensa ai tamos tão mal, mas às vezes ainda há pessoas pior do que a nossa situação. Vai-nos tocando ver situações tão difíceis, tão complicadas, já me passaram n situações e agente claro, crianças com dificuldades quer no comportamento, quer a nível de desenvolvimento cognitivo e nós tentamos ajudar e isso claro, acho que vai fazendo com que

		<p>agente cresça um bocadinho também, nós sempre aprendemos, todos os dias eu aprendo com os meninos, com pais, ensinamos mas também aprendemos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pronto eu penso, isto está tão difícil, tão complicado, mas eu penso que enquanto a fundação durar acho que tenho um futuro aqui progressor.”
	Joana	<ul style="list-style-type: none"> • “De trabalho, em linha de trabalho não tenho essa preocupação, tenho preocupação se a fundação se mantém, comigo aqui, comigo não aqui de eu estar trabalhando ou não estar trabalhando eu vou estar sempre ali de volta de certa forma, não tenho este medo, não preciso dessa segurança do meu posto de trabalho garantido ali, pra achar que vai funcionar, não tenho essa preocupação, se ficar melhor, mas se não ficar o meu amor pela fundação e pelas crianças mantém-se.”
	Jéssica	<ul style="list-style-type: none"> • “Ui... mudou a responsabilidade, quando agente começa a trabalhar começa a ter uma maior responsabilidade e especialmente porque trabalhamos com pessoas, portanto a responsabilidade é muito maior, eu se me enganar neste papel rasgo e ponho noutra, mas se eu cometer um erro com uma criança posso deixar uma marca para toda a vida, e portanto nós temos que ter isso em conta e portanto, mudou muito a minha ponderação e pensar muito antes de agir seja com quem for, ter calma ... e como comecei a trabalhar sozinha, porque montar o berçário sozinha deu-me logo uma responsabilidade muito grande, fiquei logo com a menina nos braços como se costuma dizer e pronto o sentido de responsabilidade e a influência que eu posso ter no desenvolvimento de uma criança ficou logo ao de cima. • Eu não sinto quase nada porque chego a casa e tenho de continuar tudo... Mas no fim do dia depois de deitar os miúdos e não sei que... neste momento sinto muita preocupação com o dia de amanhã, porque a instituição tá numa fase difícil, esta fase é muito complicada para as instituições, que é a fase das renovações, ver se os pais renovam ou não... se vamos ter vagas pro ano se não vamos ter, se vamos ter as salas preenchidas se não... neste momento é uma grande preocupação, é uma altura muito complicada, a nível psicológico e da responsabilidade de estar à frente de uma instituição, se não tiver dinheiro eu tenho pessoas e se não poder pagar e portanto temos que gerir isto muito bem e portanto neste momento sinto esse peso, de

		<p>qualquer das formas tenho durante o dia muitos, muitos, pontos altos, de uma colega, de uma brincadeira que fizemos todos juntos ou de uma criança que disse um disparate qualquer e rimo-nos. Ou de um trabalho que fizeram e eu tive a ler e realmente demonstra muita aprendizagem, pronto o nosso trabalho tá a ser um bom trabalho, tenho muita coisa durante o dia que agradecer a Deus, e pôr nas mãos de Deus a preocupação para poder dormir</p> <ul style="list-style-type: none"> • Neste momento eu não sei qual é o meu futuro aqui, fiz agora uma formação de gestão de IPSS para ver se deveria fazer uma pós-graduação ou não, sobre direção e gestão de IPSS, parece-me que não, que não é bem a minha área, e não irei enveredar por aí, neste momento não faço a mínima ideia, porque estou a acumular duas funções e não deveria estar, e portanto vejo-me a continuar aqui, não tenho nenhuma perspetiva de sair daqui e continuarei aqui a fazer aquilo que for necessário ser feito, seja como diretora técnica, diretora pedagógica, como educadora, desde que seja o melhor pra contribuir pra instituição é isso que interessa, não tenho neste momento nenhum plano estipulado, estou numa fase de ver o que é que vai acontecer, até porque agora em outubro entra uma nova direção e as coisas podem mudar, e aquilo que vier eu aceitarei de bom grado, estou ligada à instituição de coração e emocionalmente e portanto tudo aquilo que for preciso fazer faz-se, não sou ligada a títulos.”
<p>Santa Casa da Misericórdia</p>	<p>Paulo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Muitas vezes cansaço, satisfação, muitas vezes algumas lacunas em termos de capacidade de resposta e ultimamente muita dúvida sobre qual será a capacidade do Estado em dar resposta às necessidades das instituições, porque não é fácil ser diretor de uma instituição ou participar na direção de uma instituição em que diariamente somos confrontados com exigências e por outro lado não há resposta às situações que são colocadas, ou é o próprio Estado que nos encaminha os utentes/clientes carenciados e por outro lado não há um conhecimento institucional, das respostas que são dadas. • É assim, eu costumo dizer que eu poderei passar de ser um colaborador ativo para ser um cliente à medida que o ciclo da vida tem é contínuo não é... e como tal estou tranquilo, enquanto sentir que tenho capacidade e posso dar um contributo ativo pra instituição manter-me-ei, quando entender que deixei de ter esse contributo não tenho dificuldade em por à disposição a quem de direito as funções

		que desempenho.”
	Piedade	<ul style="list-style-type: none"> • “Mudei tudo, primeiro porque não sou de cá, sou de outro concelho, sou de Leiria, e sinto-me feliz, estou bem. • Duas coisas, às vezes cansaço e que andei a apagar fogos aí de um lado pro outro e não fiz tudo o que queria ter feito. • A continuidade daquilo que estou a fazer...”
	Priscila	<ul style="list-style-type: none"> • “Ui, sei lá, tanta coisa... Pronto se calhar a maneira de ver a pessoa idosa, se calhar vê-se de outra maneira... (após interrupção da entrevista com a intervenção de uma idosa com alzheimer) pronto se calhar vejo o alzheimer de outra maneira. Eu acho que foi mesmo o ver a velhice de outra maneira, o às vezes fazer maus juízos de lares, eu acho que tem a ver com isso, o mudar de opinião acerca das instituições, do que é ser velho. • Eu acho que de dever cumprido. • Não sei... Sei lá. A continuar a desempenhar as minhas funções e a ir de encontro aos gostos e às necessidades de cada um.”
	Paula	<ul style="list-style-type: none"> • “Sentir-me mais humana, mais ... deixei de ter tempo pra tudo, porque eu nunca mais tirei férias, desde que fui pra encarregada há 4 anos que não tiro férias, porque agarrei isto também como um projeto meu e não me faz diferença nenhuma, eu dantes andava preocupada quando é que ia de férias e agora não porque mesmo os dias que estou de folga ou não venho ando alheia porque me falta qualquer coisa, tenho de vir aqui quase todos os dias ou mesmo que não venha telefono pra saber como é que tão, vou pra casa com a preocupação que a, b ou c não tá bem e se calhar não tá e elas têm ordem de me ligar seja a que horas for para eu pegar no carro e vir. Nessa parte fiquei muito mais humana, mais pronto... Agarrei o projeto mesmo como sendo uma coisa minha, é uma coisa que eu gosto, não me vejo a fazer outra coisa, agora se me dissessem dou-te dois mil euros pra vires para ali eu não ia pelo dinheiro. Nós tivemos aqui um tempo em que os ordenados não puderam ser mexidos e mesmo depois de ter passado a encarregada eu nunca vim à administração dizer eu passei mas quero o dinheiro, nunca peço férias porque não quero, mas podia vir olha não vou de férias mas quero que mas paguem mas não, não me

		<p>interessa, ou vir pra cá ao sábado ou ao domingo, já tenho vindo pra cá de noite, ando aqui uma noite inteira, às vezes a minha filha mais nova reclama porque qualquer dia eu já sou mais daqui do que lá, nesse aspeto sempre foi uma coisa que disse que gostava de fazer, se tivesse tempo sempre disse que gostava de ir pra missões lá fora, gostava de ir pra Angola para aqueles países que não têm ninguém, gostava de adotar crianças mas a vida não permite pronto... mas era uma coisa que eu sempre gostava, adorava trabalhar no INEM, adoro pensos, adoro feridas, adoro, nada disso me faz diferença e era uma coisa, são experiências novas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Às vezes cansada, mas outras vezes sinto que não tive tempo pra fazer tudo, queria fazer mais mas não tenho tempo pra tanto. • Eu penso que o meu futuro aqui vai ser bom, penso, mas acho que se vai manter como está, vejo melhorias porque é como a trabalhar nisso, tamos a implantar o sistema da qualidade, também andamos em formações pra isso, vai melhorar. Agora o meu futuro é eu qualquer dia ficar aqui acamada numa cama como eu digo às colegas. Já cá estou há tantos anos que como diz o meu marido quem te roeu a carne que roa os ossos.”
Montepio Geral	Raquel	<ul style="list-style-type: none"> • “Na minha vida, a estabilidade de rendimentos, e foi em termos profissionais, houve a dada altura que eu senti que estava sempre a fazer o mesmo e assim tava a estagnar, senti isso mas depois houve aqui uma reviravolta e agora sinto que haja evolução a título profissional, pessoal também, dá-me aquela estabilidade. • Eu sou ambiciosa, não sou muito ambiciosa, não desejo ter cargos de chefia, mas vejo que vá evoluindo não em cargos muito grandes, gostava de estar mais na parte central do banco, por vezes também o contacto com o público cansa e há alturas em que me apetecia desempenhar funções mais recolhida só que isso tá muito centralizado em Lisboa, em termos de vida pessoal como vivo sozinha com o meu filho não dava para ir conciliando por isso é ir evoluindo.”
	Ricardo	<ul style="list-style-type: none"> • “É assim, por enquanto, não estou preocupado com o futuro, ouve-se dizer aí muita coisa, inclusive o Barclays vai sair de Portugal, em termos de gerente já cheguei um bocadinho ao topo, já sou, gerente há 10 anos já cheguei ao limite da minha carreira, mas o Montepio ainda é uma instituição que dá oportunidades a quem merece, se bem que com a fusão que houve do Finibanco, houve alguns enfim, ao fazermos a fusão com o Finibanco, o que é que aconteceu? O que aconteceu foi

		<p>que houve alguns quadros do Finibanco que vieram ocupar algumas vagas, digamos assim, onde haviam colaboradores do Montepio com potencial para as ocupar, aí houve uma barreira, se quer que lhe diga já tive mais esperanças de chegar além, de evoluir do que agora, mas pronto, também já tenho 45 anos, não desisto e tento trabalhar diariamente para melhorar, mas o que é um fato é que nós passámos de uma fase difícil em termos de banca com a crise que houve do setor imobiliário, que afetou os bancos todos e o Montepio também bastante exposto ao crédito hipotecário e houve aí uma grande crise, agora é assim se as coisas evoluírem de forma positiva, sei lá, haverá sempre possibilidade mas eu acho que é tudo uma grande incógnita neste momento, vivemos todos uma incógnita, os próprios analistas económicos, também não sabem bem o que vai acontecer e isto vai também influenciar a economia social. Eu acho que tamos numa fase que não dá pra ter grandes perspectivas de futuro.”</p>
	Rafaela	<ul style="list-style-type: none"> • “A nível pessoal deixei de ter muito tempo pra mim, mas eu considero o Montepio a minha segunda família, é mesmo assim, passamos aqui tantas horas, felizmente a camaradagem é muito boa, acabo por conseguir ser eu própria aqui, não estou aqui oprimida, não estou a ser fingida nem nada do género, temos uma relação cordial com todos. • Eu espero que seja bastante promissor, pelos resultados que nós nos vamos apercebendo e felizmente a gerência tem bastante contato direto connosco quando nos transferem as informações a instituição é pra continuar e eu aqui também, gosto e espero continuar, tenho dois filhos para criar e para sustentar, são pequeninos por isso preciso desta estabilidade financeira também para tudo funcionar.”
Externato Cooperativo da Benedita	António	<ul style="list-style-type: none"> • “Neste momento acho que é impossível pensar no futuro, é tudo muito incerto e estamos perante um período muito conturbado, mas penso que num futuro próximo o meu futuro aqui só tende a ser redutor, não será possível de outra maneira.”
	Alexandre	<ul style="list-style-type: none"> • Muita coisa. Não tinha a ideia de querer ficar aqui, acabei por criar raízes. Casar, ter filhos, enveredei uma área profissional, o ensino, que gostava mas não era o que tinha idealizado fazer. • De missão cumprida, sempre gostei de resolver problemas, sou matemático, e se sei que há alguma coisa que precisa mesmo de ser resolvida não saio até que a resolva e vá pra casa com a sensação de

		<p>que tudo o que era prioritário está resolvido.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Desejoso para ver se as minhas estratégias e as medidas que estou a tomar dão frutos.”
Ana		<ul style="list-style-type: none"> • “Muita coisa primeiro é o tempo, eu gasto duas horas de viagem por dia, uma hora para cada lado, mas mudou muita coisa, a responsabilidade, eu também era muito novinha, claro que eu cresci aqui, casei tive os meus filhos, eles tão todos lá mas mudou muita coisa, muitas amizades também, a integração com as pessoas, eu tento ter uma política de trabalho é trabalho, conhaque é conhaque, mas há certas pessoas que considero mesmo amigas, eu tento separar as coisas porque às vezes é difícil gerir tudo. • Às vezes cansada, mas faço o balanço como é uma hora de caminho tenho tempo de fazer o balanço e há dias em que eu me sinto muito feliz quando as coisas correm bem, quando houve miúdos que alguma coisa que se trabalhou que fez algum sentido pra eles, e às vezes frustrada porque por mais que se tente não se tá a conseguir o que queremos e lá está eu é raro trabalhar sozinha, trabalho muito com os professores, funciono com eles como auxiliares terapêuticos como eu lhe chamo, se há um aluno com que eu estou a trabalhar e se eu vejo que é benéfico o professor no final da aula falar com ele, ter uma atenção especial ou falar com os pais, ou assim eu trabalho isso com os professores, que é vantajoso que eles tenham quase como se fosse dois psicólogos, e não vêem só o professor como alguém que tá ali a dar a matéria e não tá preocupado com eles. • Um dia de cada vez, pronto também é muito longe, eu às vezes penso que não me imagino aqui pró resto da vida a fazer estes quilómetros todos os dias, isso é o que impede mais eu pensar que vou ficar aqui pró resto da vida, mas eu gosto muito de estar aqui, também neste momento outro emprego, se eu fosse pra outra escola era com contrato de 11 meses, também não me convinha muito. Mas gosto muito de estar aqui.”
André		<ul style="list-style-type: none"> • “Às vezes cansaço, sinto-me satisfeito, por ter realizado mais um dia de trabalho, apesar de já serem muitos dias de trabalho, sempre o mesmo. • Mudaram muitas coisas, foi aqui que estudei, foi aqui trabalhei e estudei, que me formei, sempre ligado a esta instituição portanto

		<p>mudei, fui mudando constantemente... mesmo a nível de posto de trabalho fui evoluindo.</p> <ul style="list-style-type: none">• Atualmente... Nós temos de evoluir sempre, penso que mesmo assim apesar da idade ainda vou evoluir mais... nunca parei...”
--	--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------